


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, FONOAUDIOLOGIA E SERVIÇO SOCIAL
RESIDÊNCIA INTEGRADA MULTIPROFISSIONAL EM
SAÚDE MENTAL COLETIVA**

Moisés José de Melo Alves

**A VOZ DA MENTE:
Memórias Cartográficas do Jornal Coletivo de um Cais**

**Porto Alegre
2021**



Moisés José de Melo Alves

**A VOZ DA MENTE:
Memórias Cartográficas do Jornal Coletivo de um Cais**

Trabalho de Conclusão da Residência apresentado ao Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Especialista em Saúde Mental Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Porto Alegre
2021

Moisés José de Melo Alves

**A VOZ DA MENTE:
Memórias Cartográficas do Jornal Coletivo de um Cais**

Trabalho de Conclusão da Residência apresentado ao Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Especialista em Saúde Mental Coletiva.

Porto Alegre, 28 de Janeiro de 2021.

**Prof. Dr. Luis Artur Costa
Orientador**

**Maria Lúcia Baldasso
Psicóloga SMS/POA**

**Profa. Dra. Rosane Azevedo Neves da Silva
PPGPSI/UFRGS**

Àqueles que ousam sonhar uma SOCIEDADE SEM MANICÔMIOS e que seguem defendendo de forma alegre (não é preciso ser triste para ser militante!), criativa e intransigente o nosso SUS.

AGRADECIMENTOS

A deidade que agradeceremos dessa vez será Dionísio, uma vez que, como cita Pelbart (2009), diferentemente de um culto apolíneo (razão), o vinho se tornou um afrodisíaco companheiro de viagem no trabalho com a loucura e a loucura trabalho que é a composição de um corpo residente. O café segue sendo primordial, porém a sabedoria nasceu do delírio e os rituais dionisíacos nos abrem às porosidades alegres, tão necessárias ao enfrentamento de todas as políticas de desmonte com as quais temos que nos confrontar cotidianamente (e em comunidade).

Agradeço aos meus familiares que mesmo há mais de 9 anos vivendo com ao menos 1000 km de distâncias seguem sendo morada (o vocativo de onde moram continua sendo casa). Em específico aos alicerces que nos permitem dobrar as lonjuras em afeto: Ana Maria, Zé Maria, Ana Laura, Matheus e dona Laura, imensamente grato!

Aos cenários de prática e às inúmeras relações de afeto/parcerias com as/os preceptoras/es, trabalhadoras/es (que são tão implicadas/os com o trabalho e com a nossa formação, mesmo com todos os cortes), residentas e residentes. Cais Mental, CJ Lomba, Geração POA e ESMA/LENO. Especialmente, às e aos usuárias e usuários; às e aos jovens da Lomba do Pinheiro; às e aos oficineiras e oficineiros do Gera. Não há assistência sem os rostos (nesse 2020 pandêmico, por vezes o rosto foi uma voz do outro lado da linha) e como foram incríveis as histórias partilhadas, como os encontros foram geniais, singulares e generosos com este que vos agradece imensamente.

Aos artigos que dizem respeito à Seguridade Social – e toda a construção democrática que os fez existir em texto na nossa CF-88 (que precisam até hoje lutar para que se cumpram e se respeitem). De modo que agradeço em destaque ao Sistema Único de Saúde, que é o bem mais precioso do Brasil e da sua gente (se não fosse assim, não seria o alvo predileto dos infundáveis ataques).

Às políticas de amizade. A residência nos coloca em situações de vertigem que sem as/os amigas/os não seria possível suportar. Desta feita, quero agradecer a cada movimento que pode se relacionar de uma forma afável durante todos os bons e maus encontros percorridos.

Em especial, àquelas pessoas que foram se tornando morada, família, residência ao longo da residência: à Janys (com quem compartilhei cenário de prática e cenário de casa) e à Dudu.

Ao orientador, e também amigo de tantos carnavais, Luis Artur.

Agradeço às pareceristas, mulheres geniais e inspiradoras, com quem tenho um carinho imenso e que gentilmente aceitaram o convite: Maria Lúcia e Rosane Neves.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pública e de qualidade, que acolhe a RIS-SMC e nos foi morada nessa especialização, através de suas trabalhadoras (tutoras e coordenadoras) que generosa e politicamente vestem a camisa para manter essa formação em serviço viva.

À clínica política.

*“Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala de ‘erguer a voz’, não é um mero gesto de palavras vazias: **é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta**”.*

Bell Hooks

“Um pouco de possível senão sufoco”.

Gilles Deleuze

RESUMO

O presente trabalho é fruto das memórias de uma oficina terapêutica realizada em um Centro de Atenção Psicossocial Adulto (CAPS). Apresenta três usos metodológicos da narrativa ficcional: a escrita ficcional do residente inspirada em suas experiências com a oficina; a criação colaborativa de uma personagem ficcional como dobra do grupo e, por fim, a própria composição coletiva do jornal com suas matérias, colunas, entrevistas, em uma narrativa-memória do CAPS. O trabalho versa, portanto, sobre as linhas que compuseram a primeira edição do Jornal “A Voz da Mente”, uma oficina de produção de matérias, coberturas e reportagens que se utilizou do jornalismo como tarefa grupal à comunar o cuidado em liberdade. Dessa forma, na correspondência ficcional de e-mails entre Bento e a Editora-Chefe Anabella (personagem criada na oficina), é narrado o modo como se deu a construção da proposta desse espaço terapêutico a partir da filosofia da diferença e de como o grupo foi inventando coletivamente o cuidado com todo o serviço. Assim, o trabalho problematiza as políticas de clínica como clínica política, visando a defesa intransigente da Luta Antimanicomial e do Sistema Único de Saúde (SUS).

Palavras-Chave: Luta Antimanicomial; Narrativa Ficcional; Clínica Política; Psicologia Social; Filosofia da Diferença.

ABSTRACT

This work is one of the outcomes of memories of a therapeutic workshop held in a Centro de Atenção Psicossocial Adulto (CAPS). It shows three uses of fictional narrative methodology: the resident's fictional writing inspired by his experiences in the workshop; the collaborative creation of a fictional character as a group fold and, the collective elaboration of the newspaper itself with articles, columns, interviews, resulting in a CAPS memory-narrative. The work, therefore, explains about the lines that composed the first edition of the newspaper named "A Voz da Mente", a workshop production of newspaper articles, covers and reports that used journalism as a group task to produce a common policy of care in freedom. Thus, the fictional emailing between Bento and the Chief Editor Anabella (the character created in the workshop), narrates how the proposal for this therapeutic space was built based on the philosophy of difference and how the group collectively invented the care within the whole service. Thereby, this paper problematizes the clinical policies as a political clinic, aiming at the unyielding defense of the Anti-Asylum Movement and the Sistema Único de Saúde (SUS).

Keywords: Anti-Asylum Movement; Fictional Narrative; Political Clinic; Social Psychology; Philosophy of Difference.

SUMÁRIO

1. QUAL A PORTO?.....	11
2. É SÓ EMBARCAR	19
3. PRIMEIRO CONTÁGIO.....	23
4. JULINA FESTA.....	47
5. DOENÇA MENTAL NÃO É UM BICHO DE 7 CABEÇAS.....	62
6. CAPS EM CONSELHO	82
7. O MEU ANEL DE BAMBA.....	93
8. TODO CARNAVAL TEM SEU FIM	102
9. JORNALAR	113
10. REFERÊNCIAS.....	119
ANEXO A – Biografema da Editora.....	124

1. QUAL A PORTO?

A tarefa do final de semana era a seguinte: lavar roupa.

Tinha aquela outra de se perder pela cidade também, mas a prioridade era mesmo a pilha que cada vez mais se amontoava no cesto ao lado da escrivaninha. O quarto já estava ficando insalubre e as tiras que delimitavam o tamanho do objeto já não suportavam mais nenhum empurrão sobre as roupas de cima, estavam basicamente ao ponto de estourar.

Sábado. Manhã, tarde e noite chuva intensa – nada de roupa lavada, uma vez que não secariam e ficariam com aquele delicioso aroma de mofo, tampouco a tal deriva por Porto Alegre:

- Aliás, que porcaria de viagem é essa?

Bento já conhece a cidade, morou lá por mais de dois anos, já fala Bah, Tri, Capaz, Guri, Guria. Se perder para quê mesmo? Foca na roupa! Uma série original Netflix para relaxar após um estressante dia de pijama dentro do apartamento, além de também conseguir puxar assuntos aleatórios pelo *WhatsApp*. Pipoca e cama.

Domingo, nada de sol. Muito pelo contrário, na verdade, uma garoa fina se mistura com os poucos raios que conseguiram se embrenhar por entre uma densa cortina de nuvens escuras. O rapaz não quer repetir os erros do “tu deves”, os danos culposos que tanto castigaram seu estômago. Porém, como sair desse platô conhecido de longa data? Como se esquece esse sentimento “quase companheiro de viagem” que faz morada há tanto tempo?

- Caminhe!

E a roupa suja?

- Caminhe.

- Para se perder tu precisas de um método – disse em tom monótono a coordenadora da residência.

A frase não faz lá grande sentido, porém é verdadeira – o modo aleatório do seu *Spotify* só funciona devido a um algoritmo que exerce o papel de embaralhar as músicas armazenadas na *playlist* selecionada. Não basta uma postura de “vou me abrir ao acaso”, uma vez que não existe um mundo novo apartado das condições de possibilidade, mas sim transformação destas. Deste modo, para nos desviarmos dos métodos tácitos ou explícitos, conscientes ou inconscientes, que construímos em nossos modos de existir ou de atuar como profissionais, temos de nos impor outros

contra-métodos, este sim explícitos que façam questão aos nossos modos de existir-agir.

Agora, estamos naquele preguiçoso pós almoço e o tempo (in)felizmente deu uma amainada.

- Como faz para se perder?

- Ora, erija um método!

E o método/procedimento utilizado por nosso, agora, querido residente foi o seguinte:

1. Nada de gps;
2. Nada de celular;
3. Nada de ruas conhecidas;
4. Encontre uma praça. Sente-se no primeiro banco, abra o Cidades Invisíveis e tente desvendar que Porto é essa que se avizinhará e se desvendará num domingo à tarde (guarda-chuva é opcional).

Tênis calçados, lá foi Bento.

Como era para se perder levou consigo um pedaço transicional de seu avô: o chapéu que seu velho amigo o dera ainda em vida. Afinal, quem quer se perder ao menos precisa, além do método, se sentir um pouco em casa. Por isso o boné, cheio de histórias entremeadas aos fios brancos que indicam a passagem das décadas delicadamente coladas na parte superior de seu interior.

Subiu a rua São Manoel e seguiu Santana à dentro. Direita, esquerda não importava tanto, desde que no final tivesse se perdido e pudesse chegar ao seu destino: o Catamarã. Sim, algo ao menos precisava fazer sentido, o rapaz queria fazer um passeio de barco para que a porcaria da escrita – odeia escrever – pudesse ficar um pouco mais aprazível ao compartilhá-la com os colegas de turma na segunda.

Talvez uma saída à culpa seja a sua substituição por algo prazeroso. Ler e caminhar os são. Desse modo, o perambular pelas ruas foi gradativamente ficando um tanto quando mais agradável, até o momento em que realmente Bento se encontrou perdido.

O único instante que se deu conta de qual lugar percorria, foi chegando próximo à entrada do bairro da Azenha, pois avistou as ruínas do antigo estádio tricolor. Como

tem aversão à dupla GreNal – nossa personagem é Xavante doente – rapidamente deu meia volta e retomou os trilhos do desconhecido.

A primeira praça encontrada trouxe o primeiro verso do livro. “As cidades e os Olhos”. Nela, o viajante Marco Polo conta que não percebe que chegou no local. A cidade de Bauci fica elevada e toca a terra apenas por suas pernas de Flamingo.

Há três hipóteses a respeito dos habitantes de Bauci: que odeiam a terra; que a respeitam a ponto de evitar qualquer contato; que a amam da forma que era antes de existirem e com binóculos e telescópios apontados para baixo não se cansam de examiná-la, folha por folha, pedra por pedra, formiga por formiga, contemplando fascinados a própria ausência. (CALVINO, 2015, p. 83).

A tal praça era a de uma escola infantil carinhosamente apelidada de “Girafinha”. Ali, Bento pensou que havia entendido o que era para ser feito. E foi um soco em seu estômago, mas daqueles bons.

- A cabeça só pensa onde os pés estão pisando.

- Rompa com o telescópio e se permita entrar em contato com a terra! Quem sabe era mesmo para sair dos muros da academia e entrar em contato com a realidade dos serviços.

Sobe lombã.

Desce lombã.

Agora, de frente a uma bonita igreja, pode avistar a próxima parada. Enquanto uma missa era celebrada, Calvino nos contou sobre Adelma, uma das várias cidades dos mortos descritas em nosso exemplar. Nesse capítulo, fala sobre o pesadelo de cada viajante, entrar em uma cidade onde você se depara apenas com um mundo imaginário, em que não vê nada além de pessoas familiares mortas a transitar por teus sonhos – no entanto, essas personagens oníricas não necessariamente faleceram na vida real, ou pior, ao viajante é omitida essa informação, já que está há muitas léguas de casa. Morte, porém, não é o inverso da vida. Mas um processo de corpos, inclusive o nosso próprio, quando vamos acumulando perdas ao longo do caminho para dobrar e afirmar novos mundos possíveis – terapia ajuda muito no meio dessa estrada.

Mesmo cansado, guardou o livro na sua bolsa reciclável e seguiu.

Bento não parou, tampouco os devaneios entre as novas velhas calçadas das ruas que caminhava. Na verdade, só foi tomado de assalto desses pensamentos que o invadiam insistentemente quando pela primeira vez sentiu-se amedrontado por estar

sozinho e sem gás. Esse momento, talvez tenha sido o mais próximo daquilo que a experiência do se perder pela cidade quisesse provocar. Esse instante de se deparar com o desconhecido ocorreu logo após ter dado meia volta quando avistara o Olímpico.

Porto Alegre era rica, com casas muito bem cuidadas, tal qual o asfalto de suas ruas, grandes portas e janelas compartilhando o espaço com belos jardins que podiam ser vislumbradas através de enormes grades e seus sistemas particulares de seguridade social. Essa mesma Porto Alegre de repente se viu pobre. Mato alto, chão batido com inúmeras poças ao lado de um córrego com odor que não precisamos mencionar para não estragar a leitura, vai que o Leitor esteja fazendo alguma refeição – realmente havia chovido muito durante aquele final de semana.

Ali, nessa cidade diferente, foi então que uma parede branca toda descascada anunciou:

- “Aliados de Sartori e Marchezan são inimigos da Cruzeiro”.

Foi o primeiro momento em que o privilégio de ser homem e ter a sensação de que pode sair a caminhar pela cidade sozinho foi colocado em xeque. Pela precariedade da via era nítido: chegamos em uma vila. Uma das mais violentas por sinal. Para sorte de nosso jovem era hora do jogo do Colorado. Alguns bonés de aba reta vigiavam a entrada das vielas, mulheres sentadas em cadeiras de praia com seus filhos no colo papeando no meio da avenida em obras inacabadas e provavelmente infundáveis. Muitos cachorros de rua brincando com os meninos mais velhos daquelas senhoras que mateavam sorridentemente. De fato, Leitores:

- Era outra POA – pensamento que conflitava com o ar ofegante que inundava o disparar dos batimentos.

Praça não se enxergava, havia mais de uma hora de caminhada e nada de área de lazer por aquelas bandas. Abaixa a cabeça e caminha ligeiro, pensou consigo. Assim, confessamos, um tanto quanto ansioso, nosso querido residente rumou tentando encontrar o seu destino.

Esquecemos de contar. Antes do rapaz ter se deparado com o tal desassossego, ao se perceber em uma Porto de vila, uma outra praça foi encontrada: “As cidades contínuas”.

Essa era em meio a vários conjuntos de prédios, acreditamos ser no bairro Santo Antônio. As cidades contínuas são as mesmas, termo a termo, ponto por ponto, “só muda o nome do aeroporto”. Pensamos estar no Santo Antônio já que a cada novo bairro a boa e velha criatividade do brasileiro cai por terra quando se trata de batizar os estabelecimentos comerciais. A tal pracinha fica ao lado da mercearia Santo Antônio, que fica imediatamente ao lado da drogaria, do pet shop, da casa de carnes, do aviário e da padaria Santo Antônio. Bem como a drogaria, padaria, pet, academia Santana e o aviário drogado acadêmico pároco padaria e madeireira Cristal, Cruzeiro, Azenha. O que muda é o nome da vizinhança:

- Para que gastar com GPS?

O caminho para o Catamarã era longe e passava pela maior lomba que nosso residente já subiu na vida. Após todas as entradas daquelas vielas darem um sossego, uma vez que praticamente todas elas eram vigiadas por câmeras de segurança instaladas a altura dos olhos de meninos negros jovens, Bento dobrou à direita em direção ao Guaíba. Na verdade, àquela altura da tarde, caminhou mesmo ao encontro do pôr do sol, com a promessa que se tornara um pequeno fio de esperança de encontrar a bilheteria da embarcação.

Em meio a todas aquelas casinhas de construção com materiais mais simples, por onde há horas caminhava, uma delas destoava e saltava àquela multidão de moradias que pouco diferiam umas das outras. De longe, era possível ouvir a letra de um funk que embalava a solidão silenciosa daquela tarde preguiçosa de domingo. Era uma casa de esquina, ambas um tanto quanto precárias. A música se concentrava e provinha do quintal, escondida atrás de sua fachada e algumas sonoras risadas também puderam ser escutadas. Nada surpreendente, porém, Bento ficou admirado mesmo com a sua cor, a única residência que quando tingida não era de branco: um singelo, mas profundo, lilás preenchia a sua fachada de madeira de certa alegria. Curiosamente, ela não era separada da rua por nenhuma grade, parecia muita afeita ao toque, bem como desafiava os enunciados que o Jornal do Almoço constantemente utilizava ao se referir a sua comunidade. De certo modo, não bastando a desigualdade social extrema, os estigmas vêm para re-ferir às comunidades e sua população, ferindo-as uma vez mais com alcunhas que usualmente abismam ainda mais as disparidades sociais por lógicas classistas, racistas e misóginas.

Após longos quinze minutos de subida e com a sua garrafinha completamente vazia, a última praça. Ali, em meio a respiração completamente ofegante, ignorou por

completo da segunda regra que havia erigido ao seu exercício: nada de celular. Foi inevitável fotografar. Do alto daquele morro, a vista do lago Guaíba era indescritível. Bento recebeu um presente de fim de festa. De lá via-se toda a chegada dos rios a formar o estuário. Até mesmo o Sol aceitou o convite do procedimento caminhante desse domingo – parece uma força de expressão para a narrativa terminar mais bonita – e alguns de seus raios romperam o céu nublado, de modo que pareciam brincar com os dois barcos à vela solitários lá embaixo. O rapaz, de tão perdido e admirado, dessa vez esqueceu de cumprir com o acordo firmado com seu método e definitivamente não lembrou de retirar o surrado Calvino da sacola.

Embora com a língua para fora e as mãos no joelho, Bento sentiu-se de certa forma confortável nesse cenário, deixando de lado o rigor tensionador dos contra protocolos aos quais havia se proposto. Podemos pensar que, neste momento, mais do que se perder, Bento retomou seu território desde um novo lugar. Porém, certamente não se encontra o mesmo, volta sobre si em sob um novo ritornelo depois dos trajetos errantes percorridos. Faz nova casa, nova residência.

Seria a própria residência uma caminhada que constrói um território?

Para tentar ordenar a imanência caos que constitui o nosso mundo, Deleuze e Guattari (2012) propõem o conceito de Ritornelo. Segundo os autores, em meio a esse nosso mundo que deveio caos, passamos a compor pequenos versos morada, espécie de pequenos refrões que marcam e concedem um chão a nossa existência. Dessa forma, o território na verdade são os atos de territorialização, com a função de conceder uma zona espacial, quando os meios deixam de ser vetores de direção para se transformarem em vetores dimensionais. Nesse sentido é que entra a sonoridade/ritornelo a fomentar a constituição dos territórios singulares que nos permitem nos assegurar de uma espacialidade casa (que de certo modo concede um lugar familiar) para podermos estar no mundo de uma maneira menos enlouecedora.

Pensar o território dessa maneira, como espacialidade existencial, nos permite brincar com a própria noção de território biopolítico com todos os seus índices a indicar a maneira como o governo das condutas deve ser efetuado. Partindo de uma delimitação estritamente biopolítica, a noção de território é um conjunto de vetores de possibilidade de ação a partir de questões relacionadas a certos indicadores de

prevenção e promoção (da saúde, segurança, assistência etc.). A “Porto Vila” percorrida é nitidamente marcada por uma leitura biopolítica que enuncia os corpos que não importam. Os constantes (re)ferimentos midiáticos e a própria ação violenta do braço armado do Estado a partir do pressuposto da “ordem” (entre aspas para marcar mais um eufemismo, tentando tornar menos duro pensar e escrever sobre o genocídio da juventude negra em nome da suposta guerra às drogas) e também a sua violenta não ação, através da negligência de direitos básicos à população periférica. Neste tracejar, Bento pode experimentar e se afetar por este território para além dos índices da governamentalidade. Nessa experimentação, foi possível ultrapassar a tal definição biopolítica e se permitir ao contágio de mais um mapa à composição com a cartografia existencial do rapaz. Jogar o corpo à experiência é bem diferente de pensar a questão através dos livros (o que não quer dizer que a teoria não seja de extrema relevância). No entanto, há uma certa frieza nessa posição do distanciamento que nos tentam convencer ser necessário quando na academia – de certa forma talvez seja semelhante com o tácito lugar que dista muitas Porto Alegres daquele que irá decidir qual bairro deverá receber saneamento ou qual UBS funcionará sem a quantia mínima de profissionais, decisões biopolíticas estas geralmente tomadas no interior de um confortável gabinete.

Após tanto subir e descer morro, naquele ponto, Bento decidiu que era o término da itinerância. O passeio à Guaíba, que nunca fez, vai ficar para uma próxima. De cima desse morro, enfim, pode se localizar, não pelo celular, mas sim com os conflitos internos com os seus sentimentos Xavantes – o belo gigante da Beira-Rio havia atrapalhado a sua foto do entardecer alaranjado do horizonte. Tinha rodado um bocado aquela tarde, mas ficou feliz em perceber que estava próximo à Orla com a qual se delicia em seus passeios de bicicleta aos fins de semana.

A beleza, a camisa molhada, o suor escorrendo pelo rosto e aquela alegria que nos dá nos grupos musculares logo a um grande esforço (os neuroquímicos inflamam o peito a afirmar que é a ação da endorfina). O cansaço, o pôr do Sol, tudo auxilia neste movimento de eterno retorno a nós mesmos em dobras¹ diferentes. Tampouco

¹ Esse conceito é deleuziano (a partir da releitura bem própria que o filósofo faz das Mônadas de Leibniz) e utilizado para pensar o território existencial, a partir de sua leitura desdobrada aqui no Brasil. Assim, como afirma a professora Rosane Neves: “A dobra exprime tanto um território subjetivo quanto o processo de produção desse território, ou seja, ela exprime o próprio caráter coextensivo do dentro e do fora. A dobra constitui, desse modo, tanto uma subjetividade como território existencial, quanto a subjetivação, entendida aqui como o processo pelo qual se produzem determinados territórios existenciais em uma formação histórica específica”. (2004. p. 239).

está em sua casa, mas sim em uma nova casa: atualizado, ali, em meio à nova praça. Casa na qual novas coisas são possíveis e novas questões são colocadas. A cidade e seus trajetos deixaram marcas no corpo de Bento. Sua capacidade de afetar e ser afetado por aquela Porto se transformaram. A Porto e o Bento são outros e os mesmos a um só tempo – movimento este próprio do tempo da experiência. Este aconchego/abrigo que não é o retornar ao mesmo Bento e sim ao Bento-depois-da-caminhada fazendo também mirada ao Bento residente dos dias depois de amanhã.

Casa, território, morada, residência a polissemia é uma das virtudes da nossa língua – que, não podemos olvidar, é também bastante violenta. São infinitas as possibilidades de definição, delimitação e composição. Naquele fim de semana, Leitora, o rapaz ainda não sabia que teria o Cais Mental para aportar e chamar de residência durante o restante daquele primeiro ano como trabalhador – a definição dos cenários de prática ocorreria alguns dias distantes dessa deriva.

Assim, Bento tomou o rumo de sua residência absorto em pensamentos. Nesse trajeto lentificado depois dos tantos quilômetros percorridos, estava sem saber afinal qual Porto percorreu, sem saber afirmar qual era a tarefa daquele final de semana e sem saber se haveria camisa limpa para vestir para ir trabalhar amanhã.

2. É SÓ EMBARCAR

Há certo humor ao iniciar um texto.

Não se sabe muito bem qual caminho seguir: como traçar linhas, rabiscar os conceitos, inventar diálogos possíveis, começar as narrações? Possivelmente Foucault estava sorrindo ao escrever: “Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios [...]” (FOUCAULT, 2014a, p. 15). O sorriso talvez nos sobressalte, pois a pergunta do por onde iniciar vem acompanhada de uma infinidade de possíveis, afinal o papel aceita o qualquer. Assim, transformar o percurso da experiência em língua trata-se sempre de uma invenção, e esse jogo, por vezes, nos remete à criança que nos é roubada e que nos escapa quando nos deparamos com as durezas do mundo.

Quando recordamos esses tempos mais leves da despreocupação cotidiana, atualizamos em nós o tempo do brincar, quando geralmente nos pegamos inundados pelas imagens das experiências (sempre) partilhadas. Quando jogamos nunca estamos sozinhos (mesmo nas brincadeiras solo) e a figura do amigo se torna afável como nos é, hoje, uma xícara de café. Bento talvez seja esse café-amigo-heterotópico que nos faz brincar com conceitos e nos ajuda a pensar, produzir e narrar os diversos territórios que nos habitam. Podemos afirmar que é uma política de amizade no texto que escancara como método a necessidade de afirmar o que deveria ser uma obviedade: o saber não é neutro. O corpo do pesquisador está sim afirmando mundo no colorir das páginas em preto e branco do word.

Bento nos acompanha de longa data, já teve outros nomes e até poderia receber um novo batismo. No entanto, não fomos criativos o suficiente para tratá-lo por outra alcunha. Em suas itinerâncias por POA, conseguimos enxergar o quanto inventou novas corporidades/territórios aos sabores desses longos meses como residente – bem como o quanto as suas marcas de expressão se tornaram mais vigorosas. Nesse trabalho, precisamos iniciar a tarefa de revisitar todo esse processo e entregá-lo em forma de uma produção intelectual. Nitidamente, Leitores, a ficção nos acompanha e vamos seguir tentando ser bons companheiros de viagem.

Nos deambulares dessa política de uma amizade-heterotópica compartilhamos as intensidades, afinidades, sotaques e alguns muitos pores-do-sol entre os dois pontais do lago Guaíba. Em Pelotas, onde a nossa personagem nasceu, mateando

na praia do Laranjal ou na Colônia Z-3 (para aprender como faz para lidar com o frio desse Estado) e em POA, prolongadas conversas após os quilômetros de bicicleta pela nova Orla – algumas vezes tivemos a oportunidade de fazê-lo ao embalar no movimento da lagoa a bordo do Paciência. Trabalhamos juntos durante a graduação com os meninos do projeto do Crack, nas assembleias estudantis noite adentro, nos protestos de nosso coletivo organizado, nos saudosos sambões do Bar do Zé, nas ocupações, nos tão nossos jogos de futebol de salão e nas chuvas em temperaturas abaixo de zero assistindo o Brasil jogar no Bento Freitas.

Quando veio para Porto Alegre, para fazer o mestrado, Bento pode confidenciar ao amigo toda a experiência de desterritorialização que decorre de uma simples decisão: trocar de morada. Fomos e voltamos milhões de vezes compartilhando os surrados bancos do Embaixador, na estrada que nunca terminou a sua duplicação. As decisões, vale ressaltar, nunca são tomadas sozinhas. Bem como as escolhas, é preciso que se diga que o processo de individualização dos sujeitos vem das linhas molares molecularizadas através da subjetivação do capital. Ou como diria Rolnik (2018), do inconsciente colonial capitalístico. Desta feita, um pequeno traço decisório, muda completamente o rumo da constituição de nós mesmos.

- É só embarcar!

É o que sempre falávamos em nossas conversas, brincando com o fato de termos deixado o quentinho da casa dos pais (no caso de Bento, de seus avós) para inventariarmos as nossas novas residências. Nesse pequeno enunciado de amizade estão todas as noites de saudade, que segurávamos o choro para não preocupar os nossos caros do outro lado da ligação. Os abraços que aprendemos a dar em quem estava próximo fisicamente e foi se tornando família. As louças que se não lavássemos se tornavam pilha acumulada de pratos e incômodos àqueles com quem dividíamos os nossos apartamentos – tal qual a pilhagem de roupas sujas. Os colos em forma de chocolate aos nossos amigos e amigas. Cervejas no verão e vinhos no inverno, alternando-os nas meias estações.

- É só embarcar!

Sem contarmos culpa, medo, incertezas e inseguranças nos aprendizados mil. Nas dores, que vez por outra se atualizam em lágrimas, dos entes queridos que se foram enquanto não estávamos presentes por justamente termos feito morada em outro porto. Nas desestabilizações provocados ao nos depararmos com os nossos privilégios, quando em um primeiro momento brigamos com eles, nos recusando entender e aceitar o fato de fazermos parte desse sistema de violências. Nos segundos, terceiros e quartos momentos seguimos brigando, porém, agora, tentando buscar alternativas coletivas para tornar a sociedade um pouco mais equânime. O ingresso como trabalhadores do SUS, e o mundo de problematizações que nos foram permitidas e suscitadas em todo esse percurso, nos ajuda a colocar o Si em questão e, portanto, em cuidado. Ao inventarmos uma relação de cuidado com as/os usuárias/os, também nos inventamos nessa relação de troca entre os atores e atrizes envolvidas/os. Aí está a beleza da singularidade desse encontro com as políticas de saúde pública – em todas as suas dores e delícias, durezas e criações compartilhadas.

- É só embarcar!

É nesse feliz encontro que a aproximação pelas afinidades, deslocam um ao outro por possibilidades de diferenças. Há uma imensidão de formas de falar da experiência e a mão que a permite passagem, e que se transbordou em bons encontros, foi essa. Bento transversaliza o emaranhado que nos constitui e nós caminhamos e navegamos juntos em busca de espaços de criação e respiro. Conceitos são importantes, produzem o mundo, mas é no sensível desse mundo que as coisas do mundo operam e multiplicam, não tanto, ali, pelos altares dos mundos acadêmicos.

Nesse sentido, o Trabalho de Conclusão da Residência foi construído a partir do ferramental metodológico da narrativa ficcional através de uma personagem alter-ego-heterotópico (ALVES, COSTA, 2019). Utilizamos dessa aposta metodológica (estética, política e ética), uma vez que o trabalho que será narrado partiu dessa mesma metodologia guarda-chuva, porém com a diferença de ser um alter-ego coletivo de uma oficina que devirou grupo terapêutico. Desse modo, todo o processo de construção do projeto, pactuação com a equipe, os encontros de trabalho, coberturas e entrevistas se encontrará escrito atenciosamente na troca de e-mails entre o nosso companheiro de bordo e a doce Anabella.

Esta, gentilmente aceitou o convite para ser a Editora ficcional do jornal reavivado do Cais. Dessa forma, contaremos ficcionalmente as nossas memórias cartográficas, uma maneira de dobrar as nossas anotações do diário de campo em uma narrativa singular. A Voz da Mente foi um trabalho tão desafiador quando inspirador para uma primeira experiência de posse do nosso CRP. Como diria uma trabalhadora (entrevistada por nossos incipientes jornalistas) no fim de sua trajetória profissional, há um mês de sua aposentadoria:

- Precisamos trabalhar com a clínica viva!

E nós, hoje, recordando essa experiência a fim de compartilhar uma caixa de ferramentas teórico-práticas para se trabalhar com psicologia a partir das linhas da diferença, podemos respondê-la, Leitora, com todo o nosso afeto:

- É só embarcar!

Para ramirez.bella@gmail.com

3. PRIMEIRO CONTÁGIO

Olá, Anabella Ramirez!

Como está?

É com imenso entusiasmo que escrevemos este e-mail.

Acompanhamos há um certo tempo o teu blog sobre saúde mental e gostaríamos de lhe solicitar um auxílio jornalístico – lá encontramos o contato da senhora.

Imaginamos que seja afeita às causas da ordem mais idealista, caso contrário não estaria engajada em nossas bandeiras antimanicomiais.

O pedido:

(já adianto que somos prolixos)

A criação de um corpo psicólogo entremeio aos diversos corpos que nos compõem não é uma tarefa das mais simples. Como nos fazer respeitados por uma equipe que em seu fazer tem quase a nossa idade (afinal são de mais de 20 anos atuando no serviço)? Como potencializar a porosidade em um CAPS, cujas paredes deterioradas marcam a passagem de todos esses anos de reforma? É possível inventar e inventariar aberturas de possíveis?

Quando essas perguntas nos sobressaltam, sempre lembramos de uma assertiva atribuída a Gilles Deleuze: “um pouco de possível, senão sufoco”. 16 horas de prática em serviço em um campo, outras 16 dedicadas a outro completamente diferente. Conhecer o cenário, dialogar com estes profissionais (agora, colegas de cuidado), perscrutar pelas brechas.

- Psicólogo clínico?
- Será?
- Bueno, que tal: A clínica pode e deve ser política.

Esse enunciado se fez premente em diversas lutas e nos tempos de volta dos antigos assombros, ele precisa ser constantemente reafirmado. Marchezan sozinho não foi o suficiente, o golpe às instituições e ao que é público precisava somar outros “entreguistas” a seu seletto grupo executivo: Leite, Bolsonaro e as casas mais conservadoras que há décadas não se elegiam. Estamos imersos e bombardeados a todo instante por notícias nada aprazíveis (se quisermos lançar mão dos doces eufemismos).

Nos perguntamos:

- Há saída?

Por vezes um convite esquizo nos parece salutar!

Dá para inventar personagens da nossa cabeça? Dá para fazê-lo em grupo? Isso seria aceito como estratégia de cuidado ou “ativará” os nossos pacientes? Mas quem irá imprimir? Quem irá assinar? Quem irá legitimar? Quem irá se responsabilizar?

- Hora, todos nós!

- Sem almoço ninguém vem ao Caps.

E assim, aquele grupo “clandestino” que se formou nas gélidas terças-feiras de um Caps que busca sobreviver às várias perdas (de recursos e de trabalhadores) mirava angariar dobras e respostas, para que o desejo pudesse sair da imobilização, peso e dureza que o lamento nos provoca.

- Se quiseres fazer uma oficina, é tranquilo, a gente tem preferência por terça de tarde, não temos nada além do Papel Machê – oficina que findava às 14h.

- Terça está ótimo para nós!

Primeiro passo esquizo: façam alianças com as/os usuárias/os;

Segundo esquizo: construam, vagarosamente, nessa tal equipe a ideia de que as/os usuárias/os são capazes de se tornarem jornalistas, escrever, debater, pautar, perguntar, investigar, protagonizar;

Esquizo terceiro: em um Cais marcadamente lacaniano, que tem grande apreço pelo trabalho psi na clínica individual, apostem que a clínica possa ser alicerçada através de uma perspectiva ética/estética/política coletiva e colaborativa – vale ressaltar que o serviço conta com diversos dispositivos grupais e em formato de oficinas terapêuticas a partir dessa base teórica e, ao longo dos anos, vem sofrendo

cortes sem reposição em seu quadro de analistas (fato que se intensificou desde o golpe midiático parlamentar à presidenta Dilma em 2016).

(Uma colega de residência topou a tal loucura!).

Quarto esquizo: encontrem uma editora voluntária!

É aqui que as nossas Portos se encontram, Editora:

Gostaríamos de saber se a senhora teria disponibilidade para revisar as nossas matérias.

Desde já agradecemos.

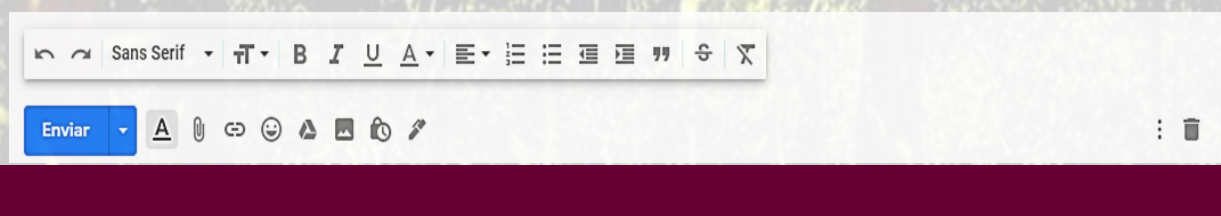
Há BraSUS!

Atenciosamente


Bento

Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS

CRP 07/29878



Re: PRIMEIRO CONTÁGIO

 dosto_bento@gmail.com

Bom dia, caro Residente!

Gostei muito dessa ideia do Caps Centro ter um Jornal!

A carga de trabalho está grande por aqui, eu realmente adoraria ajudar. Contudo, nesse momento, seria inviável me fazer presente aos encontros.

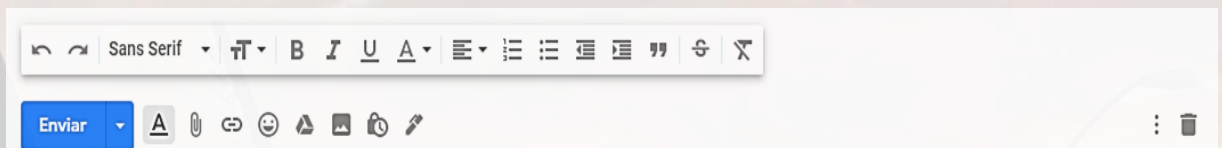
Vamos fazer da seguinte forma:

Tu me envias um projeto e eu penso de que maneira poderia contribuir.


Que lhe parece?

att

Anabella



The image shows a screenshot of an email editor's toolbar. It includes a blue 'Enviar' button on the left, followed by icons for text color, link, emoji, image, video, and signature. Above this is a secondary toolbar with icons for undo, redo, font face (Sans Serif), font size, bold, italic, underline, text color, bulleted list, numbered list, indent, outdent, quote, and link.

Re: PRIMEIRO CONTÁGIO ramirez.bella@gmail.com

Bom dia!

Como está?

Ficamos extremamente contentes e agradecidos pela disponibilidade da senhora. Com a tua ajuda acredito que possamos tirar do papel essa ideia. Na verdade, nos tirou um grande peso de ter que lidar com o desconhecido.

O Cais também nos solicitou um projeto!

Segue anexo, o que construímos até o momento.

Seguimos abertos para as dicas que tu possa nos sugerir!

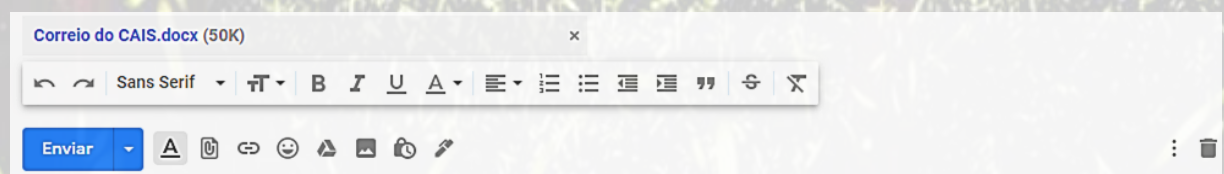
Há braSUS!

Att

Bento

Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS

CRP 07/29878



Projeto de Oficina

“Correio do CAIS”

1. Introdução

Nikolas Rose (2011), usa a questão da invenção dos saberes psi (psiquiatria, psicologia, psicanálise) como fruto da necessidade dos Estados-Nação se consolidarem a partir de um viés científico (pretensamente apolítico). Segundo o autor, as estratégias de governamentalidade desse período (século XVIII) precisavam dessa legitimação acadêmica, uma vez que o sujeito de direitos não poderia ser governado somente pela religião. As práticas religiosas, seguiam operando, no entanto, como remetiam ao período monárquico, não poderiam continuar sendo exclusivas da racionalidade de governo. Desse modo, os cidadãos que comungavam de uma estrutura societária diretamente ligada a deus, corporificada na figura do Soberano, passaram por um processo de interiorização de seu estar no mundo. Nesse sentido, as práticas de saber e de poder passaram a operar e inventar a tradutibilidade da complexidade do comportamento humano em um gigantesco arcabouço estatístico que passou a definir as novas normas que deveriam ser seguidas. Essa invenção sobre o psicológico, ou seja, as práticas que criaram esse aparato técnico e político para subsidiar o governo das condutas, foi extensamente investigado por Foucault (2008a, 2008b). Cabe ressaltar o plano moral que está intrinsecamente correlacionado a definição dos padrões de normalidade, uma vez que os desvios padrões precisavam ser necessária e arbitrariamente corrigidos.

A sociedade do homem livre foi criada necessariamente para os homens brancos europeus de posses, cisgêneros, haja vista que machismo, lgbtqifobia, racismo, capacitismo são estruturais, duram, perduram e violentam até os dias de hoje – há um conceito no Brasil colônia que funciona como analisador que é o de Homem Bom². Essas estratégias de governo europeias foram importadas para o Brasil, o que Rolnik (2018) tangencia em seu último livro através da apresentação do processo de colonização do pensamento. Segundo a autora, as práticas do capital se utilizam de diversos regimes discursivos, entre eles o arcabouço teórico psi, a fim de decalcar uma única imagem de ser humano, que irá tratar por “inconsciente colonial capitalístico”. Empobrecendo, desse maneira, as formas de se relacionar com a

² Como aponta Gouvêa (1998), que analisa o período compreendido entre 1790 e 1882 na cidade do Rio de Janeiro (que já havia se tornado capital), os homens bons eram os únicos que poderiam exercer cargos de governança e que poderiam votar e ser votados. Seriam homens brancos de posse, cristãos e necessariamente com ancestralidade portuguesa.

mundo a partir de uma métrica colonial, branca e das relações de uso do capital – o que elevou à enésima potência a individualização das problemáticas sociais.

Do início do século XX até que a psicologia pudesse entrar no campo da saúde pública na década de 1960, como citam Medeiros, Bernardes e Guareschi (2005), as psicotécnicas objetivavam “o nivelamento dos sujeitos em relação a critérios de normalidade que se aproximam da definição do conceito de saúde como ausência de doenças” (p. 267). As práticas em saúde nesse período eram praticamente determinadas pelo que Campos (2002) se refere como a “Clínica clínica”, aquela ação de saúde compartimentalizada e essencialmente composta pelos saberes médicos especializados. Podemos facilmente notar que nesse período, tal prática centra-se nos discursos de saber/poder a fim de criar dispositivos de normalização, os testes psicológicos são bons exemplares.

Nas décadas seguintes, o combate à ditadura, e, por conseguinte, às práticas antidemocráticas fizeram com que em solo brasileiro a horizontalidade, tanto a nível de gerência como o de saberes técnicos, pudesse ser a aposta. Nesse sentido é que afirmam as autoras: “As proposições do SUS apontam para a saúde como direito do cidadão e dever do Estado; saúde como questão integral [...] como uma questão coletiva [...] saúde a partir de dados epidemiológicos construídos com a população, e não mais baseada em dados mercadológicos” (MEDEIROS; BERNARDES; GUARESCHI, 2005, p. 269). Dessa forma, com a consolidação das reformas psiquiátrica e sanitária, no fim da década de 1980, o trabalho em saúde pública que se quis pelos movimentos reformadores era o que tinha a horizontalização dos saberes e práticas profissionais como meta – em especial aos dispositivos do cuidado em liberdade.

A problemática da hierarquização e dos reducionismos é trabalhada por Pelbart (1991) nesse clássico texto acerca da reforma psiquiátrica brasileira:

Trata-se de saber primeiramente se faremos com os loucos aquilo que já se fez com homossexuais, índios, crianças ou outras minorias - ou seja, definir-lhes uma identidade, atribuir-lhes um lugar, direitos, reconhecimento, até mesmo privilégios – mas ao mesmo tempo torná-los inofensivos, escravizando o seu potencial de desterritorialização. Por potencial de desterritorialização entendo aqui esse potencial secreto e admirável de embaralhar os códigos, subverter as regras do jogo e transpor ou deslocar os limites, sempre de um outro modo, seja através de um devir-bicha, de um devir-negro, de um devir-nômade ou de um devir-louco, e ora assumindo um rosto estranho, ora ameaçador, sacrílego, herege, criminoso ou delirante (p. 132).

O pensador ajuda a trabalhar a questão do cuidado que se quer nessa nova tentativa de se fazer saúde. A partir dessa perspectiva é que as redes de atenção são constantemente testadas. Dessa maneira, o autor já fazia essa provocação na década de 1990, se lutamos tanto pela democracia, e por uma nova lógica de cuidado, continuaremos utilizando nosso saber para produzir clausuras?

Barros (2013), parte desta questão para pensar as grupalidades. A autora realizou a sua graduação no período ditatorial, de modo que as reuniões eram proibidas pelos atos institucionais. Assim, afirma que a pedagogia e psicologia se ocupavam cada vez mais práticas individuais e individualizantes. Essa tese reforça a necessidade de pensar o trabalho da clínica com dispositivos que prescindam do modo-indivíduo de se viver no mundo, tal como era pensado o movimento da reforma. Essa forma de compreensão do sujeito como uma identidade rígida, corrobora a captura do capital (clausura individual), de forma que as dualidades facilmente assumam o protagonismo, fomentando as leituras dicotômicas: individual/coletivo, interior/exterior, normal/patológico, pessoal/social, política/desejo, indivíduo/sociedade. Em seu livro dedicado aos grupos, a autora faz um vasto trabalho genealógico de como as teorizações grupais foram construídas ao longo do saber sobre o psicológico. Dessa maneira, cita as mais variadas linhas que disputaram a construção e o uso das técnicas grupais para o desenvolvimento da sociedade.

Nessa perspectiva, ela apresenta um vasto percurso epistemológico ao longo das páginas, citando autores da psicanálise, como Pichon-Rivière, Bion, Freud, o psicodrama de Moreno e também da escola experimental estadunidense, como Mayo, Lewin. No entanto, aponta que a grande maioria dessas abordagens utilizam o modo-indivíduo como conceito universalizante dos sujeitos que constituem o grupo, de forma que facilmente essas concepções recaem na dualidade de separação grupo/indivíduo, além do campo grupal ser concebido como um ente totalizado em si. Dizendo de outra forma, ao conceber o sujeito a partir de uma identidade fixa, o grupo também é prefixado como uma entidade universal, de modo que se conforma a partir da lógica do terceiro excluído: a uma visão estruturalista que tende ao equilíbrio, de forma que essa pretensa estabilização invisibiliza a multiplicidade que se dá no encontro do grupo (BARROS, 2013).

Para sair dessa cilada, tanto no sentido de romper com a imposição de dicotomias nos sujeitos integrantes do grupo, como da grupalidade totalizada em si mesmo, a autora propõe que o indivíduo deve ser entendido como um processo de

subjetivação, isto é, cada um precisa ser pensado de forma singular. Desse modo, propõe o entendimento de que nós somos unos-múltiplos, ou seja, que sim temos a limitação do corpo que é único, contudo, este é constituído pelas mais diversas linhas de subjetivação e dos marcadores sociais da diferença, como raça, gênero, classe, sexualidade. Dessa maneira, diz que um sujeito pode até mesmo ser lido como uma grupalidade, posto que fabricado pelos inúmeros enunciados que vetorizam o seu estar no mundo. Nesse sentido, segundo a autora, no trabalho com o campo grupal se faz impreterível estar atento a algumas advertências: “Três direções norteiam a intervenção em grupos: a problematização, a desindividualização e a experimentação.” (BARROS, 2013, p. 321). É dessa maneira que ela sugere um grupo concebido a partir do paradigma ético-estético-político, na lógica do terceiro incluído, com esses três conceitos/linhas que possuem cada qual as suas inúmeras ramificações possíveis. Aliado a essa compreensão do sujeito como uma multiplicidade e do campo grupal como fruto da interação desses sujeitos grupais, o grupo do jornal é pensado tomando essas três direções como horizonte de trabalho.

Os CAPS são um dos serviços substitutivos de maior relevância da rede de atenção psicossocial. Estes serviços são uma das mais importantes e potentes ferramentas de produção de saúde junto aos transtornos mentais severos e persistentes a partir do cuidado em liberdade. Na esteira desse enunciado, o Correio do Cais – apelido provisório e carinhoso à nossa oficina – pretende se inserir na grade de funcionamento do serviço, visando ser mais um de seus dispositivos clínicos. A nossa aposta é a composição de um lugar comum no interior do grupo, onde as fronteiras entre as/os residentes/es e as/os usuários/jornalistas possam ser hibridizadas, de maneira que não fiquem tão evidentes. Nesse sentido, se procura transfigurar esse meio de comunicação ao convidá-lo a participar dos planos terapêuticos singulares. Dessa forma, essa proposição é pensada como um possível disparador de inquietações que posteriormente irão se tornar matéria, seja ela jornalística ou, no que aqui se busca compor: matéria de cuidado. Além disso, se quer trabalhar acessando o plano de composições que escreveram Deleuze e Guattari (2013), a fim das operações estéticas (no sensível das percepções e afectações) também se inserirem como instrumento de cuidado. A intenção, portanto, é que no decorrer da confecção do jornal, as matérias, entrevistas, coberturas, se tornem um lugar terapêutico em grupo e pelo grupo.

2. Duração

Este projeto durará o período em que as/os residentes/es estiverem no cenário de prática – a saber, até o final do mês de janeiro, uma vez que fevereiro será período destinado as férias e depois necessariamente trocaremos de campo. Ele está pensado, portanto, para o seu início em junho e sua finalização em janeiro do ano seguinte. A previsão inicial é a construção de duas edições do Correio do Cais (nome fictício, visto que a ideia é criar o nome do Jornal como a primeira tarefa do grupo), com previsão de tiragem e distribuição de exemplares. Se der certo, gostaríamos que a oficina pudesse ser incorporada à grade de oferta do serviço, para que possa ser um espaço terapêutico com sequência nos próximos anos.

3. Justificativa

A partir da inserção no serviço, notamos que o jornalismo é uma das formas de linguagem de maior circulação no cotidiano do CAIS. Durante as assembleias sempre a Zero Hora é convidada a participar, tal como os próprios usuários são provocados a trazerem suas pautas e a darem as suas notícias, especialmente sobre os seus finais de semana – uma vez que a mesma ocorre nas segundas-feiras. Na sala do Centro de Atenção Diária (CAD)³, é quase uma regra a televisão estar ligada nos horários em que há telejornal na rede aberta, quando o espaço é inundado pela veiculação de informações. Assim, nada mais justo que os usuários do serviço possam se propor a desenvolver o seu próprio dispositivo de criação e transmissão de notícias. Dessa forma, ao se inserir na grade de atividades, a oficina foi gestada no sentido de potencializar essa forma de expressão ao transformá-la em um espaço clínico/terapêutico. Nessa perspectiva, o jornalismo que muitas vezes é utilizado de forma sensacionalista e/ou munido de notícias inverídicas, multiplicador das mais variadas ansiedades e angústias, poderá ser transversalizado em matéria de cuidado ao longo do processo de fabricação do nosso jornal singular e singularizador.

³ O CAD é uma indicação terapêutica aos usuários que apresentam uma agudização em seu quadro. Nesse serviço, a sala é de uso comum, como se fosse uma sala de convivência que convencionou-se chamar de sala do CAD, pois é o local do Caps em que o técnico de referência do CAD costuma ficar. Desse modo, primando pela multidisciplinaridade, os profissionais se revezam nessa função.

Nesse sentido, com a oficina, se pretende criar em um primeiro momento um espaço comum entre residentes/es e usuáries/os, quando todes se tornarão jornalistas de primeira viagem. Desse modo, como citam Kastrup e Passos (2013), a transversalidade pode ser constituinte da coletividade grupal “um coeficiente de abertura para experiências singulares, tendo em vista uma aprendizagem coletiva e a construção de um conhecimento comum.” (p. 269). O comunitário, desta feita, se fará pela invenção de um espaço de cuidado através da abertura a aprendizagem do fazer jornalístico nesse encontro heterogêneo. Nessa perspectiva, não tomaremos a noção de comum como homogeneização identitária, mas no exato oposto, a comunidade do grupo será naquilo que difere, em um plano comum composto por cada um dos diferentes processos singulares. Os autores afirmam que o comum é sempre um ato político de comunar um bem comum, de modo que no exercício prático da experimentação é que se dará o pertencimento. Apostaremos, portanto, no mergulhar à experiência para inventar um corpo grupal de cuidado.

Partiremos, dessa maneira, de dois conceitos básicos que são caros ao processo de reabilitação psicossocial: autonomia e protagonismo. O primeiro deles se dá na perspectiva descrita por Tykanori (2010), em que o conceito é pensado fazendo uma diferenciação de sua concepção senso comum, quando autonomia é facilmente confundida com uma suposta independência absoluta. Para o autor, somos mais autônomos quanto maior a nossa capacidade de fazer alianças, ou seja, dependermos do maior número de relações possíveis. Aqui, pensamos que o cuidado em liberdade se insere nesse horizonte, mirando a possibilidade de potencializar as alianças, uma vez que as instituições totais primam exatamente pelo contrário. O processo de reinserção social, segundo o autor, visa reparar três dimensões que são retiradas do sujeito quando se é colado o estigma de doente mental: “[...] trocas de bens, de mensagens, de afetos” (p. 55). Ou seja, apartado do regime de trocas, a sua capacidade de contratualizar com o mundo fica extremamente deficitária.

O aniquilamento dos sujeitos pela prisão manicomial, e seus psicotrópicos, fez com que as possibilidades de vida se restringissem quase que exclusivamente ao caminhar pesado e enclausurado do haldol. Nesse sentido, pensar protagonismo e autonomia se fazem extremamente necessários para não incorreremos no erro dos não tão incomuns minicômios, ou seja, a reprodução da lógica manicomial no interior dos dispositivos da Raps (Rede de Atenção Psicossocial). Na esteira desse pensamento, a função comunicação precisa ser problematizada extensivamente para que os

processos de tutela para além dos muros manicomial não voltem a ter força, de maneira que a função escuta passa a ser imprescindível às práticas de liberdade.

Nos parece uma obviedade, porém como cita Kilomba (2019), apagamento e silenciamento se fizeram/fazem também quando o sujeito que enuncia não é escutado. Ainda que este fale, o endereçamento da mensagem fica ao vazio (processo que inúmeras vezes pode ser observado nas praças quando moradores em situação de rua estão se comunicando sozinhos, o que se configura como um grande analisador dos processos de silenciamento). Em seu livro, a autora trata do tema dos silenciamentos a partir de um olhar atento aos racismos cotidianos. É bastante pertinente pensar a instituição dos manicômios no Brasil a partir de uma perspectiva antirracista, uma vez que este dispositivo foi um dos principais lugares de depósito à população escravizada pós alforria. Cida Bento (2014), faz extensa referência a esse processo como materialização dos enunciados da necessidade encontrada pelas elites coloniais de branqueamento⁴ da sociedade brasileira. Diferentemente de outros Estados, o Brasil não socializou terras quando a escravização deixou de ser lucrativa. De modo que guetos, favelas, prisões e manicômios foram os principais lugares de destino aos que conseguiram sobreviver às mazelas do processo que culminou no fim da escravização no Brasil.

Assim, tomaremos de empréstimo a importância do protagonismo a partir dos apontamentos da luta antirracista, que está transversalizada na luta antimanicomial – ou melhor, deveria estar como cita Gomes (2016) em seu conceito: antimanicolonial⁵. Além dessa autora, Passos (2018) nos ajuda a pensar a necessidade de visibilizar a negritude na luta antimanicomial quando se pergunta se a colônia de Barbacena deveria ser encarada como Holocausto Brasileiro ou Navio Negreiro? Uma vez que as fotos desse hospital psiquiátrico dizem de quais corpos ocupavam o lugar, denotando o genocídio da população negra⁶.

⁴ Tal como cita Fanon (2008) ao se referir que a construção da literatura psiquiátrica acerca do sujeito negro se deu a partir da projeção das fantasias da branquitude, Cida Bento (2014) afirma que o mesmo processo pode ser enxergado nas estratégias de branqueamento do Brasil. Assim, sustenta que o sujeito negro é sempre falado a partir da branquitude, uma vez que o pacto narcísico não permite um olhar para si mesmo, sempre depositando no outro as suas questões e fantasmas.

⁵ Nesse sentido, Gomes (2016), propõe o conceito de luta antimanicolonial como forma de visibilizar o processo de marcação do corpo negro como louco, um dos métodos de higienização social pós lei-áurea, além de mostrar que as instituições psiquiátricas também são lugares racistas.

⁶ Nesse artigo, Passos (2018) lembra que a noção de holocausto foi proposta por Franco Basaglia quando o psiquiatra italiano visitou Barbacena. Além disso, afirma que a luta antimanicomial brasileira sempre se encantou e se inspirou pela experiência de Trieste, contudo, “esquece” de mencionar a

Precisamos ter essa advertência em mente acerca do protagonismo dos usuários quando são pensados os espaços de liberdade que são ofertados como modelos de cuidado. Desse jeito, a nossa proposta visa se alinhar a esses pressupostos, com o intuito de ser uma aposta de composição coletiva de cuidado, a fim de potencializar as alianças, a voz e a cidadania. Nesse sentido, o jornal colaborativo se pretende nesse lugar de multiplicação de afetações, mensagens e por que não, de trocas de bens simbólicos quando enfrentaremos o estigma mediante outro lugar: um lugar de produção (coletiva e de um plano comum).

4.Objetivos

4.1 Geral

- ✓ Proporcionar um dispositivo terapêutico por meio das tarefas que irão construir o produto final do grupo.

4.2 Objetivos Específicos

- ✓ Constituir um campo grupal afetivo ao passo em que se define, cria, discute e se escreve coletivamente as matérias;
- ✓ Fomentar a autonomia e o protagonismo das/os nossas/os usuárias/os/jornalistas que participarem do grupo;
- ✓ Propiciar um espaço que tome o enfrentamento do estigma como uma de suas principais metas.

enorme influência de Frantz Fanon, citada pelo próprio Basaglia, para a tomada de decisão da psiquiatria democrática ao fechamento das portas do hospital àquela oportunidade.

5. Metodologia

Neste tópico, apresentaremos mais detidamente como o projeto foi pensado em seus diferentes estágios. Os encontros foram organizados e divididos de acordo com o que foi considerado relevante à construção colaborativa da atividade. Nesse sentido, de acordo com o cronograma, serão realizados os seguintes encontros temáticos:

- ✓ Criação do Nome;
- ✓ Editorial;
- ✓ Pautas;
- ✓ Entrevistas;
- ✓ Editoração/Diagramação;
- ✓ Distribuição.

Além disso, pensamos em realizar um Evento ao final do processo, a fim de compartilhar o trabalho com a comunidade.

5.1 Editorial

Alves (2018), em sua pesquisa de mestrado, propõe o personagem conceitual (DELEUZE e GUATTARI, 2013): sujeito em crise. O seu trabalho visou colocar em questão as práticas de governmentação das condutas no contemporâneo e observou a modulação da oni-crise (HARDT, 2000) como uma das importantes linhas de vetorização da subjetividade. A crise se tornou constituinte dos sujeitos, de maneira que a todo instante somos convocados a nos colocar em movimento produtivo. Nessa perspectiva, qualquer parada para se tomar um ar é tida como estagnação, uma vez que não se está produzindo. Não à toa, se vê multiplicar a quantidade de *coachings* com a estranha promessa de incrementar a vida somente quando se alcança a próxima meta, só que esta nunca chega por justamente ser inalcançável. Dessa forma, ao não conseguirmos atingir esse bem-estar do ser excepcional, nos colocamos ainda mais em crise. É como se a máquina de desterritorialização do capital (DELEUZE e GUATTARI, 2010) estivesse coordenando e analisando os resultados individuais de cada um, ao passo que essa gigantesca planilha de *Excel*

seja usada para comparar individualmente o sujeito com um padrão de exceção. Procedimento este tendendo ao infinito. Nesse sentido, o sistema se torna extremamente violento, uma vez que o seu jogo de dupla captura insiste em tentar não nos permitir vislumbrar saídas. Assim, nos é ensinado cada vez mais a competir uns com os outros e a nossa fatídica coleção de insucessos recai sobre nós com a insígnia da culpabilização individual.

A partir dessa pesquisa que pode ser lida como um texto denúncia, ao entrarmos na residência, buscamos produzir estratégias de cuidado que pudessem colocar em questão essas tais lógicas. Fugir completamente seria impossível, no entanto, foi apostado no dispositivo da coletivização do cuidado a fim de se construir uma clínica que tensionasse as clausuras identitárias e o fomento às crises individualizadas. Levando em consideração esses pressupostos, foi construída uma estratégia metodológica alicerçada nos conceitos da filosofia da diferença a ser conduzida em um Caps II adulto.

Posto isso, essa proposta de composição do jornal foi inventada como uma tentativa de perscrutar brechas à essa modulação da crise contemporânea que se utiliza do modo-indivíduo para se retroalimentar em uma lógica identitária. Conforme cita Rolnik (1997), essa máquina de individualização das questões sociais impõe aos sujeitos o decalque à métrica padrão. Esse decalque se cola nos sujeitos quase como de modo adicto, uma toxicomania pela identidade. Dessa forma, afirma que seria urgente enfrentarmos essa forma de subjetivação, com respostas teóricas – aqui, em nossa proposta grupal, buscamos formas teórico-práticas-metodológicas para problematizar essas questões.

Em um texto mais recente da autora, Rolnik (2018) propõe que os padrões de normatização via poder de subjetivação da máquina do capital financeirizado efetuam o que conceitua por inconsciente colonial capitalístico. Marcando, desse modo, que a noção de individualização a partir da identidade rígida é também uma questão colonial, uma vez que a métrica padrão se dá a partir do homem branco europeu, cisgênero, heterossexual e sem nenhum grau de deficiência em seu corpo. Se quisermos, aqui, podemos afirmar que esse padrão de normalidade além de ser branco/cisgênero/hétero, é estruturado neuroticamente (e bem adaptado). Dessa maneira, os encontros para a criação do Editorial foram pensados no intuito de construir um corpo comum dos participantes expressado e corporificado em uma personagem. Tais encontros se darão no sentido de criar uma carta aos Leitores do

Jornal. Dessa maneira, iremos compor juntos uma apresentação de um(a) Editor(a), um(a) pseudônimo(a) que assinará pelo grupo.

Nesse sentido, a carta aos leitores foi gestada com a intenção de dar conta de duas questões principais: radicalizar a composição do plano comum na figura da personagem que será dobra do grupo, assim como, trabalhar as ansiedades que poderão surgir com relação a publicização das matérias, pois estamos trabalhando com transtornos mentais severos – os profissionais do Caps foram categóricos em nos fazer pensar acerca dessa problemática, principalmente com relação ao trabalho com as/os usuárias/os cuja estruturação tende aos sintomas persecutórios. Embora não partilhemos da concepção fixada no Édipo familista como estruturante do aparelho psíquico e de como a psicanálise clássica concebe o conceito de desejo como falta, a elaboração desse projeto acolheu as considerações das/os trabalhadoras/es do serviço em relação a clínica com a psicose a partir do referencial da psicanálise lacaniana.

Para dar conta dos apontamentos, optamos por trabalhar com o psicanalista Darian Leader (2011) que, partindo da teoria lacaniana, de certo modo propõe uma compreensão menos enrijecida da estruturação do sujeito, especialmente com relação ao imperialismo do Édipo na metáfora do nome-do-Pai⁷. Esse autor sustenta que os diagnósticos precisam ser tomados em caráter dimensional e analisar cada caso de forma singular, sem ficarmos reféns de pressupostos universais. Com isso, cita uma diferenciação estrutural em termos de localização da libido. Para ele os neuróticos entram no mundo simbólico através dos cortes societários da cultura em que está inserido, ou seja, internalizam a lei, o que os concede uma borda de significação mais estável. Dessa maneira, a libido é tomada em seu polo negativo, uma vez que não precisam criar as leis próprias a fim de dar sentido a sua existência. Em contrapartida, na estruturação psicótica, a libido está do lado de uma positividade, da ordem da criação, sem a limitação dos cortes societários, posto que esta sim precisa inventar para si a sua própria significação. Essa necessidade de invenção se dá pela não entrada na ordem do simbólico, de forma que as suas criações ficam localizadas no

⁷ Sibemberg (2003), psiquiatra e psicanalista do Caps Centro de Porto Alegre, afirma que “O psicótico é habitado pela linguagem, mas não habita o discurso social. A forclusão do Nome-do-Pai, significante que incide sobre a castração, acarreta alterações no enodamento dos três registros, o real, o simbólico e o imaginário. A falta desse significante primordial manifesta-se na desarticulação da linguagem, onde a cadeia falada apresenta-se sem limites e sem vetorização.” (p. 51). Nesse projeto, tomaremos a metáfora paterna como as leis que organizam a sociedade de acordo às contingências da cultura que o sujeito está inserido, a fim de não utilizar a teoria de uma forma universalizante (e colonial).

eixo do real – que para essa teoria refere-se ao corpo e este sem as delimitações do simbólico: o inconsciente a céu aberto como teorizou Lacan. Dizendo de outra forma, na psicose, os delírios é que dão consistência ao estar no mundo, são essas singulares criações que concedem certa concretude, tomadas por este sujeito como verdade irrefutável. Dessa maneira, o autor afirma que o seu sofrimento ocorre por não ter as bordas da sustentação simbólica.

Nessa perspectiva o autor ainda faz uma diferenciação no interior do conjunto da psicose entre esquizofrênicos e paranoides. Ambas as estruturações são encaradas a partir da relação do sujeito com o mundo e de como irá tentar resolver o problema de não ter uma significação internalizada como na neurose. Essa significação é sempre com relação ao Outro: as leis societárias que têm a função de organizar o mundo. Nesse sentido, na paranoia o sujeito precisa inventar uma relação e se agarra de forma rígida a essa sua forma particular de compreender o viver em sociedade. De modo que para lidar com as suas ansiedades persecutórias, a sua interpretação singular do mundo se torna inflexível, Leader (2011) cita o exemplo do caso Schreber⁸. Por outro lado, na esquizofrenia o sujeito busca dar sentido ao que a sociedade coloca para ele, sendo mais maleável em suas construções. Dessa maneira, o autor alerta para o fato de que sempre se faz necessário escutar o sujeito que está na sua frente, buscando compreender como ele encontrou a sua forma de lidar com o mundo, para que só depois de muita escuta se possa pensar em planos terapêuticos. É nesse sentido que o padrão de normalidade que já é extremamente violento com as pessoas neuróticas, àquelas que internalizaram a lei, se torna ainda mais avassalador aos sujeitos psicóticos. Dessa forma, as possíveis ansiedades que pudessem surgir com a publicação do jornal, poderão ser trabalhadas, uma vez que o nome dos usuários estará preservado já que quem assinará o trabalho será a nossa personagem.

⁸ Schreber é um episódio emblemático e controverso no universo da clínica. Em 1911, Freud publicou um famoso texto acerca desse caso. Schreber foi um juiz alemão que constituiu um delírio consistente para dar conta de sua angústia persecutória relativa à punição divina, especialmente com relação ao tema de sua sexualidade (LEADER, 2011). O que o perturbava, num primeiro momento, foi a ideia e que poderia ser prazeroso ser uma mulher numa cena de relação sexual. Desse enunciado, que precisava ser escondido, ele passou a notar que as pessoas com quem convivía sabiam desse seu “desejo despudorado”, de modo que elas falavam dele pelas suas costas. Dessa fixação persecutória, uma série de alucinações corporais passaram a lhe acometer. Ele resolve os seus terrores corporais a partir da construção delirante de que ele seria o responsável por repovoar a terra, a partir de uma nova raça. Dizendo de outra forma, a partir do entendimento de sua missão de executar o projeto divino de ser o responsável por gerar uma raça mais evoluída, ele consegue construir delirantemente um território existencial possível para que pudesse habitar.

Após essa advertência clínica, podemos apresentar a proposta metodologicamente. Desta feita, mediante uma aposta ética, estética e política, trabalharemos com a narrativa ficcional (COSTA e FONSECA, 2016) de uma personagem biografemada (COSTA, 2010). Assim, para apresentar a proposta ao grupo será elencado um único a priori metodológico: a personagem necessariamente precisa ter sido usuária em um Caps ao longo de sua vida. Partiremos dessa prerrogativa, pois se quer que o biografema se confunda com as histórias próprias das/os nossas/os jornalistas, a fim da composição ser encarnada em suas experiências.

Para tal, utilizaremos dois conceitos do campo da filosofia da diferença. O primeiro deles, a figura estética. Este é fruto de uma compreensão possível do livro “O que é a filosofia?” de Deleuze e Guattari (2013). Segundo os autores, existem 3 planos que formam o conhecimento: filosofia, ciência e artes. Dessa forma, a nossa Editora ou nosso Editor, será gestado a partir de um agenciamento desses três pilares conceituais. Nesse sentido, quando escrevermos conjuntamente às/aos usuárias/os/jornalistas a história da Editora, iremos trabalhar o que ela pensa, o que sente, quais as questões de sua vida que o(a) levaram ao Caps, os marcadores sociais da diferença, o que os rótulos interferiram no decorrer de sua vida. Desse jeito, pela via artística da escrita, iremos trabalhar filosofia e ciência na composição comunitária da sua narrativa fictícia. Operando, dessa maneira, o bloco de *affectos* e *perceptos*, concedendo corporeidade à personagem do grupo, quando sua construção inventa outros regimes de dizibilidade, performatibilidade e visibilidade mediante a “narrativa ficcional heterotópica”, como citam Alves e Costa (2019). Dizendo de outra forma, durante o processo de criação da personagem trabalharemos com as condições de possibilidade de afetação e percepção que em relação produzem um composto de sensação.

O segundo conceito é o que irá conceder concretude, dar vida à personagem. Utilizaremos o biografema (COSTA, 2010), posto que este conceito é uma metodologia de narração que deriva da narrativa ficcional e melhor se adequa a nossa proposta. Essa variação da narrativa ficcional se volta à ficção de uma biografia, em nosso caso à invenção da vida do(a) Editor(a). Nesse sentido, propomos tal estratégia para que as/os usuárias/os, que vez por outra são encaradas/os por nossa sociedade como meros CID's, possam ter um espaço singular de fala e escuta acerca de seus pensamentos, seus projetos, seus sentimentos. Ou seja, queremos afirmar que a vida

de nossas/os usuárias/os também importa e que essa história minoritária precisa ser respeitada. Quando construirmos de forma coletiva a personagem, coletaremos e trabalharemos com as suas próprias histórias de vida e afirmaremos que elas também são dignas de que se escrevam biografias acerca delas.

5.2 Pautas

As oficinas dedicadas ao elencamento das pautas também são pensadas no intento de conhecer melhor as/os nossas/os jornalistas. Dessa forma, se poderá aprender quais são as zonas de interesse de nossas/os participantes, além de engajá-las/os na tarefa de realizar as matérias/entrevistas que se seguirão. A ideia das pautas é a de tentar trabalhar mais acertadamente com o desejo de cada participante, inclusive fomentando o trabalho em equipe.

5.3 Entrevistas

As entrevistas serão as produções em si. Não necessariamente somente entrevistas poderão ser realizadas. Essas oficinas são idealizadas na perspectiva de escrever as matérias, um espaço para dar língua a tarefa do tópico antecedente. Antecipando que provavelmente este não seja um afazer tão simples às/aos nossas/os recentes jornalistas, nestes encontros, mais uma vez, pensamos em trabalhar com o coletivo, onde todos poderão dar opiniões de como melhor seria escrita a matéria. Dessa maneira, apostando na construção de um comum como clínica, conjecturamos que a coletivização da tarefa possa ser facilitadora do processo de escrita, tal qual terapêutica.

5.4 Editoração

Para esses encontros está previsto um tempo destinado a diagramação e curadoria do material que foi construído. Esse momento também será efetuado de maneira coletiva, para que o grupo sempre possa ser protagonista de todo o processo de confecção do Jornal.

5.5 Evento

Espaço projetado no sentido de apresentar a proposta e levar a produção do grupo para fora do CAIS. A ideia prévia é que se construa uma mostra do jornal com as/os nossas/os jornalistas no saguão do Instituto de Psicologia. Este evento é uma das formas pensadas para dar conta do objetivo específico: combate ao estigma. Além disso, será um espaço para fomentar o reconhecimento da obra das/os usuárias/os, e, nesse sentido, com a intenção de ser também um espaço terapêutico. Essa função de reconhecimento é de extrema importância, uma vez que os sujeitos que estão em tratamento de saúde mental sofrem muito com o preconceito. Além disso, conforme aponta Leader (2011), o olhar de validação do Outro se torna extremamente relevante no trabalho da clínica com a psicose.

6. Cronograma

1º NÚMERO	
4-JUN	APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA
11-JUN	DEFINIÇÃO DO NOME
18-JUN	PAUTAS
25-JUN	PAUTAS
9-JUL	EDITORIAL
16-JUL	EDITORIAL
23-JUL	EDITORIAL
30-JUL	ENTREVISTAS
6-AGO	ENTREVISTAS
13-AGO	ENTREVISTAS
20-AGO	ESCRITA
27-AGO	ESCRITA
3-SET	ESCRITA
10-SET	ESCRITA
17-SET	EDITORIAÇÃO

24-SET	EDITORACÃO
1-OUT	DISTRIBUIÇÃO
8-OUT	AVALIAÇÃO
15-OUT	EVENTO

5. Referências

ALVES, Moisés José de Melo. **Ouvindo Vozes e Contando Histórias: Locuções do Eu na Contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2018.

ALVES, Moisés José de Melo, COSTA, Luis Artur. A ficção como Dispositivo para problematizar as tecnologias de si: alter-ego, autoajuda e escrita de si. **Mnemosine**, Vol.15, nº1, p. 352-372, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/45991>. Acesso dia: 01/07/2020.

BARROS, Regina Benevides de. **Grupo: a Afirmação de um Simulacro**. Porto Alegre: Sulina/Editora UFRGS (Coleção Cartografias), 3ª ed., 2013.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria Aparecida Silva. (Orgs.). *Psicologia social do racismo*. Petrópolis: Vozes, p. 25-57, 2014.

CAMPOS, Gastão Wagner. A clínica do sujeito: por uma clínica Reformulada e Ampliada. In: **Saúde Paidéia**. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

COSTA, Luciano Bedin. **BIOGRAFEMA COMO ESTRATÉGIA BIOGRÁFICA: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

COSTA, Luis Artur & FONSECA, Tania Mara Galli. "O Personagem Conceitual e a Poética Ficcional: Uma Estratégia de Escrita no Empirismo Transcendental". Em: Flávia Cristina Silveira Lemos; Dolores Galindo; Pedro Paulo Gastalho de Bicalho; Flávio Valentim de Oliveira; Igor do Carmo Santos; Arthur Santos; Érica Nazaré Marçal Elmescany; Mário Tito Barros de Almeida. (Org.). **Criações transversais com Gilles Deleuze: artes, saberes e política**. Curitiba: CRV, p. 191-214, 2016.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 3ª ed., 1ª reimpressão, 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População: curso dado no Collège de France (1977-1978).** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **O Nascimento da Biopolítica, Curso dado no Collège de France (1978-1979).** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

GOMES, Bárbara dos Santos. **Encontros Antimanicoloniais nas trilhas Desformativas.** Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. Redes de poder na América Portuguesa: O caso dos homens bons do Rio de Janeiro, ca. 1790-1822. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 297-330, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15/07/2020.

HARDT, Michael. A Sociedade Mundial de Controle. In: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica.** Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, p. 357-372, 2000.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso dia 16/07/2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano.** Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LEADER, Darian. **O que é a Loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MEDEIROS, Patrícia Flores; BERNARDES, Anita Guazzelli; GUARESCHI, Neuza. O Conceito de Saúde e suas Implicações nas Práticas Psicológicas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, Set-Dez, Vol. 21 n. 3, p. 263-269, 2005.

PASSOS, Rachel Gouveia. "Holocausto ou Navio Negreiro?": inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. **Argumentum**, v. 10, n. 3, p. 10-23, 2018.

PELBART, Peter Pal. Manicômio Mental: a outra face da clausura. In: LANCETTI, Antônio. **Saúde Loucura.** n.º 2. São Paulo: Ed. Hucitec, 1991.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: Subjetividade em tempo de globalização". *In*: LINS, Daniel (org.). **Cultura e subjetividade: Saberes Nômades**. Campinas: Papirus, p. 19-24, 1997.

_____. **Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

ROSE, Nikolas. **Inventando Nossos Selves: Psicologia, poder e subjetividade**. Trad. Arthur Arruda Leal Ferreira. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

SIBEMBERG, Nilson. Observações sobre a direção do tratamento em um caso de esquizofrenia. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, nº 25, 2003. Disponível em: http://www.apboa.org.br/revista/variantes_da_cura/397. Acesso em: 17/07/2020.

TYKANORI, Roberto. **Contratualidade e Reabilitação Psicossocial**. *In*: PITTA, Ana Maria Fernandes (Org). **Reabilitação Psicossocial no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, p. 55-59, 2010.

Para dosto.bento@gmail.com

4. JULINA FESTA

Olá, Bento! Tudo bem por aí?

Achei o projeto bem interessante, acredito que que tu deveste ter passado um certo aperto com a equipe para ter que fazê-lo tão extenso, com mil e um conceitos rsrs

Quero contribuir, mas em função de agenda, eu não poderei me fazer presente nas reuniões, pois nas terças-feiras é justamente o horário da reunião semanal aqui do meu serviço.

Gostei da parte do cronograma, especialmente daquele evento. Neste, tentarei me fazer presente! (vi que a previsão de início era dia 04/06, desculpa só responder agora, mas acho que está bem, pois ainda devem estar pensando nas pautas, certo?).

Fica bem para ti, continuarmos de modo remoto?

Aproveitando o ensejo, vou deixar descrito aqui, no corpo mesmo desse e-mail, uma sugestão de organização de pauta (é como nos organizamos por aqui, não precisa seguir à risca rs).

ORGANIZAÇÃO DE PAUTA

- Assunto
- Local
- Data
- Contatos importantes
- Informações prévias
- Possibilidade de Perguntas

Ou seja, quando o fato ocorreu, como, onde, tem fotos? Se for uma cobertura, sei que está chegando o famoso São João do Cais, descrever como estava o clima, quais foram as atrações do evento.

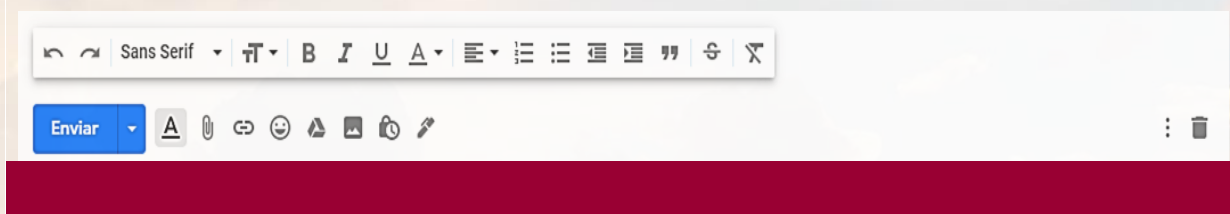
Se forem fazer perguntas, sempre é bom levar uma colinha (e lembrar de perguntar se é permitido publicar rsrs).

Tá bem, querido!?


Me coloco à disposição de vocês, vamos trabalhar!

att

Anabella



Re: JULINA FESTA

 ramirez.bella@gmail.com

Boa tarde!

Como está a senhora?

Estamos muito agradecidos pelo aceite do convite! (te confesso que estava com um pouco de receio de não ter gostado do projeto hehe).

É uma pena esse conflito de horários, mas super compreendemos!

Mal começamos e já estamos atrasados com o cronograma. Hoje, pela manhã tivemos reunião de equipe e só na semana passada a gente conseguiu uma brecha na reunião para “defender” a inclusão da oficina na grade do serviço. Assim, hoje, as/os profissionais, após colocarem novamente algumas colocações de suas preocupações, até sugeriram nomes de usuárias/os para o grupo (ali no serviço, se organizam com as atividades abertas e as com indicação clínica, de modo que a nossa oficina se enquadrar no segundo quesito).

Nenhum profissional se animou em participar (de fato, estão muito sobrecarregadas/os), será uma oficina tocada por nós da residência mesmo. Não sabemos se fala de um cansaço misturado com pouco tempo e um certo esquecimento ou de uma liberdade e confiança em nosso trabalho hehe Optamos por tender a acreditar que seja liberdade de invenção!

Enfim, teremos o primeiro encontro na semana que vem. Já estamos ansiosos. Conforme forem andando os encontros, enviaremos relatos!

Combinado!?

A ideia é na semana que vem apresentar o cronograma às e aos usuárias e usuários que aceitarem o convite de seus terapeutas e já tentar pensar em um nome, a fim de iniciarmos o trabalho de construção de um campo grupal.

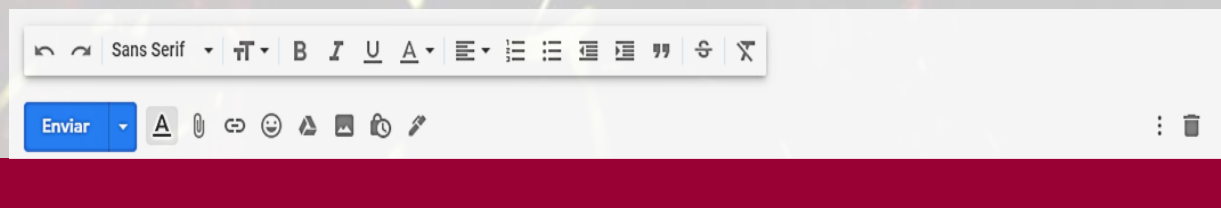
Há BraSUS!

Atenciosamente

Bento


Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS

CRP 07/29878



The image shows a screenshot of a rich text editor interface. The top toolbar includes icons for undo, redo, font face (Sans Serif), font size, bold (B), italic (I), underline (U), text color (A), bulleted list, numbered list, link, unlink, quote, and code. Below the toolbar is a row of icons for text color, link, unlink, emoji, insert, image, video, and a blue 'Enviar' button. To the right of the 'Enviar' button are three vertical dots and a trash can icon. A solid red horizontal bar is positioned at the bottom of the editor area.

Re: JULINA FESTA

 ramirez.bella@gmail.com

Boa tarde/noite, dona Anabella!

Como tá a senhora?

Escrevemos para partilhar o primeiro dia de oficina (ficamos muito empolgados).

As pernas estavam a mil desde quando nos pegamos no despertar. Foi difícil manter a atenção na reunião de equipe e o almoço demorou a passar, hoje. Pra sermos sinceros, não nos recordamos exatamente o cardápio. Quando às catorze horas foram se aproximando, a sala da equipe já não era um local de descanso, toda hora nos levantávamos para ver se os convites/indicações do pessoal da equipe seriam aceitos. Era quase um movimento involuntário, abrir e fechar a porta da sala, ir um pouquinho mais longe e passar pela bancada do corredor que faz a divisão entre os consultórios e o ambiente reservado aos profissionais, não ver ninguém na recepção e voltar e fazê-lo novamente. E é pesada aquela divisória hehe

Esse tal corredor, que é bem pequeno, parecia distar todas as muitas léguas entre a primeira experiência como responsável pela coordenação de grupos e todo o caminho percorrido para podermos estar colocados nessa posição.

Por óbvio, a ansiedade não nos permitiu dar língua a todas essas sensações que tomaram o nosso corpo, era mão suando, tremelicar das pernas, até o café costumeiro as colegas profissionais estranharam a nossa recusa (afinal, se tivéssemos optado pelo estimulante, o encontro seria um completo TDAH hehe).

Nos foi cedida a sala 5, que tem uma mesa bem grande no centro e alguns computadores, o que será bem interessante ao momento de redigir as matérias. A sala é bem arejada e tem uma sacada que faz frente ao Parque da Redenção – quando passar a fazer calor lá por setembro, essa informação será bem importante. Bateu o horário e a Giovana tomou a frente, levando os papeis e cordões cortados a fim de fazermos os crachás de identificação das/os novas/os jornalistas. Conseguimos paridade na oficina, compareceram duas usuárias (Vitória e Graziela) e dois usuários (Benjamin e Alberto). Fizemos uma dinâmica para nos apresentarmos em duplas (de posse do material de papelaria e dos canetões que surrupiamos da sala da equipe) e

depois falamos de toda a proposta da construção do jornal. Apresentamos minimamente como foram estruturadas as atividades pensadas por nós, tentando deixar aberta para a composição. Explicamos sobre a definição das pautas, as infinitas possibilidades acerca daquilo que poderia se tornar matéria, pois faríamos sobre o que o grupo desejasse. Nesse momento, findadas as perguntas iniciais, introduzimos a nossa pretensão de dedicarmos alguns encontros à criação de uma personagem que irá assinar por todas e todos, de modo que, desse jeito, poderíamos cumprir com o acordo de estarmos livres para escrever o que quiséssemos.

No fim, não sabemos dizer se ficou muito evidente a questão da criação da personagem, mas surgiram inúmeras ideias outras. Desse modo, tentando caminhar contra o relógio do cronograma, já se foi falado no nome do Jornal.

Pedimos que fosse pensado em nomes para que depois votássemos. Nesse momento, já mais para o fim da oficina, logo de pronto a primeira surpresa (acho que esse grupo será muito potente). O Benjamin deu a sugestão de que se o Jornal será do Caps, nada mais justo que ocorra uma votação entre todas as pessoas que participam e constroem o serviço. Nessa perspectiva, o grupo prontamente pensou em organizar uma votação durante a festa Julina, já que teremos muitas pessoas no evento – bem melhor que uma urna na entrada do Cais.

Assim, na semana que vem vamos deixar para organizar a pauta com eles, iremos elencar os possíveis nomes e como ocorrerá a tal votação. Ficou sugerido de que cada votante pudesse dar dois votos nos nomes que mais gostassem. Como nos sobrou um tempinho, da nossa uma hora de oficina, aproveitamos o embalo e listamos algumas primeiras opções de batismo e de pautas:

- A Voz da Mente
- Jornal Capital
- Libertad
- A Hora é Agora
- Folha do Cais
- Cais de Notícias
- Noticiário Caps
- Gazeta Mental
- Não te Cales
- Não ao Silêncio

- Mente livre
- Livre(mente)
- Gritos

Já as pautas:

- Sugestões gastronômicas
- Simpatias
- Medicamentos
- Vivências de internação e seus efeitos colaterais

Confessamos que Gazeta Mental poderia vender igual água, mas não podemos entrar em campanha eleitoral antes do período estipulado pelo TRE, não é mesmo hehe

E a genialidade de se pensar os efeitos colaterais do procedimento da internação, só poderia surgir de um grupo de pessoas que já estiveram essa experiência no corpo (o Benjamin trouxe várias dessas vivências).

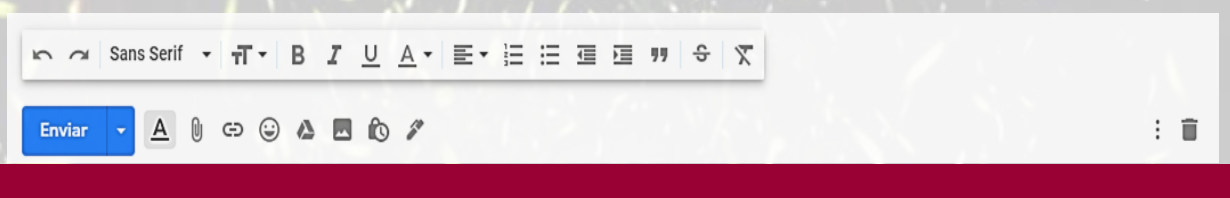
A festa ocorrerá no próximo dia 10. Não sei se a senhora poderá comparecer, mas seria bem legal. Fica o convite!

Logo quando soubermos o nome, lhe escreveremos contando.


Há BraSUS!

Att

Bento
Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS
CRP 07/29878



Re: JULINA FESTA

 dosto_bento@gmail.com

Oi, guri!

Tudo bem comigo 😊

Amei essa empolgação toda, acho que esse projeto tem tudo para se tornar um sucesso. Olha só, infelizmente não poderei participar da festa, pois estou meio que sendo obrigada a tirar férias nas primeiras duas semanas de julho (estavam vencendo e agora não querem mais que a gente reverta em salário ... rsrs) e aproveitei para aceitar o convite de uma roda de conversa sobre saúde mental puxada por um grupo que se criou a partir de uma das pré-conferências de saúde no interior, para ajudar a organizar e fortalecer a participação dos seus delegados lá em Brasília.

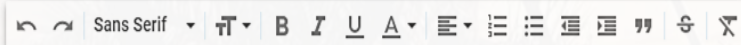
Vou tentar ficar alerta com a caixa de entrada, mas prometi para mim mesma que iria realmente exercitar uns dias *off*. Assim, como estão no início acredito que não irá interferir tanto em nossa combinação. Na verdade, penso até que possa ser interessante a experimentação, em um primeiro momento, sem ter alguém da área dando pitacos, talvez possam ter mais liberdade de criação.

A ideia da votação me pareceu incrível, essa sacada de tentar colocar todo o coletivo do Cais para decidir o nome foi sensacional (já estou ansiosa). Se pudesse votar remotamente escolheria o Livre(Mente). Concordo com as/os pacientes que a questão da internação seja recheada de efeitos colaterais – aliás, não achaste curiosa a relação entre internação e tantos nomes relacionado a erguer a voz?

Vamos ver quais pautas mais sairão!


Um bjo

Anabella

 Sans Serif

Enviar

Re: JULINA FESTA

 ramirez.bella@gmail.com

Boa noite, querida!

Ah que maravilha!

Boas férias, aproveita para descansar bastante! (mas parece que o trabalho de organização social não vai parar né hehe)

Uma lástima a senhora não poder participar da festa, a Anita fez questão que eu lhe partilhasse o convite. Aliás, ela está convocando todas as pessoas do Cais para trabalhar na festa, praticamente nos obrigou a trocar o turno de trabalho no outro cenário de prática.

Assim, quando tivermos o material mais bruto da cobertura te enviamos, a Giovana anda falando que estamos te importunando demais hehe (concordamos com ela). Então, acordamos, por whats (talvez estejamos importunando a colega também né, afinal hoje é sexta) de fazer esse envio só depois da metade julho.

Fica bem?

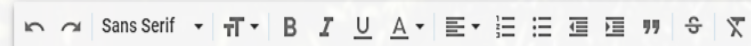













Mais uma vez, boas férias e agradecemos a disponibilidade!








Há BraSUS!

Atenciosamente

Bento


Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS
CRP 07/29878

 Sans Serif             

 Enviar       



Re: JULINA FESTA

 ramirez.bella@gmail.com

Boa tarde, Anabella!

Como a senhora tá? Como foram as férias?

Escrevemos para contar sobre esse último mês de oficina!

Foram 4 encontros e aconteceram muitas muitas coisas!

O material de organização que a senhora nos enviou foi essencial!

(chega de escrever com exclamação hehe)

Imagino que deva estar curiosa com o nosso nome, foi bastante acirrado, mas quem ganhou foi “A Voz da Mente”.

Nós dedicamos 2 dos encontros à festa, um de preparação e outro para ouvir as entrevistas feitas com um gravador do Benjamin (ele sempre pediu permissão para gravar). Utilizamos os demais encontros para elencar o restante das pautas.

Um dia antes da festa a gente se organizou da seguinte forma: construímos as perguntas, quem seria entrevistado e como ocorreria a votação. As questões ficaram:

- **Como está o evento?**
- **Algum pedido para São João?**
- **Qual a importância da festa?**

O grupo definiu que seriam entrevistados usuárias e usuários (primando pela paridade de gênero) e as/os profissionais, em especial a cozinheira dona Neuza!

Em relação aos votos, se definiu que cada pessoa na festa poderia escolher dois dos nomes. Assim, durante a festa tínhamos uma lista com todos os nomes em uma prancheta e vários papéis em branco simulando uma cédula, a fim de que se indicasse o número condizente com o título que melhor definisse o nome do jornal para o votante. No meio da festa, foram computados 58 votos (nem todos votaram e alguns quiseram votar em apenas um), de modo que ficou bastante acirrada a contagem final.

O Benjamin foi o mais engajado, esteve com seu gravador nas entrevistas e ele mesmo realizou as perguntas. A Vitória também participou de forma exemplar,

contudo ficou um pouco tímida no momento de entrevistar. Os dois fizeram a contagem dos votos e o Benjamin tomou o microfone para anunciar o nome vencedor. Com 16 votos, “A Voz da Mente” bateu “Folha do Cais” e “Mente Livre”. No fim, todas as pessoas que compunham a festa ficaram felizes com o nome, mas principalmente com as comidas típicas de São João.

Quanto as entrevistas, transcrevemos na semana seguinte após a festa.

A dona Neuza estava bem reticente em nos conceder a entrevista, pois ela nunca aparece, fica sempre no apoio dentro da cozinha. Conseguimos captar a seguinte mensagem (a música estava alta, no momento):

Está uma fartura, não faltou nada.

Quero um marido, de repente!

É importante participar, tiveram muitas colaborações.

As perguntas com as/os usuárias/os ficaram meio inaudíveis, foram quatro as pessoas ouvidas ao total e de um modo geral, o que conseguimos ouvir foi o seguinte:

Comida e música estão muito boas!

Também se entrevistou a Anita, que fez toda a movimentação para que todos os indivíduos contribuíssem com a festa (durante as Assembleias prévias ao evento, ela insistiu muito para que as/os usuárias/os trouxessem algum doce para contribuir com a festa, para que não fosse sempre uma organização apenas das/os profissionais). Na voz dela:

A festa está animada, a música está meio caída, mas está tudo de bom!

Tem que pedir pra qualquer santo, mas peço mais para Santo Antônio.

A importância é a alegria, pausa nos problemas e espaço para as coisas boas, as pessoas se veem de outra maneira. Outra coisa é que todos se viam na festa, todos ajudaram a organizar, mesmo que com um pouquinho.

Outra pessoa que passou pelo gravador foi uma colega Residente psicóloga Flávia:

Bem legal, decoração linda, povo só está meio acanhado. A música está ótima. Nunca fiz pedido para São João, mas pediria mais festas. É sempre um momento de alegria e confraternização.

Nesse nosso encontro para ouvirmos as gravações, foi avaliado pela nossa equipe que acabou faltando o tradicional casamento caipira.

Por fim, para finalizar esse extenso “relatório”, tivemos outros dois encontros da oficina em quais elencamos as pautas. Optamos por deixar em dois momentos (mesmo atrapalhados com o cronograma), uma vez que tem ocorrido uma rotatividade entre as/os usuárias/os participantes. Apenas o Benjamin tem seguido firme e não faltou nem em dia de chuva hehe (consequimos garantir um café para as/os participantes depois da oficina mesmo que não seja algo corriqueiro nas terças, a dona Neuza é sempre muito querida e solicita).

Assim, as pautas suscitadas até o momento, foram as seguintes:

- Dicas gastronômicas
- Truques de culinária
- Piadas
- Reflexão
- Remédios (sugerindo entrevistar a enfermeira Vânia – que conduz um grupo GAM⁹ no serviço)
- Vivências de internação/direitos das/os usuárias/os
- Poesias
- Política
- Crônicas
- Futebol
- Simpatias
- Dicas de beleza
- Impressões da sociedade
- Pressão social/Dever ser
- Efeitos colaterais da internação

⁹ Gestão Autônoma da Medicação.

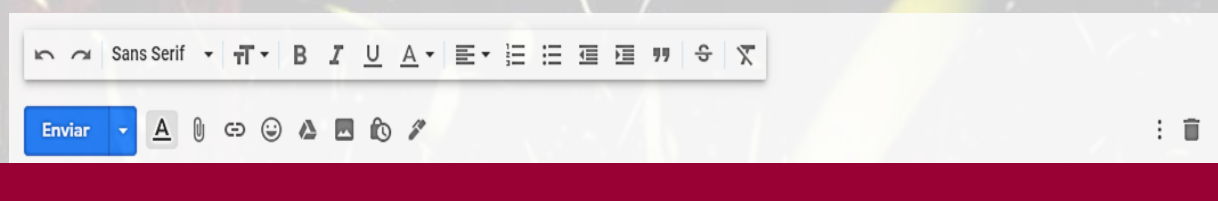
Até aqui é o que conseguimos caminhar. De acordo ao nosso cronograma, agora iremos começar as oficinas do Editorial/Personagem.

Ps.: esquecemos de falar, a Graziela que deu aqueles vários nomes com o tema da liberdade e de não nos calarmos, ela está bastante envolvida com o julgamento do Lula e com o movimento LulaLivre!


Há BraSUS julinos!

Att

Bento
Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS
CRP 07/29878



Re: JULINA FESTA

 dosto_bento@gmail.com

Oi, Bento!

Eu estava sentindo falta dos teus e-mails!

Achei ótima a matéria e como ela foi construída!

Hoje, estou bastante atribulada com a questão da Conferência Nacional de Saúde, já foi uma bralhada aqui em Porto (a gestão fez de tudo para atravancar o processo, na verdade se não fosse o Conselho Municipal bancar, não teria ocorrido a Conferência). Enfim, quando passar a Conferência (irei cobrir em loco) eu olho atentamente para o material, a fim de dar uns toques na matéria.

Combinado?

Achei incrível a variedade de temáticas e como foram tomadas as maneiras de se escolher uma pauta, né. Me pareceu uma fascinante hibridização entre a necessidade de falar sobre a internação e de que o jornal se assemelhe o máximo possível a um folhetim cotidiano, com os seus inúmeros e variados cadernos, culinária, esportes, beleza, política, e assim por diante.

A arbitrariedade do Estado tem total relação com a história da psiquiatria no Brasil, de modo que é muito interessante observar como as suas ações vão tomando forma nas diferentes épocas de nossa história. Parece que a fala da Graziela, que se tornou possibilidade de nome, tem muito disso, é uma possibilidade de dizer e visualizar as práticas terríveis que ocorreram com os corpos desviantes. Fiquei pensando nas políticas de inimizade que o Achille Mbembe (2017) tanto nos provoca, acerca de como a razão dos Estados modernos tomaram a ordem de sítio como regra. Ou da discussão que o Silvio Almeida (2019) nos coloca a pensar com relação ao racismo estrutural e estruturante do Brasil, que partiu de toda a prática de apagamento do Atlântico Negro, em nome de uma modernidade colonial. Como tu apontaste em algumas notas de rodapé do teu projeto, os corpos que ocuparam os manicômios são marcadamente negros e isso diz tanto e tão fortemente das políticas de silenciamento

do nosso país que “A Voz da Mente” é também “Não te Cales”, LivreMenteLivre, “Não ao Silêncio” e por que não: “Gritos”?

Bjus

Estão indo por um ótimo caminho!

Falamos na volta 😊

Anabella

A screenshot of an email composition interface. The interface includes a text area with the text "Anabella" and a rich text editor toolbar. The toolbar contains icons for undo, redo, font face (Sans Serif), font size, bold (B), italic (I), underline (U), text color (A), bulleted list, numbered list, link, unlink, quote, insert link, and delete. Below the toolbar is a row of icons for text color, link, attachment, emoji, image, video, and a blue "Enviar" button. To the right of the "Enviar" button are icons for text color, link, attachment, emoji, image, video, and a trash icon. A solid red horizontal bar is positioned at the bottom of the composition area.

Para dosto.bento@gmail.com

5. DOENÇA MENTAL NÃO É UM BICHO DE 7 CABEÇAS

Olá, Bento! Tudo bem por aí?

Já criaram a Editora? Espero que seja uma mulher né rsrs

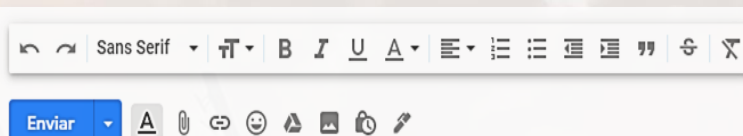
Brincadeiras à parte, eu já estou de volta de Brasília, foi um evento e tanto, temos muito o que trabalhar aqui na base. Confesso que ainda não desmanchei a mala, tal como preciso finalizar a matéria, o pessoal da gráfica já está no meu pescoço.

Como faz um tempinho que não nos correspondemos direito, julguei por bem lhe enviar um sinal de vida, até mesmo para saber como estão as matérias por aí!


Não gosto de trabalhar no final de semana, pois é muita exploração e pouco salário, mas “no amor” vou dar uma olhadinha no material da festa e retorno para vocês, ok?

Bj

Anabella



Re: DOENÇA MENTAL NÃO É UM BICHO DE 7 CABEÇAS

 dosto_bento@gmail.com

Oi, Bento!

Que incrível foi essa construção, especialmente o gravador! (é do Benjamin mesmo, ou vocês que o emprestaram?)

Me parece que seguiram à risca a organização que eu os havia enviado! – nem sempre precisa ser assim, tá?

Gostei do modo como foram descritas as perguntas, talvez deixar uma caixa em separado e indicar quem respondeu. Embaixo, acho que ficaria legal utilizar uma fonte diferente às respostas ou utilizar as aspas!

Como eles estão primando por algo mais parecido com o profissional, deixo uma sugestão de começo e de fim ao trabalho de campo de vocês:

Essa foi a primeira cobertura realizada pela nossa equipe de reportagem. O tradicional São João do Cais Mental ficou para julho este ano, às _____ do dia tal (**não me recordo agora do horário nem do dia**). Foi uma festa muito linda, recheada de afetos e muitas comidas típicas!

A festa foi construída com a contribuição das/os usuárias/os e das/os profissionais que trabalharam na decoração, nas atrações e dos comes e bebes do evento.

Contem para as/os leitoras/es as atrações que aconteceram (eu sei que as oficinas e grupos costumeiramente preparam algo).

Em meio as várias atividades da tarde, aproveitamos que o Caps estava cheio para a realização do batismo do nosso jornal, através de uma votação acirrada.

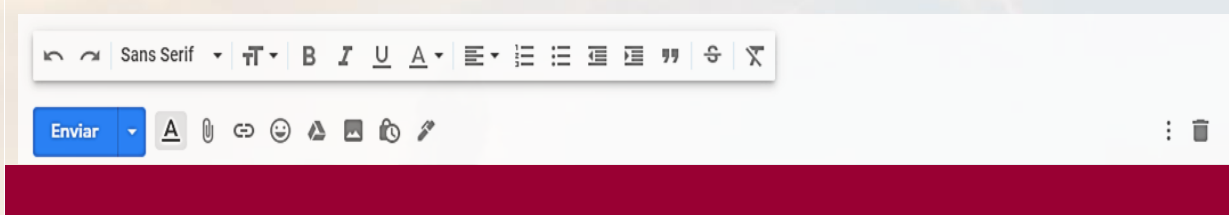
Depois dessa abertura, sugiro colocar as entrevistas e algo parecido com esse final:

Dessa forma, posso afirmar que o trabalho de todas as pessoas que fazem o Cais resultou em um excelente São João! Faço apenas uma única ressalva: **faltou o casamento na roça!**


Afinal, onde já se viu uma festa dessa sem o casório? Rsrs

Bjus

Anabella



Re: DOENÇA MENTAL NÃO É UM BICHO DE 7 CABEÇAS

 ramirez.bella@gmail.com

Boa tarde, dona Anabella!

Como tá?

Nos conta melhor do evento, uns colegas da UFRGS foram delegados e teve uma R2 do nosso programa que foi para a Capital Federal, porém não na qualidade de representante hehe Segundo ela, foi tri importante, mesmo tendo “ficado de fora”!

Não estamos lhe escrevendo com a frequência que gostaríamos, pois tem sido um pouco (para lançar mão de eufemismos) complicado realizar a oficina. Estamos tentando sempre falar na reunião de equipe para que nos enviem novas/os jornalistas, mas, na verdade, quem segue desejando a oficina é o Benjamin (além de nós). Nesse momento, estamos buscando entender o que tem acontecido, nos parece que o fato de ser terça-feira – como havíamos comentado lá no primeiro e-mail – tem atrapalhado, pois não ofertamos almoço nesse dia e o Cais não abre ao público pela manhã, por conta justamente da reunião das/os técnicas/os.

Além disso, a temática tem ficado pesada de manejar. Desde que elencamos as pautas, em todos os nossos encontros, as vivências de internação emergem como tema, geralmente com relatos muito tristes de violação de direitos. Assim, temos conversado em supervisão como seria o modo mais interessante de abordar a questão sem que ela seja “gatilho” para as/os nossas/os participantes.

Mesmo com essa dificuldade, medo mesmo por todas aquelas ressalvas que nos foram feitas acerca da oficina poder ser disparadora de alguma crise, conseguimos ter dois encontros de criação da nossa Editora, que sim será uma mulher



A gente comprou um isopor, recortamos folhas de ofício para que se tornassem umas tiras menores de papel, tanto para colar nessa placa com aquelas tachinhas com as pontas coloridas (que sorrateiramente “pegamos emprestado” do outro cenário do qual exercemos a prática), como para escrever a história/biografema da Editora.

Desse modo, de posse desses materiais básicos de papelaria, solicitamos às/aos participantes que pensassem em como deveria ser a nossa chefe. O único pré-

requisito foi o fato dela ter sido usuária de algum equipamento de saúde mental. Nessa perspectiva, começamos a inventar a sua trajetória.

É uma mulher de meia idade, que, hoje, trabalha com políticas públicas, voltadas especialmente aos direitos humanos e a defesa das/os usuárias/os de saúde mental. Ela passou pelo Cais Mental quando estava na graduação em comunicação social pela PUC-RS. Nesses dois primeiros encontros, começamos pelo seu nascimento e já chegamos até a sua formatura. Ficou para o próximo encontro saber a cor de seu vestido e qual a música que ela havia escolhido à sua entrada para receber o canudo – próximo encontro que seria hoje, porém apenas o Benjamin compareceu ... Ela nasceu em Porto Alegre, perto do fim da Ditadura. Seus pais são do interior e se conheceram na paróquia do bairro Navegantes. A mãe costureira e do lar e o pai vendedor de peixe no Mercado Público.

Ao final dessas duas oficinas, a senhora precisava ver como tinha ficado preenchida a nossa placa de isopor no centro da mesa, com várias das tiras de papel marcando um importante evento da vida da Editora. Além dessa parte mais visual, as disputas de narração para afirmar quais os caminhos haviam sido tomados pela nossa chefe foram muito incríveis, pois de fato se confundiam com a trajetória de vida das/os nossas/os jornalistas. A Cecília queria muito que a faculdade tivesse sido na PUC, o Benjamin já prontamente rebateu dizendo que são superestimadas as pessoas com graduação – ambos também participam do ateliê de escrita e provavelmente essas faíscas venham de lá.

No momento de decidir o agravamento em saúde mental, foi definido que ela havia passado primeiramente por uma internação psiquiátrica, para só depois ter sido encaminhada ao Cais. No desenrolar da história, a Editora estava trabalhando no mercado, trabalho arrumado por seu pai, a fim de lhe ajudar a custear a faculdade, quando recebeu a notícia de que o velho Ramirez tinha sofrido um infarto fulminante. Como era muito apegada ao pai, ela precisou da internação para conseguir retomar a sua vida. Aqui, nesse momento, novamente foram trazidos diversos relatos de desumanização. O que nos dá indícios de que a temática está latente e pedindo passagem, porém é um tanto quanto angustiante, pois o clima que geralmente é leve lá na Sala 5 passa a ser bem carregado com os relatos.

O hospital de sua internação foi o Espírita, Benjamin aproveitou para nos contar de como era fácil fugir do local hehe A Cecília nos trouxe um conflito seu, acerca de ter que comparecer à formatura de seu filho, de modo que o movimento grupal foi

levando a narrativa por esse caminho. Dessa forma, dado o adiantado da hora na semana passada, deixamos como tarefa o vestido e a música.

Enfim, estamos bem atrasados com o cronograma inicial, mas tentando correr atrás do prejuízo e recontratar com a equipe. Na verdade, estamos passando por um período bastante ansiogênico enquanto equipe e nos parece que as/os usuárias/os estão sentindo também (agora, aproveitando o espaço para fazer um desabafo para além da oficina à uma amiga confidente). Com a reforma da previdência se materializando, vários das/os nossas/os técnicas/os estão pensando em solicitar a aposentadoria, para não ficar à mercê do pedágio de mais cinco anos – que parece que é o que será cobrado, o que é uma aberração se formos pensar em termos das desigualdade sociais no Brasil, principalmente com relação aos critérios de expectativa de vida de alguns de nossos estados da federação.

A coordenadora do serviço, que exerce essa função há mais de dez anos, acabou de nos informar mais cedo que foi liberada a sua aposentadoria – surpreendentemente, ou não, a prefeitura fez tudo muito rápido, de acordo com o pessoal da equipe fixa. Uma assistente social está perto de aposentar também, tá por uma assinatura ... E isso tem aparecido nos grupos e oficinas, com um medo de ficar sem poder dar e ter assistência qualificada.

Nesse sentido, tentando contra atacar todas essas perdas de direitos, estamos tentando fazer um movimento à criação de um Conselho Local de Saúde, nos moldes do que temos lá no GeraPoa. Para isso, será necessário todo um meche na grade de oferta do Cais e uma recomposição das oficinas e grupos, de igual forma como nos pares entre residentas/es e técnicas/os. A equipe está sendo um pouco reticente, mas nós, em especial a Giovana, que é nossa colega na oficina, quem temos tentando brigar na reunião.

Aguardando os próximos capítulos hehe

Com relação ao material bruto da festa, ficamos muito agradecidos pela generosidade de sua curadoria e logo que finalizarmos essa parte do Editorial, nos debruçaremos sobre a nossa primeira cobertura.

Tá bem?

Ps.: perdão por todo esse desabafo.

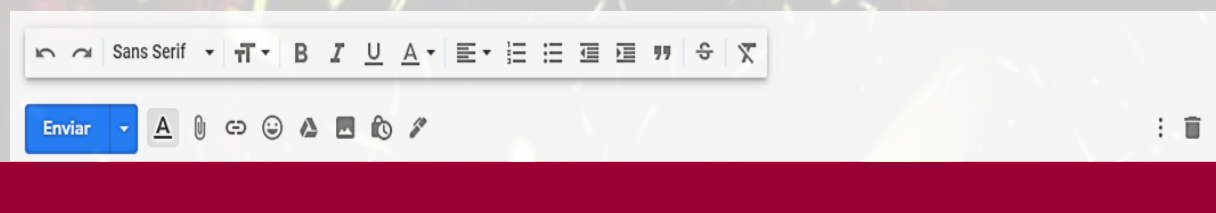
Há BraSUS!

Att


Bento

Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS

CRP 07/29878



Re: DOENÇA MENTAL NÃO É UM BICHO DE 7 CABEÇAS

 dosto_bento@gmail.com

Oi, guri!

Sem problemas, só me envia a versão final da cobertura para eu ver se precisa de mais algum retoque, tá bem?

Eu entendo toda essa sensação, porque eu já precisei de auxílio e não há ninguém mais capacitado em Porto Alegre que o Cais Centro, pois essa equipe é pioneira. Acredito que devam existir profissionais ainda na ativa que estavam na fundação do serviço, isso era algo legal de tatear entre as/os tuas/teus colegas da equipe fixa, ver quem são os “dinossauros” rrsrrsrs.

Mas sim, penso que essa proposta do Conselho Local possa ser uma maneira muito interessante de pautar questões, especialmente a reposição de profissionais. Eu tenho acompanhado (meio afastada, pra dizer a verdade) as discussões no grupo do Conselho Municipal de Saúde e o que tem se desenhado é a implementação de fato da parcerização – a rede AD está basicamente funcionando dessa maneira e estamos tentando que não feche o Postão do IAPI, né. Ano passado foram desmanchadas as equipes de matriciamento, esse ano os Residenciais Terapêuticos que irão abrir são terceirizados (via famigerada parcerização), então vai ser uma luta mesmo. Inclusive, foi tirado isso lá em Brasília, de buscarmos reavivar o controle social como uma política de disputa pela base.

Com relação a internação, eu me peguei pensando aqui, até por isso que dei uma alongada no tempo de resposta do teu e-mail (não foi esquecimento). Me parece que o tom grupal tem sido exatamente esse que te referes, de necessitar falar sobre as vivências e os “efeitos colaterais da internação”. Quem sabe tentar fazer uma dobra na queixa e ir para a proposição?

Pensei de tentar perguntar para as/os nossas/os jornalistas o que eles dariam de sugestão às internações psiquiátricas. Afinal, é o último recurso, mas necessário. Obviamente que desejamos e devemos lutar pela ala em hospital geral, contudo,

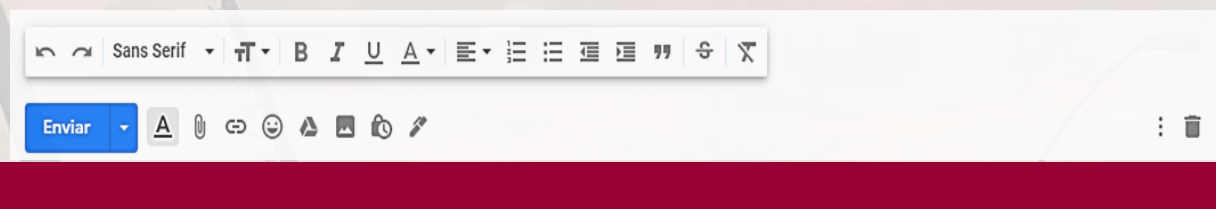
acredito que seja um passo interessante qualificar o cuidado nas que existem. Outro ponto conjuntural a ser discutido é o fato de o excelentíssimo Osmar Terra ter levado a política AD para o recém criado Ministério da Cidadania, com um grande aporte de recursos financeiros destinados às Comunidades Terapêuticas e internações psiquiátricas¹⁰ – sem mencionar o fato de não haver controle social nessa pasta. Além disso, a recente aprovação espúria da nova modalidade de internação compulsória sem necessidade de autorização judicial¹¹.

Sei que o Cais não é AD, mas precisamos ficar atentos para quando essa modalidade poderá se tornar corriqueira também para nós da saúde mental sem estar diretamente ligada ao abuso de substâncias. Agradeço o espaço de desabafo também rsrs

Mas, enfim, internação psiquiátrica é diferente de comunidade terapêutica (para qual estas alterações no SISNAD¹² majoritariamente se destinam). Assim, talvez possa ser produtivo, escrever sobre como a internação deveria/poderia ser. Acredito que até resolva a questão com as/os técnicas/os, pois realmente devem ter ficado preocupados com a publicização do conteúdo dessa matéria.

Beijos e bom trabalho, querido!

Bella




¹⁰ Cabe destacar que, como citam Amarante e Nunes (2018), essa retomada de aporte financeiro às internações psiquiátricas têm ganhado força política desde o segundo mandato da Presidenta Dilma Rousseff. Nessa oportunidade, devido ao arranjo eleitoral, a Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras drogas (CGMAD/MS), subpasta do Ministério da Saúde que nos diz respeito, foi entregue em 2015 ao Valencius Wurch Duarte Filho. Essa figura assumiu a coordenação tendo em seu currículo o fechamento de um hospital psiquiátrico pelo Ministério Público do qual era diretor. Nesse texto acerca da reforma psiquiátrica brasileira, os autores citam esse episódio que deu início aos retrocessos para nos lembrar que os “mentaleiros” ocuparam as dependências do CGMAS/MS por quatro meses, sendo retirados por meio de ação judicial. Além disso, para reafirmar que as lutas nunca cessam de acontecer!

¹¹ LEI Nº 13.840, DE 5 DE JUNHO DE 2019.

¹² Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas.

Re: DOENÇA MENTAL NÃO É UM BICHO DE 7 CABEÇAS

 ramirez.bella@gmail.com

Boa tarde, dona Anabella!

Tudo bem com a senhora?

Desculpa escrever só agora, mas estávamos bastante atribulados com um caminhão de mudanças que ocorreram nessas últimas semanas aqui no serviço. A gente amou demais a ideia de sair do negativo e partir para o polo positivo, surgiram várias ideias, mas ainda não conseguimos ter um encontro dedicado a escrita dessa reportagem.

Após as conversas com a equipe acerca da oficina e da necessidade de “revidarmos” os desmandos da política de destruição dos serviços públicos, conseguimos muitas vitórias – pequenas, bem verdade, mas daqueles passinhos que precisam ser muito comemorados. A “oficina de Assembleia” de segunda-feira passou para terça a tarde e a Giovana ficará por lá a fim de tocar o projeto do Conselho Local de Saúde. Assim, perdemos ela, o que é uma grande lástima, mas ganhamos a Nina (que também é do serviço social e já participou hoje) e a quinta pela manhã (que é o dia em que o Cais está mais movimentado 0/). Estávamos bem empolgados, porém, hoje, novamente só veio o Benjamin ...

Mas a notícia mais legal de todas é a de que conseguimos juntar a reunião das preceptorias com o pessoal da Unisinos. De modo que garantimos um espaço semanal para pensarmos a partir dos dois programas as nossas movimentações. A senhora não tem noção da felicidade, pois conseguimos agregar duas profissionais maravilhosas do serviço e que estão bem engajadas com a ideia do Conselho Local a essa nossa reunião de preceptoria. Inclusive já estamos bolando um evento do Cais todo para dar o pontapé inicial, talvez possamos até fazer a cobertura!

Dadas as atualizações, havíamos ficado devendo o vestido e a dança né hehe

Então, enfim, conseguimos fazer a última oficina dedicada ao Editorial! Compareceram o Benjamin e a Cecília. A gente estava em uma maré com uma frequência bem baixa aquele dia – fazia muito calor e a reunião de equipe fora muito

tensa. Dessa maneira, nos sentamos ao redor da mesa na sala 5, pousamos a placa de isopor sobre ela e antes que fizéssemos a costumeira pergunta acerca de como as/os nossas/os jornalistas estavam a fim de começar de fato a oficina, o Benjamin tomou a palavra e disse:

- A Editora gosta desta música! – apertando o *play* em seu famoso gravador.

Era uma canção de uma antiga banda que estava meio inaudível, pois fora gravada direto de uma estação de rádio. Nós conseguimos entender apenas alguns de seus versos, de modo que prontamente buscamos no *Google*. Na tela de nosso celular apareceu: “Canção para você viver mais – Pato Fu” e o Benjamin confirmou que era essa mesmo. Prontamente nos conectamos ao *Spotify* e a escutamos em conjunto. Fazia três semanas de intervalo entre o nosso último encontro – o Cais tem uma regra de que não pode ter oficina/grupo com apenas uma ou um usuário/o. Assim, todas as vezes que apenas o Benjamin se fez presente, a gente tinha que tristemente pedir para ele voltar para a casa, depois de darmos uma breve conversada para tentar fazê-lo não perder a viagem. Por isso que, naquele instante, a gente teve um sobressalto de felicidade (lhe escrevemos arrepiados), pois a música tinha toda uma relação com a narrativa que estávamos compondo, uma vez que a Editora estava se formando com atraso devido o falecimento de seu pai, o evento que fez com que ela tivesse que trancar a faculdade. A partir dali, contamos colaborativamente como ocorreu a festa e o belo vestido preto da Editora, um presente de formatura de sua mãe. Essa parte da história quem tomou a frente foi a Cecília, pois ela conseguiu se fazer presente na formatura do filho, nesse meio tempo, e nos trouxe alguns elementos que estavam bastante avivados em sua memória. O olhar emocionado e orgulhoso dos familiares, qual ela chegou a transbordar em lágrimas durante oficina e como o seu filho estava elegante e alegre foi transpassado para a emoção da mãe fictícia na narração do biografema. E, nesse mar de emoções, foi que a Editora, enfim, conseguiu se formar – após dois anos em tratamento de saúde mental – homenageando o seu saudoso pai na tão importante escolha de sua música de entrada.

Com todas/os imersas/os naquela felicidade decorrente da experiência de finalização do biografema (principalmente pela narração emocionada da formatura do filho e da Editora), os informamos da troca de dia e de turno da nossa oficina. Contudo, como anticlímax, a Cecília deu uma apagada e disse que não sabia se poderia continuar. Será uma pena, pois a ficção da vida da Editora nitidamente estava a

ajudando com a sua vida pessoal, nesse momento – não vamos desistir da presença dela!

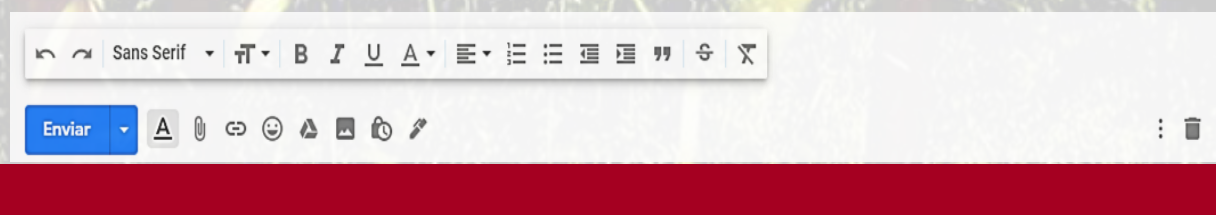
Desse modo, aproveitamos essa semana que passou, comentamos a mudança de dia da oficina e reafirmamos o convite na de música, pois é o espaço que conta com o maior número de pessoas participando. Ali, 3 usuários quiseram participar, vamos ver se na próxima se lembrarão de vir (vou lembrá-los individualmente logo mais, na de hoje). Um deles é o Joaquim, que sempre dizia na assembleia que o seu sonho era ter sido jornalista. Os outros dois são um pouquinho mais comprometidos cognitivamente, será um desafio grande, mas vamos tentar incluí-los, afinal o jornal é do Cais como um todo 😊

Há BraSUS!

att


--

Bento
Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS
CRP 07/29878



20/09

Re: DOENÇA MENTAL NÃO É UM BICHO DE 7 CABEÇAS

 dosto_bento@gmail.com

Oi,

Por aqui estamos bem e senhora tá no céu né, Bento!

Que ótimo que vocês começaram a revidar, até quando é possível tolerar os cortes, não é mesmo? Adoro mudanças, aposto que a Nina também será uma grande parceira de condução da oficina.







Que pena que a Cecília não conseguirá participar, ela trabalha nesse horário?
Mas, enfim, ótimo, novos integrantes!

Vamos produzir, então, para que o Joaquim possa dizer que faz parte de um jornal (aliás, cadê a matéria da festa ?? rsrs)

Aguardando ansiosa os próximos episódios!

bj


Bella

 Sans Serif             

Enviar



Re: DOENÇA MENTAL NÃO É UM BICHO DE 7 CABEÇAS

 ramirez.bella@gmail.com

Boa noite, querida! Tudo certo?

Para sermos sinceros, a gente criou a oficina para ser um espaço terapêutico e em muitos pontos os encontros se mostraram dessa forma. Porém, embora a gente deseje muito, não sei se realmente teremos um jornal no fim do ano – estamos atrasados bem uns dois meses já hehe. A Nina tem nos pilhado bastante para conseguirmos fazer essa das internações, tá botando fé de que se sair essa, que tem um conteúdo mais pesado, as demais serão barbada, até mesmo por ter aquele efeito de acreditarmos enquanto grupo que dá pra fazer!

O Joaquim tem dado grandes contribuições, mas tem passado mal de saúde, está com uns problemas clínicos esse ano. Quando ele está, saem várias ideias. Semana passada, elencamos várias propostas de como a internação poderia ser. Todos os jornalistas que falaram deram alguns depoimentos e outra vez trouxeram vivências bem pesadas – além da Nina, a sala estava toda masculina. Achamos que o Joaquim conseguiu perceber e deu uma ideia de título para a nossa reportagem:

- Doença mental não é um bicho de 7 cabeças!

Nós adoramos, principalmente por ter casado com a nossa ideia de tentar sensibilizar o olhar para a importância desse procedimento que muitas vezes nos é narrado com grande dor e que infelizmente ainda se faz necessário. Ele trouxe em uma de suas falas uma questão bem interessante acerca do estigma que até tomamos nota:

- Abrir para o mundo para que não haja preconceito. Temos problema sim, mas estamos nos tratando.

Dizendo que precisamos mesmo conversar sobre como ocorrem as internações e o olhar da sociedade àqueles que necessitam de tratamento em saúde mental.

Assim, a listagem final que conseguimos recolher é a seguinte:

- Ouvir o que os usuários estão dizendo;
- Ter espaços de grupos terapêuticos e oficinas destinados aos usuários;
- Ter mais atividades;
- Usar mais espaços ao ar livre;
- **Controle de qualidade**, para além da ficha de avaliação do serviço;
- **Supervisão mensal aos técnicos e enfermagem**, com temas referentes a Direitos Humanos, Sociabilidade.

Na oficina de hoje de manhã, conseguimos finalizar parte das propostas pois a Graziela voltou – havíamos conversado com a psicóloga dela que fez a gentileza de reforçar o convite! A usuária é bem querida e topou nos ajudar a construir a matéria. Só vieram ela e o Eduardo. Nós levamos o *notebook* para ficar mais fácil de compormos colaborativamente um esboço de posse das propostas de melhoria que havíamos recolhido anteriormente.

Para nossa não tão grande surpresa, no fim da oficina, precisamos chamar a psicóloga da Graziela para lhe dar um certo continente, pois como ela voltou no dia em que estávamos escrevendo a matéria ficou um pouquinho pesado. Ela repetia várias vezes, referindo-se a uma de suas internações:

- *A gente se sente muito sozinha.*

Só que um pouco antes dela ser tomada por esse sentimento de solidão, referiu que para ela tinha sido bastante importante:

- ***Pra mim foi proteção, sair do mundo (da realidade, das tristezas e dos problemas), é como se tu estivesse morto, mas seguir vivendo.***

O que de um modo geral apareceu como um denominador comum nos relatos/vivências, mesmo que tivesse sido problemático, as/os jornalistas trouxeram que acreditam que esse período no hospital fora de grande relevância para estarem apenas no Cais hoje, com o tratamento em liberdade.

Mas assim, se eu contar tu não acredita, estávamos os quatro na sala. De um lado, tínhamos a Graziela aos prantos, posto que temia pela volta da Ditadura com o governo do Bolsonaro, uma vez que a temática a levou para essa associação,

especialmente com relação ao tema da tortura. Do outro lado, o Eduardo ria sem parar, com seus sintomáticos risos imotivados – detalhe, que o filme do Coringa saiu de cartaz há pouco e parecia que era exatamente essa personagem que estava ali partilhando a sala ao nosso lado hehe.

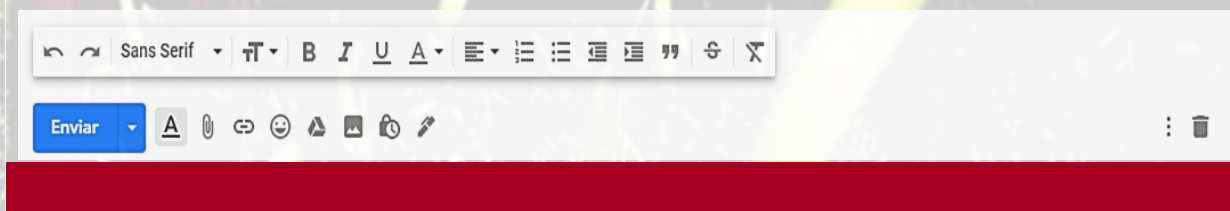
Só em uma oficina de Caps!

Há BraSUS!


att

Bento

Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS
CRP 07/29878



Re: DOENÇA MENTAL NÃO É UM BICHO DE 7 CABEÇAS

 dosto_bento@gmail.com

Tudo indo, corrido como sempre, mas bem!

Genial esse título, é exatamente o que estávamos procurando, já gostei do Joaquim. Coitadinha da Graziela, mas achei ótimo esse colo para ela. Aliás, fazia tempo que tu não mencionavas o nome dela mesmo – continua sendo a minha favorita.

Assim ... vou tentar dar meus pitacos e acho que será uma produção muito rica. Primeiro, as pospostas têm que ficar com um bom destaque, acho que colocar em uma letra maior, não sei bem, veja com o nosso povo aí.

Segundo, é bem importante que essas falas possam estar contempladas na escrita, até mesmo pela questão do estigma, que era algo que não havia me ocorrido tão nitidamente no trabalho, mas vale uma grande aposta.

Vou esboçar um início e vocês vão complementando:

O procedimento de internação, após longos 18 anos da Lei da Reforma Psiquiátrica, segue sendo o “Meu Malvado Favorito” das situações de crise em saúde mental – **já que mencionaste o filme do Coringa**. Não quero duvidar da importância que a internação tem para alguns casos, mas mostrar outra visão de como esse momento pode ser mais humanizado.

Colocar algumas perguntas no meio pode ser um caminho interessante, imagens também são legais!

Para usar as frases, pensei em tentar dar um tom de entrevista nos parágrafos, algo do tipo: “na ótica do entrevistado [...]”; “perguntado sobre como a internação deveria ocorrer, “fulaninho” respondeu [...]”.

Acho que devem focar na questão de que só se deve lançar mão desse procedimento nos períodos de crise, o que gera alguns momentos estressantes entre equipe/familiares, uma vez que muitas dúvidas são suscitadas.

Pensei também de concluí-la dessa forma:

Para tornar esse momento crítico mais humanizado, recolhi e compilei no quadro ao lado algumas sugestões das entrevistas.

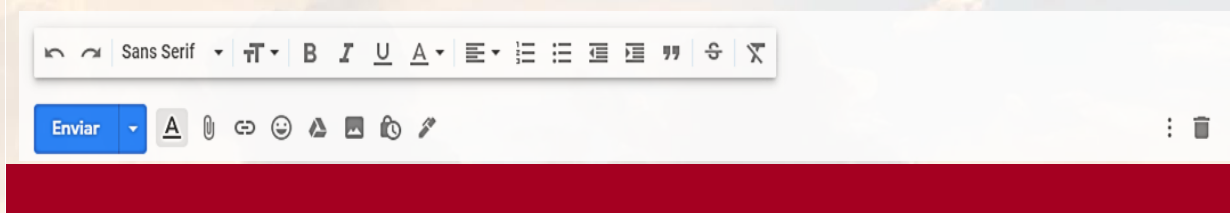
Um dos objetivos dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) é a diminuição das internações. Por isso, caso você não se sinta bem, procure atendimento profissional!


Tá bem, querido?

Estão indo pela trilha correta (a da humanização), ainda dá tempo sim de termos uma produção até a festa de Natal 😊

Beijos!

Anabella



Re: DOENÇA MENTAL NÃO É UM BICHO DE 7 CABEÇAS ramirez.bella@gmail.com

Boa noite, querida!

Como está?

Acho que finalmente conseguimos fazer a primeira matéria!!!

Vou te enviar em anexo.

Te escrevo só hoje, pois a vida foi muito corrida desde a última oficina hehe
Apenas a Graziela compareceu, mas burlamos o sistema e finalizamos com as dicas que tu deu para nós. Dessa vez, nós mesmos conseguimos dar um suporte para ela! Ela escreve tri bem e foi de certa forma até rápido para fechar a escrita. E como tínhamos essa tarefa, ela não ficou tão ativada como na semana anterior.

Enfim, após quase três meses tocando nesse tema tão áspero, acho que conseguimos fazer uma escrita que pegou um pouquinho da contribuição de cada um que passou pela sala 5 e desdobrou em uma matéria bem sensível.

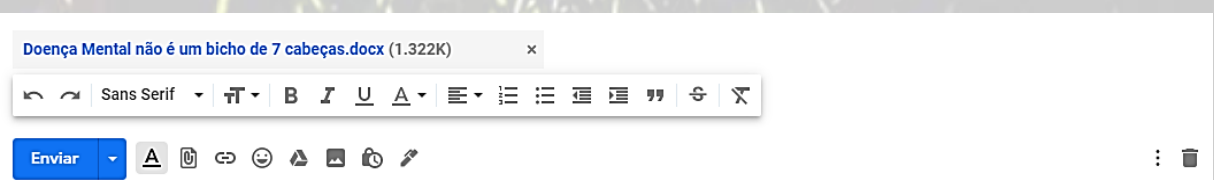
Há braSUS!

att

Bento

Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS

CRP 07/29878



DOENÇA MENTAL NÃO É UM BICHO DE 7 CABEÇAS

“Abrir para o mundo para que não haja preconceito. Temos problema sim, mas estamos nos tratando”.

O procedimento de internação, após longos 18 anos da Lei da Reforma Psiquiátrica, segue sendo o “Meu Malvado Favorito” das situações de crise em saúde mental. Ainda que, no momento atual, é de se pensar duas vezes: valeria utilizá-lo? Por que utilizar este protocolo? Em quais situações é necessário? Apresento nesta reportagem algumas perspectivas sobre a internação. Não quero duvidar da importância que a internação tem para alguns casos, mas mostrar outra visão de como esse momento pode ser mais humanizado. Assim, junto a experiência que tive, entrevistei alguns usuários da saúde mental para perguntar:

COMO A INTERNAÇÃO PODERIA SER?

- ❖ *Ouvir o que os usuários estão dizendo;*
- ❖ *Ter espaços de grupos terapêuticos e oficinas destinados aos usuários;*
- ❖ *Ter mais atividades;*
- ❖ *Usar mais espaços ao ar livre;*
- ❖ *Controle de qualidade, para além da ficha de avaliação do serviço;*
- ❖ *Supervisão mensal aos técnicos e enfermagem, com temas referentes a Direitos Humanos, Sociabilidade*

O que a internação representa para o indivíduo?

“Pra mim foi proteção, sair do mundo (da realidade, das tristezas e dos problemas), é como se tu estivesse morto, mas seguir vivendo”.

Na visão da entrevistada, o período foi muito importante para que conseguisse receber um cuidado e um atendimento mais integral, que naquele momento foi importante para o curso de seu tratamento.

É de comum acordo, entre nós da luta antimanicomial, que a internação deveria ser o último recurso dentro do processo de tratamento. No entanto, não há como negar que o procedimento siga existindo e quero propor reflexões acerca da maneira como a internação possa melhorar – principalmente, neste momento, tendo em vista as movimentações da conjuntura, com o aumento dos investimentos públicos em internações.

“A gente se sente muito sozinha”.

A internação ocorre em períodos de crise e, portanto, não é um período fácil para usuários e seus familiares. Pode gerar afastamentos, diminuição das individualidades, restrição das liberdades, estar em um local estranho, com pessoas desconhecidas. Essas questões podem desencadear incertezas, dúvidas, certas inseguranças, além do sentimento de solidão. Para tornar esse momento crítico mais humanizado, recolhi e compilei no quadro ao lado algumas sugestões das entrevistas.

Um dos objetivos dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) é a diminuição das internações. Por isso, caso você não se sinta bem, procure atendimento profissional!

Para ramirez.bella@gmail.com

6. CAPS EM CONSELHO

Boa noite, Anabella!

Tudo certo contigo?

Retomamos aquele primeiro e-mail que nos enviou lá no início de junho e montamos uma “super estrutura” de cobertura para o I Cais Encontro. A senhora não vai acreditar, nós também só conseguimos ficar surpresos na hora: a gente não precisou fazer nada com relação as entrevistas. O evento era muito importante para o Caps, especialmente para nós das residências que compramos a proposição. Tu não sabe a frustração que deu quando da sala da equipe escutamos o primeiro dos trovões. Felizmente, não nos desanimou. Enfrentamos a chuva para levar as cadeiras da sala do CAD para a multiuso. Essa sala é a nossa maior, utilizada para as oficinas com um maior número de usuárias/os, às nossas festas, assim como às reuniões de equipe. Geralmente fica organizada em roda, mas dessa vez colocamos as cadeiras em fileiras para facilitar a visualização dos slides que seriam apresentados pela Giovana. Além disso, ficamos de suporte ao café reforçado que anunciamos que seria servido. Ao final da atividade a sala estava meio embarrada de tantos pés que circularam pelo espaço, misturada com o aroma do café servido e da grama molhada do jardim lá de fora.

Assim, enquanto ficamos ajudando com os comes e bebes e a reorganização da sala multiuso (para voltar a ficar em roda), os jornalistas pegaram a lista de perguntas, o famoso gravador e quando nos demos conta eles já estavam trabalhando com as pessoas que havíamos definido previamente.

Em síntese: foi um sucesso.

Ficamos muito contentes, enquanto parte da equipe do serviço, por esse evento, afinal estava caindo o mundo e tivemos muitas pessoas presentes.

Hoje de manhã, a gente transcreveu os áudios e precisamos de ajuda na composição da matéria. Como de costume, nos sentamos em torno da nossa grande mesa e o Benjamin faz a gentileza de apertar o play de seu gravador. Ali, todos ficaram muito atentos ao que foi gravado para nos ajudar com a escrita da matéria. Enquanto

isso, os residentes estavam com o encargo de passar para o papel. De qualquer modo estamos muito incrédulos com o resultado do nosso esforço colaborativo.

Há umas duas semanas a gente fez um encontro de pauta para organizar as perguntas e quem iríamos entrevistar. As/os usuárias/os quiseram conversar com a coordenação – uma psiquiatra nova no serviço e poucos a conheciam, a última coordenadora, uma terapeuta ocupacional maravilhosa, ficou mais de dez anos acumulando essa função –, com os familiares, o coordenador do conselho local lá do Geração e com a Giovana que estava conosco na equipe até pouco tempo. Pensamos, aqui, esse ser um bom exemplo de como operar com o comum, aquilo que falávamos no projeto. Um ato político de comunar o Cais, como diriam a Virginia e o Edu Passos. Estamos comunando o coletivo do jornal para estar junto na tarefa de construção do nosso Conselho Local de Saúde. Nesse sentido, podemos até pensar em um movimento de integração de novas e novos participantes da experiência Voz da Mente mediante a conversa-coletivo com essa cobertura.

Assim, optamos por construir perguntas mais específicas para cada um a fim de qualificar o debate. Justamente por essa aposta em agenciar mais vozes ao nosso jornal através da entrevista coletiva como um dispositivo possibilitador de operação no plano do comum.

Nesse sentido, aqui, deixamos organizadas as questões junto com os áudios transcritos de suas respostas:

Ernesto

O que o período como conselheiro contribuiu pessoalmente e coletivamente às quebras de preconceito?

A importância do controle social na fiscalização dos recursos públicos, além da participação dos usuários ao fortalecimento da RAPS (Rede de Atenção Psicossocial), bem como pensar ações e linhas de cuidado desde a atenção primária, cuidar também da população de rua (inclusive com reinserção social). A quebra do estigma também passa pelos eventos culturais do município de Porto Alegre, isso contribui à cidadania, sempre respeitando as possibilidades de cada pessoa, bem como a inserção no mercado de trabalho, tal qual o Geração. Além disso, cabe ressaltar que cada usuário possui as suas particularidades e limitações que precisam ser consideradas na

atuação profissional, de modo que o espaço do conselho possa ser um local para debater tais questões.

Coordenadora

Qual a sua proposta, enquanto nova coordenadora, de melhoria do serviço?

A proposta é conseguir discutir coletivamente as questões, entre usuários e equipe.

Está aberta a uma central de propostas?

Acredito que é uma grande ideia, ter uma caixa com sugestões/reclamações e elogios. A coordenação está aberta inclusive para contribuir com esse debate aqui no espaço do Conselho Local.

Giovana

Qual a importância da participação popular no SUS?

A participação é fundamental, é uma grande potência de transformação da sociedade através do coletivo.

Como surgiu a ideia do Evento?

A ideia começou no espaço da Assembleia, para ampliar as nossas discussões para todo o CAPS, discutir o SUS, seus princípios e os direitos dos usuários. Além de tentarmos constituir o Conselho Local de Saúde.

Usuários e Familiares

Qual a importância do CAIS?

É importantíssimo, é importantíssimo, não tenho como dizer o quanto o meu familiar melhorou no processo.

Nota melhora em relação ao acompanhamento do usuário dentro do serviço?

Está muito melhor, mais integrado com os espaços da cidade, é reconhecido e tem um lugar de excelência para o tratamento.

Qual a importância da participação popular no SUS?

A importância é total, só a população sabe das dificuldades e precisamos reconhecer os milagres que os profissionais fazem com a falta de estrutura que tem. E isso precisa ser reconhecido e fortalecido na participação e cobrança nos espaços coletivos.

O Tykanori escreveu que a autonomia não poderia se confundir com autossuficiência ou independência, este é um conceito que em sua visão se relaciona diretamente com a nossa capacidade de fazer alianças. Esse evento deu o primeiro passo efetivo para a construção do nosso Conselho Local de Saúde e não poderia ter sido mais rica à compreensão e construção de processos dessa autonomia que cita o autor. Tanto no sentido do poder popular mediante o controle social, como no desempenho de nossas/os queridas/os jornalistas.

A central de propostas foi uma ideia do Eduardo – confessamos que foi difícil compô-la em uma pergunta.

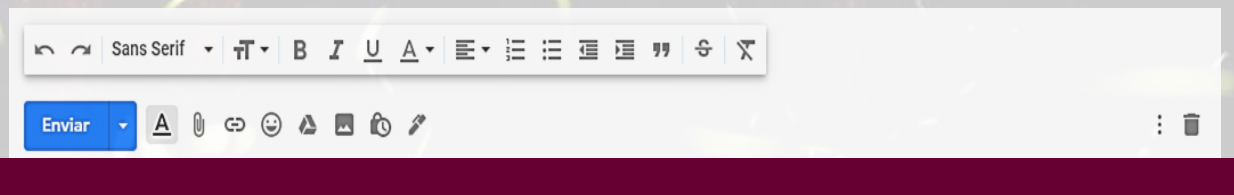
Joaquim estava especialmente interessado na questão do estigma – uma pena ele só ter entrado agora em nossa equipe.

Todos respeitaram a ressalva de que seria importante se identificar e perguntar para os entrevistados se gostariam de conceder o seu tempo à entrevista. Na nossa memória, acreditamos que cinco das/os nossas/os jornalistas estavam no dia e se ocuparam da tarefa da cobertura em loco e da participação enquanto usuária/o do serviço!

HáBraços!


Att

Bento
Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS
CRP 07/29878



A screenshot of a rich text editor interface. The background is a dark, textured surface with a prominent vertical red stripe. The editor's toolbar is visible, featuring a blue 'Enviar' button on the left, followed by icons for text color, link, image, and other editing functions. The text area above the toolbar contains the text 'HáBraços!', 'Att', and the signature 'Bento, Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS, CRP 07/29878'.

Re: CAPS EM CONSELHO

 dosto_bento@gmail.com

Boa tarde, querido!

Estou cada vez mais feliz com as nossas trocas. A equipe de vocês está ficando profissional. Adorei o gravador e as perguntas.

Quero muito conhecer esse “nosso time”.

Acredito que a matéria possa ser de página inteira, afinal, nada mais importante a esse momento político que estamos vivendo. Precisamos nos fortalecer enquanto rede para defender os nossos serviços públicos.

Assim, Bento, seguem minhas sugestões (como teremos mais espaço):

Introdução:

No dia x de outubro aconteceu o I Cais Encontro.

Esse evento foi dedicado a discussão entre pacientes, técnicas/os e familiares sobre a criação de um Conselho Local de Saúde no Caps Centro. Durante uma tarde bastante chuvosa (não sei se choveu no dia, acredito que sim, esse ano o tempo só nos atrapalha, parece a gestão municipal rsrs), x pessoas participaram e discutiram acerca dos princípios e direitos do Sistema Único de Saúde.

Informem como foi a dinâmica no dia, a tua colega que fez uma fala, me corrija se estiver errada (recebi o convite pelo *whats* rsrs)?

A residente do serviço social ficou responsável por uma explanação didática e objetiva sobre o tema e a importância da participação popular.

Também é legal citar as/os convidadas/os e a coordenação:

O evento foi organizado pelos participantes da Assembleia contando com o apoio da psicóloga de referência (continuo achando bastante curiosa a dinâmica que a Assembleia tomou ao longo dos anos, essa parte não é publicável). A atividade também contou com a participação do conselheiro e usuário Ernesto, da coordenadora do serviço e da cobertura da Oficina de Jornal (importante nos destacar também!).

Essa matéria me recordou bastante dos movimentos de rua que fizemos no final da década de 1980. Eu era guria, mas lembro bem da mãe que era ativa lá na

comunidade. Nunca vou esquecer das reuniões que ela organizava na paróquia, claro, eu não entendia muito bem o porquê de termos que entrar escondido e de sempre ter que carregar um terço conosco – o meu era bem pequeno – se não rezávamos. As questões principais sempre giravam em torno de conseguir um postinho lá para o Navegantes, pois nem todo mundo trabalhava e quem ficava doente se ajudava com a mãe ou com o nosso Padre. A minha função era organizar a brincadeira da gurizada, pois as mulheres não tinham com quem deixar os filhos. A mãe ficou tão feliz quando leu na Zero Hora que havia sido promulgada a Lei 8.142¹³ que fez questão de comprar o jornal – mesmo sendo dessa empresa rrsrs. Sob esse regime legal, grande vitória da nossa redemocratização, foram criados os conselhos municipais, de modo paritário, com prerrogativa de ser 50% de participação popular. Engraçado que até hoje esse dispositivo de controle social é tão subutilizado, fico muito feliz que estejam afirmando a construção do conselho local aí no Cais.

Encaminhamentos do dia:

Os participantes aprovaram por aclamação a instituição do Conselho Local do Cais Mental e foi designado a criação de uma comissão que fará o processo eleitoral para o Conselho.

Colocar uma frase introduzindo quem foi entrevistado, por exemplo:

O vice coordenador da Comissão de Saúde Mental de Porto Alegre e coordenador do Conselho Local de Saúde do GeraçãoPoa, foi entrevistado durante o evento.

A nossa equipe também entrevistou a nova coordenadora do serviço:

Outra profissional que contribui com os nossos repórteres foi a residente de saúde mental da UNISINOS. Ela está ajudando a coordenar a Assembleia do serviço e foi uma das idealizadoras do CAIS ENCONTRO.

Por fim, uma familiar também contribui com a nossa matéria. Cabe ressaltar a importância de sua fala, uma vez que a participação da comunidade é de suma valia à coletivização dos serviços públicos.

Coloquei na ordem que tu me enviaste as transcrições. Acho que seria legal deixar uma estética de perguntas e respostas na versão final.

¹³ BRASIL. Casa Civil. **LEI Nº 8.142, DE 28 DE DEZEMBRO DE 1990**. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8142.htm. Acesso dia: 22/08/2020.

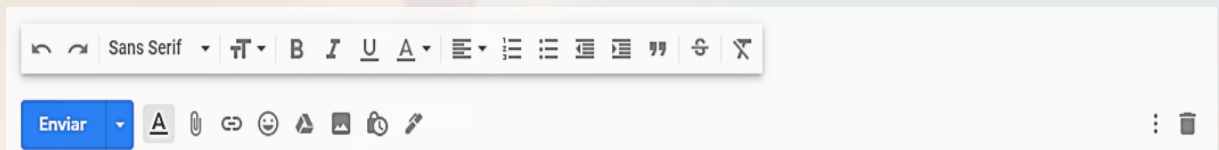
E quero que termine dessa maneira (já que acordamos que seria eu quem assinaria, tenho esse poder rsrs):

Na visão da Editora, o Cais Encontro foi uma atividade de suma importância para todos que constroem o CAPS e dada a aprovação da constituição do Conselho Local, o evento foi um grande sucesso!


ps.: lembre-se que as minhas sugestões não precisam ser necessariamente acatadas.

Bj

Anabella



Re: CAPS EM CONSELHO

 ramirez.bella@gmail.com

Boa noite, Anabella!
Como está a senhora?

Hoje o dia foi bem corrido, só conseguimos parar agora (por isso o horário tardio que te enviamos este e-mail).

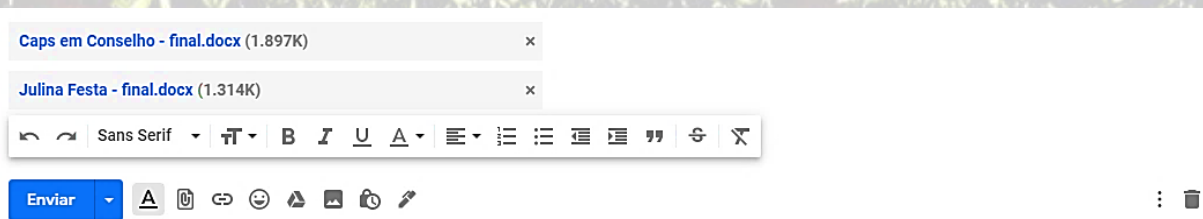
Gostaríamos de dizer que também tem sido genial essa tua supervisão editorial. Não poderíamos estar mais agradecidos!

Segue anexo as coberturas finalizadas, tiramos a oficina de hoje a fim de terminar ambas as matérias (não saia da nossa cabeça o débito contigo, com relação a da festa) e já surgiram outras várias ideias!

Há braSUS!

Att

Bento
Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS
CRP 07/29878



Caps em Conselho - final.docx (1.897K) x

Julina Festa - final.docx (1.314K) x

Sans Serif

Enviar

CAPS EM CONSELHO

No dia 29 de outubro aconteceu o I Cais Encontro. Esse evento foi dedicado a discussão entre pacientes, técnicos e familiares sobre a criação de um Conselho Local de Saúde no Caps Centro. Durante uma tarde bastante chuvosa, 27 participantes discutiram acerca dos princípios e direitos do Sistema Único de Saúde. A assistente social Giovana ficou responsável por uma explanação didática e objetiva sobre o tema e a importância da participação popular. O evento foi organizado pelos participantes da Assembleia do Cais contando com o apoio da psicóloga Anita. A atividade também contou com a participação do conselheiro e usuário Ernesto, da nova coordenadora do serviço e da cobertura da Oficina de Jornal. Os participantes aprovaram por aclamação a instituição do Conselho Local do Cais Mental e foi designado a criação de uma comissão que fará as eleições para o Conselho.

Ernesto, vice coordenador da Comissão de Saúde Mental de Porto Alegre e coordenador do Conselho Local de Saúde do GeraçãoPoa, foi entrevistado durante o evento.

O que o período como conselheiro contribuiu pessoalmente e coletivamente às quebras de preconceito?

A importância do controle social na fiscalização dos recursos públicos, além da participação dos usuários ao fortalecimento da RAPS (Rede de Atenção Psicossocial), assim como pensar ações e linhas de cuidado desde a atenção primária, cuidar também da população de rua (inclusive com reinserção

social). A quebra do estigma também passa pelos eventos culturais do município de Porto Alegre, isso contribui à cidadania, sempre respeitando as possibilidades de cada pessoa, bem como a inserção no mercado de trabalho, tal qual o Geração. Além disso, cabe ressaltar que cada usuário possui as suas particularidades e limitações que precisam ser consideradas na atuação profissional, de modo que o espaço do conselho possa ser um local para debater tais questões.

A nossa equipe também entrevistou a nova coordenadora do serviço:

Qual a sua proposta, enquanto nova coordenadora, de melhoria do serviço?

A proposta é conseguir discutir coletivamente as questões, entre usuários e equipe.

Está aberta a uma central de propostas?

Acredito que é uma grande ideia, ter uma caixa com sugestões/reclamações e elogios. A coordenação está aberta inclusive para contribuir com esse debate aqui no Conselho Local.

Outra profissional que contribui com os nossos repórteres foi a residente do serviço social do programa de saúde mental da UNISINOS. Ela está ajudando a coordenar a Assembleia do serviço e foi uma das idealizadoras do CAIS Encontro.

Qual a importância da participação popular no SUS?

A participação é fundamental, é uma grande potência de transformação da sociedade através do coletivo.

Como surgiu a ideia do Evento?

A ideia começou no espaço da Assembleia, para ampliar as nossas discussões para todo o CAPS, discutir o SUS, seus princípios e os direitos dos usuários. Além de tentarmos constituir o Conselho Local de Saúde.

Por fim, uma familiar também contribui com a nossa matéria. Cabe ressaltar a importância de sua fala, uma vez que a participação da comunidade é de suma valia à coletivização dos serviços públicos.

Qual a importância do CAIS?

É importantíssimo, é importantíssimo, não tenho como dizer o quanto o meu familiar melhorou no processo.

Nota melhora em relação ao acompanhamento do usuário dentro do serviço?

Está muito melhor, mais integrado com os espaços da cidade, é reconhecido e tem um lugar de excelência para o tratamento.

Qual a importância da participação popular no SUS?

A importância é total, só a população sabe das dificuldades e precisamos reconhecer os milagres que os profissionais fazem com a falta de estrutura que tem. E isso precisa ser reconhecido e fortalecido na participação e cobrança nos espaços coletivos.

Na visão da Editora, o Cais Encontro foi uma atividade de suma importância para todos que constroem o CAPS e dada a aprovação da constituição do Conselho Local, o evento foi um grande sucesso!

JULINA FESTA

Essa foi a primeira cobertura realizada pela nossa equipe de reportagem. O tradicional São João do Cais Mental ficou para julho este ano, às 14 horas do dia 10. Foi uma festa muito linda, recheada de afetos e muitas comidas típicas!

A festa foi construída com a contribuição dos usuários e dos profissionais que trabalharam na decoração e nas atrações do evento. Além da quadrilha improvisada, a Festa Julina de 2019 contou com diversos momentos preparados previamente pelas oficinas realizadas no Caps. A oficina “Atelier de Escrita” trouxe vários textos sobre o São João; As “Outras Histórias” narrou a origem das comemorações juninas. Os aniversariantes do mês cantaram parabéns. Em meio as várias atividades da tarde, aproveitamos que o Caps estava cheio para a realização do batismo do nosso jornal, através de uma votação acirrada.

Durante a reunião de pauta sobre a cobertura do evento, elaborou-se as seguintes perguntas:

Como está o evento?

Algum pedido para São João?

Qual a importância da festa?

Além delas, foi definido quem seria entrevistado. Em unanimidade, a cozinheira dona Neuza foi citada, afinal, não há festa sem comida.

Está uma fartura, não faltou nada.

Quero um marido, de repente!

É importante participar, tiveram muitas colaborações.

As perguntas também foram respondidas pelos usuários, que destacaram:

Comida e música estão muito boas!

A Psicóloga festeira do Cais, Anita, também foi ouvida:

A festa está animada, a música está meio caída, mas está tudo de bom!

Tem que pedir pra qualquer santo, mas peço mais para Santo Antônio.

A importância é a alegria, pausa nos problemas e espaço para as coisas boas, as pessoas se veem de outra maneira. Outra coisa é que todos se viam na festa, todos ajudaram a organizar, mesmo que com um pouquinho.

A Residente psicóloga Flávia deu sua contribuição:

Bem legal, decoração linda, povo só está meio acanhado. A música está ótima.

Nunca fiz pedido para São João, mas pediria mais festas.

É sempre um momento de alegria e confraternização.

Dessa forma, posso afirmar que o trabalho de todos resultou em um excelente São João! Faço apenas uma única ressalva: **faltou o casamento na roça!**

VOTAÇÃO

A oficina do Jornal aproveitou os numerosos convidados da festa para, enfim, receber um nome. Se o jornal é do Cais, nada mais justo ele ser escolhido por todos. Dessa feita, com 16 de 58 votos “A Voz da Mente” foi o vencedor, superando “Folha do Cais” e “Mente Livre” (14 e 13 votos).

Para ramirez.bella@gmail.com

7. O MEU ANEL DE BAMBA

Boa noite, Anabella!

Como está? (esperamos que bem)

Trabalhamos um bocado desde o último e-mail, parece que engatamos de vez (tem que sair esse jornal!)

Hoje, nossos mais assíduos jornalistas estavam a fim de produzir e mais ou menos conseguimos fechar a matéria das entrevistas, tu precisa ver o clima de felicidade dentro daquela sala – e um misto de alívio e empolgação por parte de nós da coordenação do grupo, claro que pensamos o espaço sem necessariamente a pretensão de termos efetivamente um produto final, porém a essa altura parece que vamos conseguir.

O encontro que deu o pontapé inicial foi há umas três semanas quando terminamos de escutar o material da última cobertura. Ali, foi tudo muito rápido, surgiu a ideia de seguir com a dinâmica e entrevistar mais pessoas, de modo que prontamente desejaram fazê-lo com aqueles que exercem o cuidado – talvez as movimentações da Assembleia ajudaram às/aos usuárias/os se darem conta de que mais gente se aposentará, além, claro, de terem gostado da função. Assim, foi pensada uma espécie de homenagem e agradecimento aos serviços prestados com tanto afeto durante todos esses anos.

Nesse sentido, vem o título provisório: “O Meu Anel de Bamba”. O samba é marca presente na oficina de música e essa canção em especial casa bastante com a psicóloga que toca o grupo e nos concedeu a última entrevista. Nessa perspectiva, julgamos ser interessante usá-la como metáfora híbrida e brincar com ela em algum lugar do texto.

Naquele dia, já foram elencadas as seguintes questões:

Quais são os riscos do ofício?

Como sua área profissional pode contribuir ao tratamento?

Como é atender vários pacientes em sequência?

Qual a importância do vínculo com o paciente?

Qual o papel dos usuários em sua trajetória profissional e pessoal?

Na semana seguinte, nós marcamos com as/os nossas/os colegas profissionais e nos dividimos para ver quem acompanharia as entrevistas. Confessamos que a essa altura, nossos incipientes jornalistas já podem fazê-las sozinhas/os, tal como ocorreu na última matéria.

A primeira entrevista ocorreu durante a oficina na semana seguinte, tal qual as duas últimas – feitas semana passada. A entrevista com o psiquiatra, por motivo de agenda, foi feita na última quarta. O Benjamin, muito implicado e solícito como sempre, se deslocou para realizá-la – de posse de seu gravador, obviamente.

As entrevistas mais legais foram as últimas, pois o nosso grupo estava maior na semana passada. A gente imprimiu uma cópia das perguntas e deixamos sobre a mesa. Desse modo, eles se dividiram meio na ordem do acaso para fazê-las às nossas convidadas. Pensamos em seguir aquela ordem mais lógica, porém, ali no momento, cada uma das entrevistas saiu a seu modo muito particular, tu precisava ver!

Foi um rio de lágrimas que passou na nossa sala. Com lindos depoimentos.

O Eduardo inverteu a ordem, **Benjamin perguntou se o risco do ofício não poderia ser o contágio na hora dos atendimentos – ele estava especialmente preocupado em “passar a loucura” aos seus terapeutas.**

A psicóloga adorou passar a carreira a limpo, principalmente nessa parte do contágio, quando disse que sim era um risco ser contaminada, mas calculado!

Deixamos um esboço de início e as partes das entrevistas que julgamos mais interessantes transcritas:

Entrevistei os profissionais que depois de tantos anos dedicados ao trabalho com saúde mental, estão próximos ao encerramento de sua trajetória no Cais Mental. Dessa forma, compus algumas perguntas aos nossos profissionais a fim de saber a complexidade dos atendimentos e a relação que existe entre profissional/paciente.

Assistente Social

“O vínculo e o respeito são muito importantes para a evolução do tratamento. O Serviço Social trabalha com o código de ética, buscando a promoção da autonomia, da cidadania e tratar das questões sociais, principalmente que as políticas públicas sejam efetivas com relação a informação e garantia de direitos”.

“O usuário é a efetivação do teu trabalho, com quem tu irás compor experiências. Através do retorno que nos trazem e do afeto podemos observar se estamos indo no caminho correto da profissão”.

Psiquiatra

“O psiquiatra contribui com os medicamentos, diminuição dos sintomas desagradáveis que faz com que as pessoas sofram e podemos escutar. Essa escuta por si só já pode se tornar terapêutica. Cada paciente é um paciente. Para podermos atender todos é preciso fechar a porta entre um atendimento e outro. É como acender e apagar a luz, para que possamos ouvir”.

“O vínculo é fundamental! Para as pessoas poderem se abrir, poder falar a vontade daquilo que vem na mente é preciso que exista confiança, que só se consegue mediante o vínculo. O que eu faço, eu aprendi a fazer com os usuários. Aquilo que aprendi dirigindo tratamentos, eu fiz junto com eles, avaliando os efeitos, os escutando. É essa interação que me ajuda a pensar, repensar, buscar aprender e vou me dando conta até mesmo que não sei”.

Enfermeira

“Foi um início bem difícil, pois atuava em hospital. Vim para a saúde pública como um recomeço. Foram muitas áreas da minha vida, são 34 anos de enfermagem e irei iniciar uma nova etapa. Em termos profissionais e pessoais o Caps foi um local com muitas possibilidades e eu as aproveitei. Vou sentir muita falta!”

“A gente se preocupa, sempre visa atuar com respeito e consideração com o paciente que está em nossa frente. Aqui, o trabalho é com os usuários e não fazer por eles e isso se dá apenas a partir do vínculo e daí vem toda a evolução do tratamento”.

“Um Caps não vive sem a enfermagem. Nós temos uma costura com os outros profissionais e a enfermeira faz muito isso. A gente atende muito a família e olhamos

para o todo, visando a melhor evolução do cuidado, primando pelo trabalho interdisciplinar”.

“Uma vez que tu resolves trabalhar com saúde mental precisa se colocar nas situações e buscar formação, tem que estar muito implicada, pois o risco é um fechamento às situações difíceis que aparecem. Há também os riscos das frustrações, por atropelar as vontades dos pacientes a partir das nossas expectativas, devemos sempre respeitar nossos pacientes. Além disso, é preciso conseguir separar vida profissional e pessoal”.

Psicóloga

“No trabalho da clínica viva, podemos estudar, ler, nos instrumentalizar, mas é a prática que irá promover o trabalho e isso só se dá junto aos pacientes. Daí vem a escuta, para ajudarmos a decifrar de onde vem o sofrimento de cada sujeito”.

“Cada sujeito é um sujeito em sua singularidade. A escuta tem que ser totalmente voltada para o paciente totalmente disponível àquele momento. Por isso, é importante um tempo entre uma consulta e outra para podermos dar uma esvaziada na cabeça”.

“Todas as escolhas têm um risco. Quando escolhi essa profissão foi com vontade e muito amor. O risco é lidar com as incertezas no trabalho. Não lidamos com matéria exata, mas com sentimentos, lembranças que não são números”.

“Como vocês disseram é uma contaminação, um contágio. Eu gosto de trabalhar com palavras. Trajetória é uma delas. Eu escolhi o serviço público e tenho muito orgulho de ter feito parte dessa equipe, sempre primando pela saúde como um direito. Luto até hoje, junto com vocês, pela manutenção do serviço. É muito importante reconhecer o quanto isso acrescenta e nos contamina”.

“Para finalizar, eu adoro trabalhar com a formação de novos profissionais, como deixar o anel de bamba a quem mereça usar, como diz a música. E nesse ano de encerramento, tive a felicidade de compartilhar o trabalho com essa equipe de residentes que nos dá força e segurança na continuidade”.

Após a transcrição, as/os nossas/os jornalistas tiveram a ideia de colocar uma foto dos entrevistados e colocar uma caixa no centro, destacando algumas das falas.

Eduardo sugeriu trabalharmos com Chico quando estávamos debatendo a ideia de utilizarmos uma música, cantarolando (à sua maneira) alguns versos que só depois conseguimos identificar que era “Vai passar”!

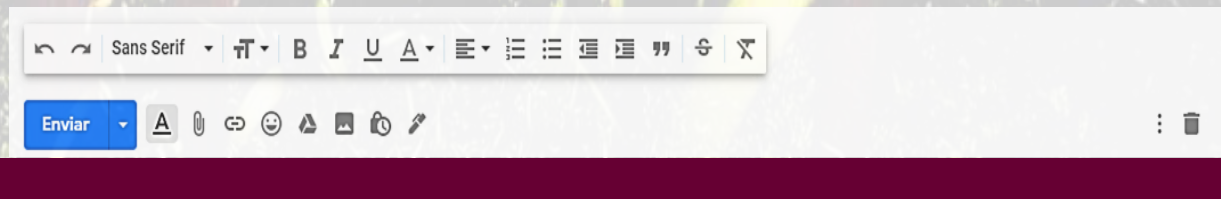
Joaquim solicitou que colocássemos a profissão de cada entrevistado.

Ah, eles adoraram os toques que tu deu à última matéria.


Há braSUS!

Att

Bento
Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS
CRP 07/29878



Re: O MEU ANEL DE BAMBA

 dosto_bento@gmail.com

Boa tarde, querido!

Olha, guri, eu já estava ficando agoniada, faz tempo desde o último e-mail. É realmente importante para eles que esse jornal saia do papel, mas se o processo tem sido rico já vale por si só.

Te acalma!

Para mim, essa é a matéria mais emocionante, tu sabes que o doutor foi muito importante no meu processo e a psicóloga é uma queridona, me acolheu super bem naquela matéria dos 20 anos do Cais. Eu não sou tão idosa, mas já estou mais próxima da aposentadoria do que em início de carreira. Queria ver a reação das/os entrevistadas/os quando lerem, vai ser uma matéria curativa!

Essa sacada do samba foi muito bem bolada.

Parece que não tem muito segredo, Bento. Acho que seria bom ter uma foto deles sim, tal como na matéria do Cais Encontro (só não esquece da legenda, jornalismo se faz assim rrsrs). Vai ficar como um documento histórico para o serviço com essa foto.

A introdução está ótima, foi feita por eles?

Façam a caixa de texto com as seguintes frases (retirei exatamente da ordem que foram entrevistados):

“O usuário é a efetivação do teu trabalho, com quem tu irás compor experiências”.

“O que eu faço, eu aprendi a fazer com os usuários. Aquilo que aprendi dirigindo tratamentos, eu fiz junto com eles, avaliando os efeitos, os escutando”.

“Em termos profissionais e pessoais o Caps foi um local com muitas possibilidades e eu as aproveitei”.

“É o trabalho da clínica viva, podemos estudar, ler, nos instrumentalizar, mas é a prática que irá promover o trabalho e isso só se dá junto aos pacientes”.

É importante mesmo destacarem as profissões, Joaquim está muito certo! (mostramos, com isso, que um Caps é inventado por muitas mãos).

E quero que terminem desse jeito:

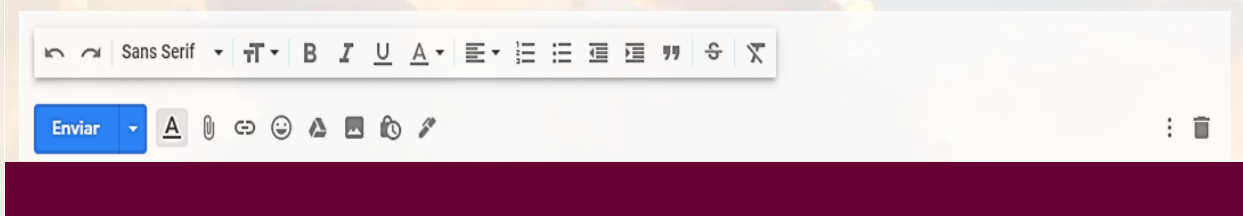
Antes de me despedir deixo ao sambista mais novo o meu pedido final:

Não deixe o samba morrer!


ps.: só não mudem a finalização rs

Bjs

Anabella



Re: O MEU ANEL DE BAMBA

 ramirez.bella@gmail.com

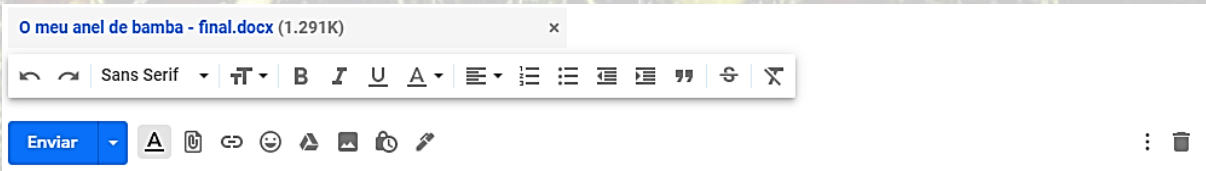
Tá bem, querida!
Prometemos (tentar) conter a euforia!

Segue anexo a versão para o teu aval 😊

Há braSUS!

Att

Bento
Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS
CRP 07/29878



O MEU ANEL DE BAMBA

Entrevistei os profissionais que depois de tantos anos dedicados ao trabalho com saúde mental, estão próximos ao encerramento de sua trajetória no Cais Mental. Dessa forma, compus algumas perguntas aos nossos profissionais a fim de saber a complexidade dos atendimentos e a relação que existe entre profissional/paciente.

(Assistente Social)

O vínculo e o respeito são muito importantes para a evolução do tratamento. O Serviço Social trabalha com o código de ética, buscando a promoção da autonomia, da cidadania e tratar das questões sociais, principalmente que as políticas públicas sejam efetivas com relação a informação e garantia de direitos.

O usuário é a efetivação do teu trabalho, com quem tu irás compor experiências. Através do retorno que nos trazem e do afeto podemos observar se estamos indo no caminho correto da profissão.

(Psiquiatra)

O psiquiatra contribui com os medicamentos, diminuição dos sintomas desagradáveis que faz com que as pessoas sofram e podemos escutar. Essa escuta por si só já pode se tornar terapêutica. Cada paciente é um paciente. Para podermos atender todos é preciso fechar a porta entre um atendimento e outro. É como acender e apagar a luz, para que possamos ouvir.

O vínculo é fundamental! Para as pessoas poderem se abrir, poder falar a vontade daquilo que vem na mente é preciso que exista confiança, que só se consegue mediante o vínculo. O que eu faço, eu aprendi a fazer com os usuários.

Aquilo que aprendi dirigindo tratamentos, eu fiz junto com eles, avaliando os efeitos, os escutando. É essa interação que me ajuda a pensar, repensar, buscar aprender e vou me dando conta até mesmo que não sei.

(Enfermeira)

Foi um início bem difícil, pois atuava em hospital. Vim para a saúde pública como um recomeço. Foram muitas áreas da minha vida, são 34 anos de enfermagem e irei iniciar uma nova etapa. Em termos profissionais e pessoais o Caps foi um local com muitas possibilidades e eu as aproveitei. Vou sentir muita falta!

A gente se preocupa, sempre visa atuar com respeito e consideração com o paciente que está em nossa frente. Aqui, o trabalho é com os usuários e não fazer por eles e isso se dá apenas a partir do vínculo e daí vem toda a evolução do tratamento.

“O usuário é a efetivação do teu trabalho, com quem tu irás compor experiências”

“O que eu faço, eu aprendi a fazer com os usuários. Aquilo que aprendi dirigindo tratamentos, eu fiz junto com eles, avaliando os efeitos, os escutando”

“Em termos profissionais e pessoais o Caps foi um local com muitas possibilidades e eu as aproveitei”

“É o trabalho da clínica viva, podemos estudar, ler, nos instrumentalizar, mas é a prática que irá promover o trabalho e isso só se dá junto aos pacientes”

Um Caps não vive sem a enfermagem. Nós temos uma costura com os outros profissionais e a enfermeira faz muito isso. A gente atende muito a família e olhamos para o todo, visando a melhor evolução do cuidado, primando pelo trabalho interdisciplinar.

Uma vez que tu resolves trabalhar com saúde mental precisa se colocar nas situações e buscar formação, tem que estar muito implicada, pois o risco é um fechamento às situações difíceis que aparecem. Há também os riscos das frustrações, por atropelar as vontades dos pacientes a partir das nossas expectativas, devemos sempre respeitar nossos pacientes. Além disso, é preciso conseguir separar vida profissional e pessoal.

(Psicóloga)

No trabalho da clínica viva, podemos estudar, ler, nos instrumentalizar, mas é a prática que irá promover o trabalho e isso só se dá junto aos pacientes. Daí vem a escuta, para ajudarmos a decifrar de onde vem o sofrimento de cada sujeito.

Cada sujeito é um sujeito em sua singularidade. A escuta tem que ser totalmente voltada para o paciente totalmente disponível àquele momento. Por isso, é importante um tempo entre uma consulta e outra para podermos dar uma esvaziada na cabeça.

Todas as escolhas têm um risco. Quando escolhi essa profissão foi com vontade e muito amor. O risco é lidar com as incertezas no trabalho. Não lidamos com matéria exata, mas com sentimentos, lembranças que não são números.

Como vocês disseram é uma contaminação um contágio. Eu gosto de trabalhar com palavras. Trajetória é uma delas. Eu escolhi o serviço público e tenho muito orgulho de ter feito parte dessa equipe, sempre primando pela

saúde como um direito. Luto até hoje, junto com vocês, pela manutenção do serviço. É muito importante reconhecer o quanto isso acrescenta e nos contamina.

Para finalizar, eu adoro trabalhar com a formação de novos profissionais, como deixar o anel de bamba a quem mereça usar, como diz a música. E nesse ano de encerramento, tive a felicidade de compartilhar o trabalho com essa equipe de residentes que nos dá força e segurança na continuidade.

“Antes de me despedir deixo ao sambista mais novo o meu pedido final: Não deixe o samba morrer!”

Para ramirez.bella@gmail.com

8. TODO CARNAVAL TEM SEU FIM

Boa noite, Anabella!

Como a senhora está?

Escrevemos esse e-mail já em tom de despedida, afinal estamos chegando perto da festa de Natal, o que nos mostra que o primeiro ano de residência está perto de deixar a avenida. Hoje, pela manhã, o grupo já estava se aprontando para o até logo, visto que foi combinado com a equipe que a oficina findará na festividade natalina.

Lá na sala que nos abrigou todo esse tempo, tiramos a manhã para escrever as nossas colunas, a tão sonhada escrita com o nome do Joaquim – conduzimos dessa forma, pois entendemos que seria a melhor maneira de lidar com os diferentes formas de se estar no mundo que fizeram parte da nossa sala 5. O Joaquim sempre quis cursar jornalismo e foi um pedido dele, que pudéssemos continuar com a assinatura da senhora, mas que o seu nome também pudesse aparecer.

Dessa maneira, à diagramação final, pensamos em colocar as colunas ao lado do Editorial. Que lhe parece?

Além disso, compilando o material que construímos até aqui, acreditamos que será uma edição bastante especial, na qual o Cais Mental ficou muito em evidência, em grande partes das linhas que o compõe, desde os grupos e oficinas, passando por praticamente todas/os as/os suas/eus profissionais.

Assim, vou colar aqui as colunas e te pedir permissão para publicá-las nominalmente, como o grupo desejou. Além disso, vou enviar os arquivos em anexo das demais produções que não quisemos lhe importunar, visto que tu esteve abarrotada de trabalho em tantas frentes. O texto que foi encomendado ao Ateliê de Escrita, o caderno de anúncios solidários e os jogos. Além disso, uma surpresa para ti, fizemos um esboço de Editorial, tomara que goste!

Para finalizar esta primeira edição, te pedimos uma última ajudinha, com as manchetes, pode ser?

Colunas:

Na minha participação tive muitas novidades no conhecimento.

Feliz Natal!

Boas Festas!

(Benjamin)

Texto/Narrativo/Declaração/

Informação/Pesquisa sobre a Oficina de Jornal. Entrevista sobre como é a opinião e que eu acho do funcionamento e sobre as atividades da terapia e desenvolvimento de atitudes na terapia de atividade terapêutica da oficina de jornal. Considero os acompanhamentos sociais causas de administração de atividades muito bom e ótimos e de todas as ações de ensino ótimos e as atividades da oficina de jornal são bons.

(Eduardo)

A experiência de participar da Oficina de Jornal, neste ano, foi para mim muito gratificante. Debater, entrevistar, criar pautas exercitou o esclarecimento de vários assuntos. A possibilidade de ser o agente de informação a outras pessoas, que é o fundamento da comunicação é o mais importante. Agradeço a Nina e ao Bento pela oportunidade, visto que ser jornalista sempre foi meu sonho.

(Joaquim)

Foi boa a oficina de Jornal, espero que continue sempre assim. Já estou aposentado pelo INSS, Previdência Social, e estou no Caps já uns 3 anos. Minha esposa, a Sato, pede para eu sempre vir ao Cais Mental na oficina de Jornal.

(Sérgio)

Participar da oficina fez parte da criação de um corpo novo, foi ver nascer, durante os encontros, um corpo profissional. A oficina foi muito além de todas as nossas expectativas, paramos para pensar e aprender juntos sobre comunicação,

direitos e o trabalho com saúde mental. Foi um espaço potente de partilha de saberes e experiências, materializadas por meio de uma escrita colaborativa, que convocava os participantes a refletir, protagonizar e criar o tom desse jornal. A voz da mente expressa realidades, sujeitos e contextos que ilustram os percursos da política de saúde mental, por onde andamos e por onde desejamos andar. Legítima a voz tão estigmatizada da loucura, que encontra nesses processos outras formas de se fazer ouvir. Foi uma experiência incrível e inspiradora, um verdadeiro privilégio ter feito parte disso!

(Residentas/es 2019)

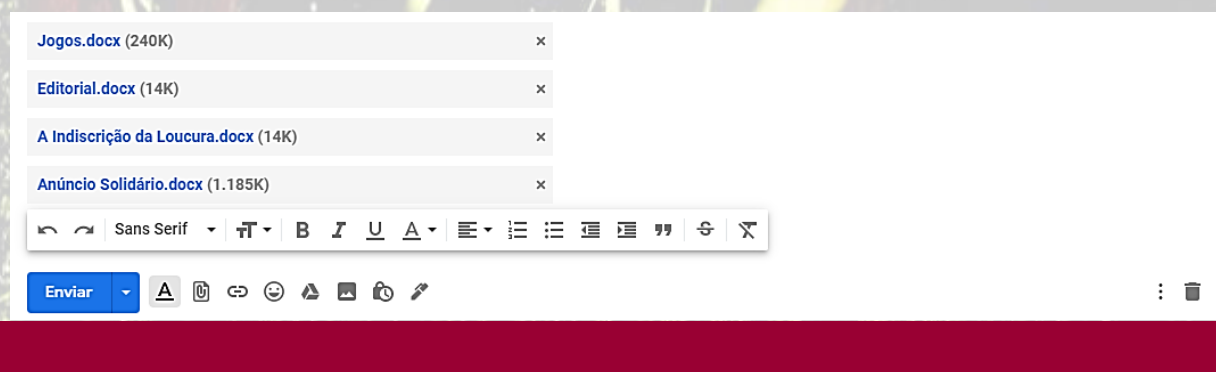
Há BraSUS!

Att

Bento

Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS

CRP 07/29878



The screenshot shows an email interface with a list of attachments and a rich text editor toolbar. The attachments are:

- Jogos.docx (240K)
- Editorial.docx (14K)
- A Indiscrição da Loucura.docx (14K)
- Anúncio Solidário.docx (1.185K)

The toolbar includes options for font style (Sans Serif), font size, bold (B), italic (I), underline (U), text color (A), background color, bulleted list, numbered list, link, unlink, quote, and insert link. Below the toolbar is a row of icons for undo, redo, text color, link, unlink, insert link, and a trash icon. The word "Enviar" is visible in a blue button.

CAÇA-GAM

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal e vertical, sem palavras ao contrário.

S T E M E I T R E S P E I T O O O D
 H T I A H A G T R L I C E E E R W R
 E V D I I P S I Q U I A T R I A S E
 N I E A C H R E E P R E T E Y V I N
 B I P O L A R G T C E S S R N O S D
 B O R S R P A R T I C I P A Ç Ã O W
 W W E N T I T R M D E A N H P A C Y
 W T S N W R I A E A O A A S N T T E
 D O S L O T S A Ú D E A L I H N A P
 A P Ã S T E E I D Ã E T P W O L T D
 H R O T I N A U T O N O M I A F E C
 E H N T V I D A H U A L I A T R O O

AUTONOMIA
BIPOLAR

CIDADÃO
DEPRESSÃO

PARTICIPAÇÃO
PSIQUIATRIA

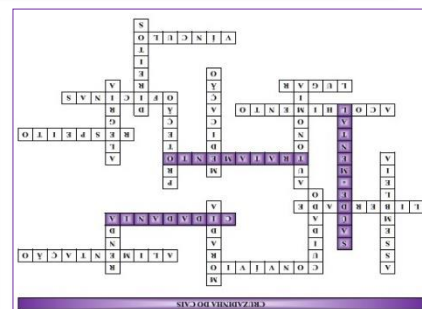
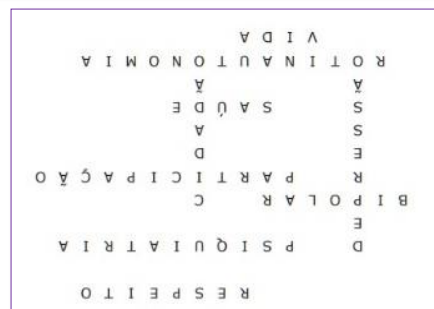
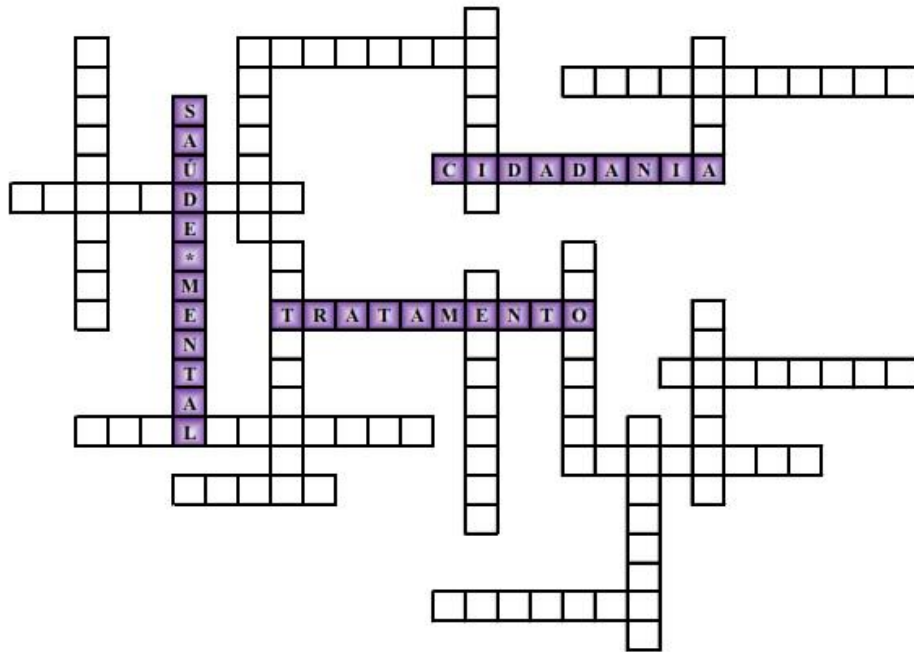
RESPEITO
ROTINA

SAÚDE
VIDA

PALAVRAS

1. SAÚDE MENTAL
2. ACOLHIMENTO
3. RESPEITO
4. LUGAR
5. LIBERDADE
6. CUIDADO
7. OFICINAS
8. ASSEMBLEIA
9. TRATAMENTO
10. MEDICAÇÃO
11. AUTONOMIA
12. VÍNCULO
13. ALIMENTAÇÃO
14. DIREITOS
15. MORADIA
16. CIDADANIA
17. PROTEÇÃO
18. RENDA
19. ALEGRIA
20. CONVÍVIO

CRUZADINHA DO CAIS



EDITORIAL

Essa edição é fruto de várias mãos assinada por uma Editora-Chefe: Anabella Ramirez. O grupo do jornal se reuniu em maio deste ano e começou a trabalhar nesse número. Foram elencadas pautas, entrevistas, coberturas e a criação de uma personagem ficcional e a sua biografia. Todo esse processo deu-se a partir de uma aposta na coletivização do cuidado e do trabalho.

“Certo dia, me senti muito mal no trabalho, já era universitária. Ali, me dirigi ao centro do Mercado onde encontrei meu padrinho que teve a difícil tarefa de comunicar a notícia que mudou a minha vida. Aquela sensação estranha que havia me tomado logo foi transformada em lágrimas: meu pai sofreu um infarto irreversível. Cai em uma forte depressão e precisei de um intenso período de tratamento”.

Após esse traumático episódio, ficou quase dois meses internada em um hospital psiquiátrico do município, não suportava a ideia: como viver sem o pai? Assim, quando teve alta, nossos caminhos se encontraram, pois foi indicada ao carinhoso Cais Mental.

Após longos seis anos entre trabalho, faculdade e tratamento, 2002 é sempre recordado com muito afeto devido a sua formatura. Todos foram as lágrimas quando ao som de “Canção para você viver mais”, recebeu o seu diploma. Durante os estudos, a jovem jornalista aprendeu que falar abertamente sobre as suas vivências seria muito importante ao enfrentamento dos estigmas relacionados ao tratamento em saúde mental.

Nossa Editora é pós-graduada em Humanização. Em sua carreira jornalística trabalhou em vários locais, sempre pautando os Direitos Humanos – Anabella é ferrenha defensora do SUS. Hoje, referência nas matérias sobre saúde, em especial as da saúde mental, dedica-se voluntariamente ao Cais atuando como Editora-Chefe do Jornal reativado em 2019: **A Voz da Mente**.

A INDISCRICÃO DA LOUCURA

Sou germinal da Terra, que por ela sou consagrado.

Há algum tempo já conhecia um colega que dizia um verso “O remédio amolece a cabeça, o trabalho molda”.

Já me disseram que o remédio “queima os neurônios”, deixa a gente esquecida ... Acordo de um pesadelo coletivo e inacessível, inatingível, inalcançável, remédio de doido, sendo miúdos e fracos, no auge da loucura, nos colocam em um carro, com cerveja, bebedeira e companhia de um animal de estimação, esse sendo mais bem tratado que os próprios pares, menos afortunados, onde urinam na calçada cerveja (calçada esta do Caps) bater na pessoa em questão, não levando em consideração o tratamento, as sequelas e o prejuízo e humilhação moral e psicológica, que o louquinho pode lambe todo o mijo que você “humildemente fez”. Acho que isso não é pôr-se no lugar, isso sim é um baita desaforo que nós levamos todos os dias para a casa.

O que seria de nós se não existissem remédios? Seríamos seres vagando à solta pelo mundo?

Remédio me aterriza.

Remédio me acalma.

Remédio me deixa dormir

Remédio me deixa perspicaz

Remédio amolece a alma

E O TRABALHO ESTRAGA TUDO ISSO!

Atelier de Escrita

Esse texto foi escrito a muitas canetas. Provém de um gentil aceite ao convite do Jornal a uma das oficinas do Cais, o famoso Atelier – hoje, coordenado pela psicóloga Beatriz e o Residente psicólogo Bento. Com o tema livre, cada participante escreveu inspirado no parágrafo anterior. Assim, ao final, chegou-se a esses indiscretos versos a partir de uma bela tarde de escrita colaborativa!



Coleção Gera – 2019

LANÇAMENTOS GERAÇÃO POA

Ao adquirir estes produtos, você fará parte de uma rede de inclusão, geração de renda e sustentabilidade, através da Economia solidária. Oficineiros com múltiplas habilidades se reúnem na **GeraçãoPoa** para desenvolver artesanalmente todas as etapas que constroem um produto. A **GeraçãoPoa** é um serviço **100% SUS**, que faz parte da Rede de Atenção Psicossocial de Porto Alegre. A invenção de um cotidiano de trabalho coletivo que respeita e aposta nas diferenças, é o que nos move!

Visite a loja da nossa sede!

R. Mariante, 500 – Rio Branco.

Siga nossas redes sociais:

Instagram: **@geracaopoa**

Facebook: **Geração POA**



Saúde Mental e geração de renda

OFICINA DE BONECAS

“Pano para a manga”, é assim que a Assistente Social e a Terapeuta Ocupacional, e querida ex-coordenadora do Caps, contam sobre a experiência de mais de uma década criando diálogos e artesanatos na oficina de Bonecos de Pano. Com a aposentadoria da Márcia, hoje, a oficina recebeu o reforço da Assistente Social Sirlene Souza. Assim, todas as tardes de quinta-feira, elas recebem as artesãs que irão confeccionar saúde mental entre uma costura e outra.

ASSOCIAÇÃO CONSTRUÇÃO

Somos uma Associação e como nosso símbolo João de Barro indica, fazemos uma construção coletiva cujo principal objetivo é lutar pelos usuários de serviços de saúde mental. Temos como princípios a defesa da Reforma Psiquiátrica, a Luta Antimanicomial, dos Direitos Humanos e da Economia Solidária. Produzimos canecas, camisetas, imãs e demais materiais com sublimação, muitas das artes são produzidas em nosso atelier. A associação é composta por usuários, ex usuários dos serviços de saúde mental e apoiadores.


Instagram: **@associacaoconstrucao**

Facebook: **Associação Construção**



Coleção ACON – 2019

Re: TODO CARNAVAL TEM SEU FIM

 dosto_bento@gmail.com

Boa tarde, querido!

Quanta formalidade, guri. Claro que eu quero que apareça o nome dos componentes do nosso estimado coletivo. Eles trabalharam muito e tão bem!

O texto do Ateliê está muito incrível (já estive por lá), amei a parte dos jogos e os anúncios nem se fala né, o pessoal do Geração tem um trabalho exemplar – e já confeccionei bonecas também!

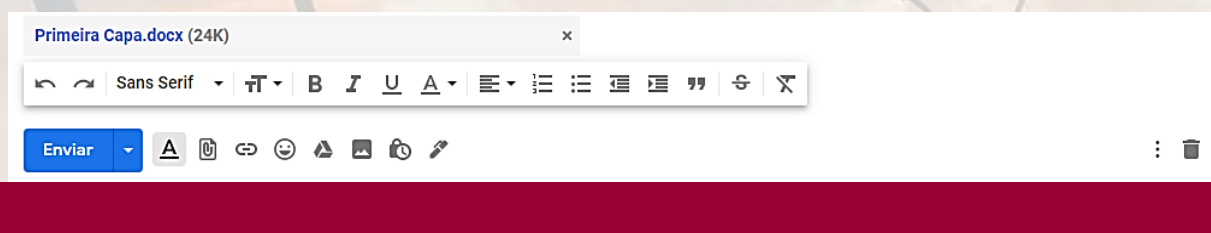
Confesso que fiquei muito emocionada com a homenagem de vocês ali no Editorial. Muito agradecida, o coração dessa velha que lhe escreve não é tão forte assim, guri ...

Já que me aprontaram essa surpresa, te envio em anexo a primeira capa, com um *layout* que pedi para o pessoal de arte aqui da minha equipe preparar especialmente para essa nossa primeira edição!

(só indiquem as páginas e coloquem as fotos/legendas)

Um grande beijo, peço que estenda os meus cumprimentos a todas as pessoas envolvidas no projeto, em especial às e aos, como tu ama chamar, incipientes jornalistas!

Anabella



A VOZ DA MENTE

I EDIÇÃO * 2019

FESTA JULINA

O São João do Cais ocorreu no dia 10 de julho, uma quarta-feira regada a muita alegria, comidas e músicas típicas.

PARTE ESPECIAL

“O Meu Anel de Bamba”. Essa é uma matéria escrita com muito amor, em forma de homenagem e agradecimento. A Voz da Mente entrevistou quatro dos mais queridos e dedicados profissionais do Cais Mental que se encontram no fim de sua trajetória.

Eles contaram de sua relação com os usuários, da importância do vínculo à evolução do tratamento. A Assistente Social e a aposta na garantia de direitos. O Psiquiatra e a escuta. A Enfermeira e os seus curativos emocionais. A Psicóloga e o trabalho da clínica viva.


CAPS EM CONSELHO

Essa matéria traz a cobertura do I Cais Encontro, ocorrido no dia 29 de outubro. Em uma tarde chuvosa, usuários, familiares e profissionais se reuniram pela mobilização à criação do Conselho Local de Saúde do serviço.

A residente do Serviço Social da Unisinos fez uma brilhante explanação acerca dos direitos dos usuários e da necessidade de fortalecimento dos espaços colegiados do controle social.

COMO A INTERNAÇÃO PODERIA SER?

“Doença Mental não é um bicho de 7 cabeças!”. Na linha das entrevistas, nesta reportagem busquei entrevistar alguns usuários e discutir o cenário político que estamos vivendo. A partir dessa pergunta, coletamos depoimentos e sugestões de melhoria visando a humanização, tais como: escutar os usuários; controle de qualidade; formação aos profissionais etc. Embora seja um tema delicado, certas situações de crise podem demandar tal conduta. Assim, entendo que seja interessante abrir o debate a fim da qualificação de todas as etapas do tratamento.

Re: TODO CARNAVAL TEM SEU FIM ramirez.bella@gmail.com

Quarta-feira cinza, acabou!
Acabou os cinzas na quarta
Cinza, purpurina, glitter e grupos terapêuticos

Vai passar na avenida
Carnaval da resistência
SUSstentar o vínculo, a transferência, o amor

Pai, afasta de mim esse cale-se
Afasta de mim as privatizações
O meu anel de bamba
O sambista mais novo precisa usar

Roda mundo, roda gigante
E eis que a roda passa e nos leva pra lá
Agora era fatal
Que o faz de conta terminasse assim
O Bedel, o Rei, o Juiz
Onde a gente é impelido a ser feliz (militando)

Há perigo na esquina e o farol está fechado
Apesar de você
O bêbado vai se equilibrando na corda bamba dos cortes
Fazendo referências e cuidados mil
Amou daquela vez como se fosse a primeira
A primeira de muitas oficinas, de tantos bons encontros
Tijolo por tijolo, num desenho mágico
A mágica passagem desse feriado

Amor é sinônimo de cuidado, portanto, cuidado (em liberdade) é amor. Desse modo, hoje, podemos afirmar:

- Entendi, é isso que eu desejo e desejo pra toda a vida: ser psicólogo.

Agradecemos por toda a sua generosidade e comunar da nossa loucura!

Há braSUS!

Att

--
Bento
Residente de Saúde Mental Coletiva - UFRGS
CRP 07/29878

⏪ ⏩ Sans Serif ↕ B I U A ▾ ☰ ☷ ☹ ☺ ☻ ☼ ☽ ☿ ⚙ ✕

Enviar ▾ A 📎 🔗 😊 🗑 📷 🕒 ✎

⋮ 🗑

9. JORNALAR

- Tu não sentes medo de se contaminar com a loucura?

Escrevemos essas memórias, Leitores, de um lugar confortável, embora dolorido. O processo de criar corpos de resistência não é tão fácil assim. Os convites/convocação às trincheiras, não nos contam o quanto será penoso – ao passo que sim é revigorante saber que não se caminha só. Talvez fosse mais justo colar no verso desta carta-convite que o deambular ético do construir espaços de resistência é muito semelhante ao de encarar um processo psicoterápico, dói bastante, é pesado, mas colhemos os frutos pós árdua jardinagem. Escrevemos de um lugar confortável no sentido do lugar onde pousamos o nosso computador e das almofadas que ajudam a afofar os pesos – esperamos que a experiência de leitura possa ter sido acompanhada por algumas xícaras de chá em um cantinho aconchegante. Esse ano de 2020 foi tudo, menos aprazível. A necessidade de defesa do SUS e de disputar as histórias e narrativas acerca das mortes relacionadas a pandemia da covid-19, nunca se fez tão próxima.

Nessa perspectiva, podemos dizer que o jogo do narrar colaborativo, de marcar memórias do que é bem público (primando por sua defesa de forma intransigente) fez o comum do Jornalar¹⁴ de um Cais. Jornalar é uma política de contágio com a loucura, em sua forma de cuidado em liberdade. Foucault fazia a história, genealógica ou arqueológica, daquilo que era impelido a pesquisar. Se debruçou sobre diversos temas, buscando evidenciar as práticas através de uma extensa mirada aos percursos dos agenciamentos que permitiam a produção dessas tais práticas (regimes de visibilidade, dizibilidade, performatibilidade). Orellana (2004) afirma, em sua tese doutoral acerca da obra do autor, que Foucault propunha uma ética de arena, uma vez que sempre há um rosto, uma corporeidade que se faz entre o saber (práticas de verdade) e o poder (exercícios da política) – especialmente quando vai se debruçar sobre o Cuidado de Si. Deleuze (2010), mais tarde, irá falar de uma terceira dimensão desse rosto, que são as forças de subjetivação que irão dobrar os corpos desses sujeitos e nos fazer ser quem somos. Essa composição é da ordem do singular, pois cada rosto/corporeidade será dobrado de uma maneira bem própria. Nesse sentido, é

¹⁴ Aqui, tomaremos de empréstimo o jogo de verbetes do livro “Pesquisar na Diferença”, criando o nosso próprio para tentar entregar a nossa matéria final.

que Foucault afirma que só podemos fazer a história do presente, ou seja, da presença, uma vez que as práticas é quem irão forjar os singulares processos de subjetivações.

Nos parece que o processo do jornal fez com que jogássemos o nosso corpo à arena da experimentação, para fazermos as histórias contadas pelas muitas vozes da mente se tornarem matéria de cuidado e de resistência. Foram ao todo 20 encontros de oficina a fim de termos a sua primeira edição. O seu início ocorreu no dia 25/06 e finalização em 12/12. Ali, 3 usuárias e 5 usuários, 3 residentes/es, sendo duas colegas assistentes sociais, fizeram parte desse comum da “A Voz da Mente”. Ao longo do deambular do grupo, que começou pequeno, a oficina passou a comunar todo o Cais. Em conjunto com a nossa querida Anabella, todas e todos, incipientes jornalistas, desejamos que o Caps por inteiro estivesse nas tintas que imprimiram o jornal. Desse modo, além das duas coberturas e das duas matérias construídas e destacadas neste trabalho, a edição final contou com o Editorial acerca da vida da Anabella, com uma menção a Festa de Natal, com uma dedicação especial à oficina de música, que estava preparando uma canção a ser apresentada no festejo de final de ano (onde as cópias do jornal foram distribuídas a todas as pessoas que participaram), um texto escrito colaborativamente na oficina do ateliê, uma página dedicada à nossa publicidade solidária, quando as/os usuárias/os fizeram questão de marcar a geração de renda nos moldes da EcoSol como ocupação e direito à cidade e, por fim, o Caça-GAM e a Cruzadinha do Cais, onde cada uma das palavras destacadas formaram um agenciamento coletivo permeado por toda a complexidade e transversalidade de linhas que fazem um Cais ser capaz de ser Porto.

Nessa experimentação como profissional psicólogo, nos utilizamos do jornalismo para compor um lugar de cuidado, uma vez que desde a nossa inserção essa era uma linguagem muito corriqueira no interior do serviço. Com esse dispositivo, buscamos inventar caminhos clínicos possíveis em conjunto com o que encontramos no cenário de prática que se mostrava como forças desejantes. Cabe destacar que durante as atividades, foi preciso acolher as dores e delícias de se trabalhar com as políticas públicas em meio a uma agenda ultra neoliberal que o governo municipal adotou. Se quisermos podemos lançar mão do conceito de “estado suicidário”, proposto por Safatle (2020), ao afirmar que esse tipo de agenda do executivo se assemelha às medidas tomadas no famoso Telegrama 71 hitleriano que ordenava a autodestruição do Terceiro Reich. Nesse texto, o autor propõe que é esta a economia

pulsional que anima o governo Bolsonaro, especialmente com relação às suas posturas frente a gestão da pandemia.

Aqui, no município de Porto Alegre, podemos afirmar que há uma ação bastante semelhante a fim do desmonte dos serviços públicos desde que o executivo municipal assumiu a gestão. Esse ano, em meio ao contexto pandêmico, houve a decisão política de se demitir (com requintes de crueldade sádica) as/os profissionais do Imesf (Instituto Municipal de Estratégia de Saúde da Família¹⁵), denotando explicitamente o desejo de suicídio do Estado quando se refere às práticas bio e necropolíticas (MBEMBE, 2018) às populações mais carentes. Além das políticas dramáticas à porta de entrada primordial da rede, essa gestão acabou com as equipes de matriciamento e prima pela parcerização dos equipamentos, retirando o investimento dos serviços públicos. Nesse sentido, a lógica do serviço é modificada, de modo que os parâmetros tanto de atendimento quanto de aferição de qualidade recaem ao modelo biomédico. Dessa maneira, mesmo que com movimentos afeitos a empreender o cuidado de forma biopsicossocial, os trabalhadores da rede parceirizada se veem obrigados a mostrar produção a partir da quantidade de atendimentos realizados e não necessariamente ao vínculo com as/os usuárias/os e familiares, ao compartilhamento continuado e longitudinal do cuidado. O que se quer são números de consultas para compor uma planilha de Excel medicalizada. É ir na contramão do que propõe Merhy (2014) no trabalho com a clínica viva e com as tecnologias leves em saúde, que são justamente da ordem do encontro entre aquele que cuida e a/o usuária/o.

Esse trabalho de conclusão, com isso, buscou sair daqueles ditos relatos jornalísticos profissionais - ainda que a Editora Anabella tivesse pegado bastante em nosso pé. Por mais que as/os usuárias/os desejassem criar uma edição muito próxima dos exemplares que encontramos nas bancas, fugimos daquelas máximas que dizem ser indicado, ou melhor, de bom tom, utilizar o impessoal que se quer imparcial a fim de se ater estritamente aos fatos – vislumbrando um caráter de verificação muito parecido com o dos altares científicos que visam se esconder em caixas-pretas. As muitas vozes da mente fizeram do Jornalar um espaço em que comunamos implicação/resistência com todo o Cais. Nesse sentido, também quisemos afirmar que

¹⁵ Nota Pública sobre a demissão dos Trabalhadores do Imesf. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cms/default.php?reg=376&p_secao=8.

o saber é localizado e não é neutro como diria a pesquisadora feminista Donna Haraway (1995). Nesse sentido, na parte destacada ao projeto da oficina, quisemos fazer a partilha das sujeiras do ateliê e da gráfica, abrindo as tais caixas-pretas político metodológicas que inventamos juntas com as/os jornalistas. Dessa maneira, pensamos ter sido respeitosos com a experiência durante a escrita das nossas memórias, bem como nessa nossa intenção de dividir os procedimentos, na perspectiva de que essa oficina pudesse ser um disparador a outras invenções clínicas, especialmente com criação de personagens como dobra do grupo.

Ainda assim, não foi possível publicar o nome das pessoas que generosamente a construíram conosco. A oficina foi gestada e conduzida com o caráter de ser um dispositivo clínico e não de pesquisa, de modo que não foi passado por um comitê de ética. Dessa forma, os nomes citados ao longo do texto também são ficcionais. Chega até mesmo a se configurar um paradoxo, pois toda a perspectiva do trabalho é a de criação de um corpo comum nas muitas vozes que percorreram a Sala 5, porém, esbarramos nos altares da ciência que não permite colocar o nome de todes sem um termo de consentimento, de maneira que apenas ao pesquisador é permitido assinar – não exatamente na qualidade de um personagem criado pelo grupo. Contudo, cabe ressaltar que há uma extensa discussão ético-política acerca da construção da necessidade dos segredos no interior dos protocolos de pesquisa com seres humanos, uma delas pode ser encontrada em um artigo que trata das caixas-pretas dos procedimentos de pesquisas. Segundo Despret (2011), as funções do que trata por “efeito sem nome” são justamente a produção de uma interioridade e uma relação que hierarquiza o par pesquisador/a-pesquisado/a. Além disso, ela também problematiza o lugar de discursividade das pessoas pesquisadas, quando mesmo fazendo uma grande contribuição com o trabalho, na maior parte das vezes são inseridas apenas no tratamento estatístico. Fazemos essa observação, pois a tarefa que deixamos por último e com grande resistência foi a de trocar o nome das pessoas que fizeram todo o trabalho conosco, porém não irão assinar.

Assim como foi inventado o trabalho e um corpo profissional ao longo dos encontros da oficina, podemos afirmar que “A Voz da Mente” se inseriu como uma política de comunar a resistência a partir da reafirmação de que o cuidado precisa ser em liberdade. O trabalho se deu em meio a todas as durezas de uma política de governo que quer o fim dos investimentos no que é público. Além da questão das políticas de financiamento, cabe destacar os ataques aos marcos legais do SUS,

como a edição da PEC do Teto¹⁶ e da nova PNAB¹⁷ no governo Temer e da nova política do SISNAD em 2019. Além disso, enquanto escrevemos as considerações finais, nos deparamos com grande repulsa a uma aliança entre o Ministério da Saúde e a Associação Brasileira de Psiquiatria. Desta combinação sombria, se avizinha uma proposta com o pesado bafo das torturas com nome de assistência através da tentativa de retomada do modelo asilar de cuidado. As medidas pretendidas vão desde o fechamento de locais de moradia como unidades de acolhimento e residenciais terapêuticos até a reabertura de leitos psiquiátricos de longa permanência. O que, na prática, se configura como uma proposta de alocar os recursos públicos nos grandes manicômios em detrimento dos equipamentos da Rede de Atenção Psicossocial. Estes sim, Leitor, têm medo de se contaminar com a loucura, uma vez que suas práticas são da ordem de retirar da cidade, mediante o trancafiamento nos muros manicomiais. Vale ressaltar novamente que os corpos que ocuparam as instituições totais ao longo da história da psiquiatria brasileira, foram em sua maioria corpos de pessoas negras (PASSOS, 2018). A luta antimanicomial precisa ser antirracista.

Aqui, retomo Foucault (1977), quando escreveu o prefácio à edição americana do *Anti-Édipo*, dizendo que não é preciso ser triste para ser militante, pois a tristeza é um afeto que nos despotencializa. Por mais que o combate seja da ordem do horror do desmonte das políticas assistenciais, a gente precisa enfrentar juntas, com coragem e com a potência dos afetos alegres, da ordem da expansão da vida. Expandimos a vida justamente quando não nos apaixonamos pelo poder.

Nesse sentido, por mais que em nossa primeira edição do jornal, nós tenhamos ficado mais no interior do Caps, por conta de nos vermos obrigados a nos defrontar com as políticas suicidárias à rede pública, pensamos que se pode afirmar que a experiência foi exitosa. Não ocupamos a cidade na perspectiva do transitar, mas o fizemos a partir da construção das entrevistas e coberturas que estavam diretamente ligadas com as políticas que dão condição de possibilidade ao Cais continuar sendo apontamento à loucura. Desse modo, podemos dizer que a oficina, em seu caráter de clínica política, se mostrou como uma potente política de clínica a partir das linhas da diferença. Diametralmente oposta à clínica biomédica, “A Voz da Mente” se insere nessa tensão de como se construir cuidado com os transtornos mentais severos e

¹⁶ A Proposta de Emenda Constitucional 241/16.

¹⁷ Portaria Nº 2.436/17 do Ministério da Saúde.

persistentes, primando pela liberdade, a autonomia e o protagonismo dos sujeitos. Espaço de invenção de mundo que dificilmente seria possibilitado se nos fosse cobrado uma produção limitada somente pelo número de atendimentos realizados.

Nessa perspectiva, com um 2020 tão marcado pelas palavras contágio e contaminação para se falar das perdas decorrentes da pandemia, queremos terminar a residência com um convite, Leitora, à infecção pelo vírus da resistência. “A Voz da Mente” jornalou uma política de comum pelo cuidado em liberdade, uma política de contágio em defesa do SUS e da Luta Antimanicomial.

- Tu não sentes medo de se contaminar com a loucura?

10. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. (Feminismos Plurais/ coordenação Djamila Ribeiro), 2019.

ALVES, Moisés José de Melo. **Ouvindo Vozes e Contando Histórias: Locuções do Eu na Contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2018.

ALVES, Moisés José de Melo, COSTA, Luis Artur. A ficção como Dispositivo para problematizar as tecnologias de si: alter-ego, autoajuda e escrita de si. **Mnemosine**, Vol.15, nº1, p. 352-372, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/45991>. Acesso dia: 01/07/2020.

AMARANTE, Paulo; NUNES, Mônica de Oliveira. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 2067-2074, 2018.

BARROS, Regina Benevides de. **Grupo: a Afirmação de um Simulacro**. Porto Alegre: Sulina/Editora UFRGS (Coleção Cartografias), 3ª ed., 2013.

BRASIL. Casa Civil. **LEI Nº 8.142, DE 28 DE DEZEMBRO DE 1990**. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8142.htm. Acesso dia: 22/08/2020.

_____. Senado Federal. **PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 55, DE 2016 (nº 241/2016, na Câmara dos Deputados)**. 2016.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **PORTARIA Nº 2.436, DE 21 DE SETEMBRO DE 2017**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. Acesso dia: 08/12/2020.

_____. Presidência da República. Secretaria Geral. **LEI Nº 13.840, DE 5 DE JUNHO DE 2019**. Dispõe e altera leis anteriores sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas e as condições de atenção aos usuários ou dependentes de drogas e para tratar do financiamento das políticas sobre drogas. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13840.htm#:~:text=1%C2%BA%20Esta%20Lei%20altera%20a,Art. Acesso dia: 29/11/2020.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria Aparecida Silva. (Orgs.). *Psicologia social do racismo*. Petrópolis: Vozes, p. 25-57, 2014.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi 2ª ed., 19ª reimpressão, 2015.

CAMPOS, Gastão Wagner. A clínica do sujeito: por uma clínica Reformulada e Ampliada. *In: Saúde Paidéia*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

CONCEIÇÃO, Evaristo. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 1ªed., 3ª reimpressão, 2016.

COSTA, Luciano Bedin. **BIOGRAFEMA COMO ESTRATÉGIA BIOGRÁFICA: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

COSTA, Luis Artur & FONSECA, Tania Mara Galli. "O Personagem Conceitual e a Poética Ficcional: Uma Estratégia de Escrita no Empirismo Transcendental". Em: Flávia Cristina Silveira Lemos; Dolores Galindo; Pedro Paulo Gastalho de Bicalho; Flávio Valentim de Oliveira; Igor do Carmo Santos; Arthur Santos; Érica Nazaré Marçal Elmescany; Mário Tito Barros de Almeida. (Org.). **Criações transversais com Gilles Deleuze: artes, saberes e política**. Curitiba: CRV, p. 191-214, 2016.

COUTO, Mia. **Mulheres de cinzas: As Areias do Imperador 1: uma trilogia moçambicana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 9ª reimpressão, 2010.

_____. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 3ª ed., 2013.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. Acerca do Ritornelo. *In: Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, V.4, 2ª ed., p. 121-179, 2012.

_____. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 3ª ed., 2013.

DESPRET, Vinciane. Leitura etnopsicológica do segredo. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 05-28, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03/12/2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença. Um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Introdução à vida não-fascista**. Preface in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento New York: Viking Press, p. XI-XIV, 1977.

_____. **Segurança, Território e População: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **O Nascimento da Biopolítica, Curso dado no Collège de France (1978-1979)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola. 24^a ed., 2014.

GOMES, Bárbara dos Santos. **Encontros Antimanicoloniais nas trilhas Desformativas**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. Redes de poder na América Portuguesa: O caso dos homens bons do Rio de Janeiro, ca. 1790-1822. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 297-330, 1998. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15/07/2020.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Trad. Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso dia: 03/12/2020.

HARDT, Michael. A Sociedade Mundial de Controle. In: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, p. 357-372, 2000.

HOOKS, Bell. **Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso dia 16/07/2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LEADER, Darian. **O que é a Loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

_____. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 3. ed., 2018.

MEDEIROS, Patrícia Flores; BERNARDES, Anita Guazzelli; GUARESCHI, Neuza. O Conceito de Saúde e suas Implicações nas Práticas Psicológicas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, Set-Dez, Vol. 21 n. 3, p. 263-269, 2005.

MERHY, Emerson Elias. **Saúde, a cartografia do trabalho vivo**. São Paulo: Hucitec, 4ª ed., 2014.

ORELLANA, Rodrigo Castro. **Ética para un rostro de arena: Michel Foucault y el cuidado de la libertad**. Tese (Doutorado em Filosofia) – *Facultad de Filosofía, Universidad Complutense de Madrid*, 2004

PASSOS, Rachel Gouveia. “Holocausto ou Navio Negreiro?": inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. **Argumentum**, v. 10, n. 3, p. 10-23, 2018.

PELBART, Peter Pal. Manicômio Mental: a outra face da clausura. *In*: LANCETTI, Antônio. **Saúde Loucura**. n.º 2. São Paulo: Ed. Hucitec, p. 129-138, 1991.

_____. **Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura: Loucura e Desrazão**. São Paulo: Iluminuras, 2ª ed., 2009.

PORTO ALEGRE. Conselho Municipal de Saúde. **Nota Pública sobre a demissão dos Trabalhadores do Imesf**. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cms/default.php?reg=376&p_secao=8. Acesso em: 01/06/2020.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: Subjetividade em tempo de globalização”. *In*: LINS, Daniel (org.). **Cultura e subjetividade: Saberes Nômades**. Campinas: Papius, p. 19-24, 1997.

_____. **Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

ROSE, Nikolas. **Inventando Nossos Selves: Psicologia, poder e subjetividade**. Trad. Arthur Arruda Leal Ferreira. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

SAFATLE, Vladimir. **Bem Vindo ao Estado Suicidário**. São Paulo: N-1 edições, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/004>. Acesso dia: 28/04/2020.

SIBEMBERG, Nilson. Observações sobre a direção do tratamento em um caso de esquizofrenia. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, nº 25, 2003. Disponível em: http://www.apoa.org.br/revista/variantes_da_cura/397. Acesso em: 17/07/2020.

SILVA, Rosane Neves da. A Dobra Deleuziana: O mundo como potência de Invenção. *In*: FONSECA, Tânia Mara Galli e ENGELMAN, Selda. **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2004.

TYKANORI, Roberto. **Contratualidade e Reabilitação Psicossocial**. *In*: PITTA, Ana Maria Fernandes (Org). Reabilitação Psicossocial no Brasil. 3. ed. São Paulo: Hucitec, p. 55-59, 2010.

ANEXO A – Biografema da Editora¹⁸

Anabella Ramirez é filha de pai pobre, mas trabalhador honesto, o senhor João Carlos Ramirez. Seu João nasceu em Uruguaiana-RS e tinha 25 anos quando se tornou pai. Foi deste distinto interiorano da fronteira de quem herdou a paixão sua pelas línguas. Seu velho pai falava português e espanhol, uma vez criado ao sabor do riquíssimo portunhol de sua região. O velho ganhava a vida vendendo peixe no Mercado Público de Porto Alegre. Além disso, em suas horas vagas, era um exímio tocador de músicas gauchescas, nunca se soube afirmar o que era mais imponente o violão ou o seu marcante bigode gaudério.

Mariana Rosa Ramirez, natural de Rosário do Sul. Foi mãe tarde para os padrões de sua época, ganhou Anabella quando já tinha seus 24. Junto ao trabalho com o lar, fazia tricô e crochê “para fora”, além de os vender em uma loja da cidade. Trabalhava tanto para complementar a renda da família que desenvolveu bursite por conta da tamanha produtividade – foi no período em que os gastos com a reforma da casa e a escola da filha apertaram o laço sobre a família. Nos jantares deste período, era comum reclamar das dores no ombro para o marido, a fim de que o companheiro entendesse que ao menos a louça poderia ser a sua tarefa doméstica. Bem verdade que Anabella poderia, ou melhor deveria fazê-lo, já era bem crescida, pensava a dona Mariana. No entanto, como filha única, a nossa editora era bastante protegida por seu pai que sempre afirmava que a menina precisava estudar para ser alguém na vida e não ficar nesses empregos que não pagam nada e sugam a vida dos trabalhadores. A relação dos dois era muito estreita, mas quando era para burlar as regras mais patriarcais dessa relação, como sair para tomar um sorvete com alguém interessante do bairro, ou voltar tarde da rua, dona Mari era a confidente e por inúmeras vezes a sua grande cúmplice.

Seus pais namoraram cerca de dois anos e se casaram. O casal se conheceu em uma festa de aniversário da Igreja da Trindade, no bairro Navegantes já aqui na Capital. João tocava as suas canções da fronteira e bem longe do palco, o lisonjeiro bigode poderia ser visto. A quermesse foi regada a boa música gaúcha e um grande

¹⁸ Esse biografema foi construído colaborativamente ao longo de três encontros da oficina.

churrasco beneficente, a fim de se efetuar a troca dos bancos da Paróquia – estes sim, denotavam a passagem dos anos daquela pequena nave.

Esta mesma Igreja abrigou o casamento dos pais de Anabella. Foi uma festança do interior, uma vez que ambas as famílias fizeram questão de estar presentes no evento. O Padre, naquela tarde chuvosa de sábado, havia tomado todo o vinho, mas mesmo um tanto quanto alterado, foi capaz de celebrar a bela união de Carlos e Mariana. Obviamente, o cerimonialista fora convidado de honra ao festerê que invadiu a madrugada. Todos se recordam de como era desafinado o tal do padre gremista – lá pelas tantas, com umas cachaças a mais em conjunto àquele vinho consagrado, ele confessou o seu time do coração, algo que fora motivo de aposta entre os familiares (dinheiro que se somou ao recolhido dos cortes da gravata do noivo).

Deste matrimônio, nasceu a nossa estimada editora: Anabella Ramirez. Nasceu em Porto Alegre, no dia 15/03/1979, no auge do fim da Ditadura Civil-Militar. Dona Mariana deu à luz às 21h30, no Hospital da Beneficência Portuguesa. Durante o parto, foi necessário o uso de fórceps – seu Carlos não conseguiu participar desta decisão, pois chegou dois minutos após a equipe do hospital optar pelo procedimento. Parto humanizado foi uma temática bastante explorada durante a carreira jornalística de nossa estimada editora, uma vez que o trauma daquele episódio se reatualizou inúmeras vezes em sua família.

Anabella sempre foi muito estudiosa e trabalhadora. Mesmo já acompanhando o seu pai ao mercado desde cedo – no entanto, a sua vida remunerada iniciou somente quando tinha 17 anos – ela passou direto do segundo grau (hoje, ensino médio) para a faculdade. Assim como seu pai, o seu primeiro emprego com carteira assinada foi no Mercado Público. Ali, bastante afeita ao contato com as pessoas, com grande desenvoltura vendia sorvete na banca 40. A sua banca ficava a uns três corredores da peixaria do seu pai.

Anabella, desde muito nova adorava escrever. Há boatos que até hoje os seus diários estão guardados na casa de sua mãe, desde os da mais tenra idade. Esse desejo pela escrita, as fofocas do Mercado, do colégio e da comunidade se converteram em profissão: Jornalismo. Não à toa, logo que terminou o terceiro, matriculou-se no curso de Comunicação Social da PUC-RS – já que este oferecia grade curricular no período noturno, pois como boa aluna trabalhadora precisava conciliar as disciplinas e a ajuda no sustento de casa.

No segundo ano de faculdade, Anabella deu início ao seu período de tratamento em saúde mental. Seu João Carlos, ou melhor o seu Ramirez da banca 03, não era grande fã de cigarros americanos, tampouco de fumar. Contudo, o fazia para amenizar o cheiro de peixe que lhe impregnava as mãos e as suas estimadas madeixas – era moda na época deixar o cabelo crescer como os do meia-cancha Falcão, seu eterno ídolo Colorado. Dessa forma, se tornou adepto do fumo de corda, dado ao seu odor mais marcante. O velho Ramirez comprava o produto das mãos do padrinho de Anabella, amigo de longa data dos anos de Mercado.

Ninguém sabe ao certo, mas todos acreditam que essa prática tenha sido fatal ao carismático peixeiro. É aí que os dispositivos da rede de saúde mental se encontram com os caminhos trilhados por nossa editora. Certo dia, Anabella sentiu um mal súbito repentino, logo que ouvira uma gritaria incomum até mesmo a agitação de seu local de trabalho. Como estava em horário de trabalho tentou segurar as pontas e a curiosidade, mas não conseguiu. Assim, estava se dirigindo a enfermaria do Mercado que ficava próxima aquele farfalhar, quando no meio do caminho encontrou o seu padrinho. Este foi incumbido a difícil tarefa de lhe comunicar. Aquela sensação estranha que havia lhe tomado logo fora desvelada: seu Ramirez tivera um infarto irreversível a poucas bancas de distância. Anabella foi tomada por um choro incontrolável, que a acompanhou durante os momentos seguintes de sua vida.

Após esse episódio, ela caiu em uma forte depressão e precisou de um longo período de tratamento. E não fora uma brincadeira. Anabella ficou dois meses internada em hospital psiquiátrico do município, a vida já não fazia sentido naquela época. Como viver sem o pai? Desse modo, quando teve alta, foi levada ao Centro de Atenção Psicossocial da região central de Porto Alegre, o que conhecemos e carinhosamente chamamos até hoje de Cais Mental. A jovem estudante de jornalismo esteve neste serviço durante dois anos e teve alta para o seu território, ficando vinculada a UBS Navegantes.

Foram seis longos anos entre trabalho faculdade e tratamento e, enfim, chegara o grande dia: Formandos de 2002. Normalmente são oito semestres, porém devido ao período de cuidado mais intensivo com a sua saúde mental, Anabella levou um pouquinho mais de tempo. Seus colegas de início de curso, mesmo já formados, fizeram questão de prestigiar esse grande momento. A jovem jornalista aprendeu que falar abertamente sobre a sua questão seria de importante valia para enfrentar o estigma de ser usuária de saúde mental, bem como ajudar outras pessoas a

reconstruírem as suas vidas através de seu exemplo. Dessa forma, era bastante querida por todos de sua faculdade.

O dia amanheceu lindo, céu de Brigadeiro, perfeito à comemoração. O evento teve início às 17 horas, no Anfiteatro da PUC. Anabella foi uma das primeiras a serem convidadas a receber o diploma das mãos do Reitor da Universidade. A sua toga adornada com tons vermelhos se misturava com a decoração do salão. O traje recobria um lindo vestido preto que ganhara de presente de formatura de sua mãe. Quando o cerimonialista anunciou o nome da Anabella a família inteira caiu em lágrimas, tal qual a formanda que se desmanchou. Ao som de: “Canção para você viver mais” – do conjunto Pato Fu – ela emocionou a todos. Especialmente dona Mariana Rosa, que chorou durante toda a formatura. O encontro da mãe com a filha oficialmente formada foi o momento mais feliz de todo aquele rito. Dona Mari fez questão de quebrar o protocolo e invadiu a saída dos formandos para abraçar a sua filha no meio da fila. Todo o teatro aplaudiu a cena, pois a oradora da turma fez questão de dar um destaque especial a história de nossa editora.

Como não poderia deixar de ser, após toda essa longa trajetória, o Bar Opinião ficou pequeno. Anabella entrou arrasando com o seu vestido preto, foi uma linda festa na Cidade Baixa. Foram vários estilos musicais, para atender todos os gostos: rock nacional, jazz, MPB, finalizando com uma sambão! Anabella tem uma memória avivada dos canudinhos de camarão daquela noite - patrocínio dos colegas de peixaria de seu pai. Madrugada adentro, o pessoal revolucionário da turma assumiu a mesa de som e puxaram o *Bella Ciao*, com todos muito empolgados – só precisavam ter cuidado com alguns cacos de garrafa de cerveja esparramados pelo chão do bar, o que denota o quão memorável fora aquela noite.

A nossa Redatora fez pós-graduação em Saúde Mental, se tornando especialista com um trabalho de conclusão acerca dos novíssimos protocolos de tratamento humanizado no Sistema Único de Saúde, tema bastante em voga no início da década em que se formou. Anabella é uma pessoa bastante íntegra, disciplinada e bondosa. Durante a sua carreira jornalística trabalhou em vários locais. Foi assessora de imprensa nos seus três primeiros anos depois de formada, fez produção e cobertura de eventos culturais em Porto Alegre, também escreveu colunas em alguns jornais, com o foco em temas como Direitos Humanos, uma vez que é ferrenha defensora do SUS. Hoje, referência no município nas matérias sobre saúde, em

especial as da saúde mental, dedica algumas horas de voluntariado no Cais como Editora-Chefe do Jornal reavivado pelos usuários: A Voz da Mente.